



Vera Lúcia  
Marinzeck  
de Carvalho

*Pelo espírito Antônio Carlos*

# O MORRO DOS VENTOS

Médium do best-seller *Violetas na janela*

)) Academia

# **O MORRO DOS VENTOS**

Vera Lúcia  
Marinzeck  
de Carvalho

*Pelo espírito Antônio Carlos*

**O MORRO  
DOS VENTOS**

Copyright © Vera Lúcia Marinzeck de  
Carvalho, 2018

Copyright © Editora Planeta do  
Brasil, 2018

Todos os direitos reservados.

*Autoria:* Antônio Carlos

*Psicografia:* Vera Lúcia Marinzeck de  
Carvalho

*Preparação:* Carla Fortino

*Revisão:* Érica Alvim e Maria Aiko  
Nishijima

*Diagramação:* 2 estúdio gráfico

*Capa:* Companhia

*Imagens de capa:* Rui Almeida  
Fotografia / Getty Images

*Adaptação para eBook:* Hondana

DADOS INTERNACIONAIS DE  
CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
(CIP)

ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Carlos, Antônio (Espírito)

O morro dos ventos / obra do  
espírito Antônio Carlos  
psicografada pela médium Vera  
Lúcia Marinzeck Carvalho. - São  
Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

ISBN 978-85-422-1245-7

1. Ficção espírita 2. Obras  
psicografadas I. Título II.

Carvalho, Vera Lúcia Marinzeck  
de, 1948-

18-0062

CDD: 133.93

Índice para catálogo sistemático:  
1. Ficção espírita

2018

Todos os direitos desta edição  
reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL  
LTDA.

Rua Padre João Manuel, 100 – 21º  
andar

Ed. Horsa II – Cerqueira César

01411-000 – São Paulo-SP

[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)

[atendimento@editoraplaneta.com.br](mailto:atendimento@editoraplaneta.com.br)

# Sumário

1. A reunião
2. A professora de inglês
3. Lembranças de Valéria
4. Novos amigos
5. Promessa de ajuda
6. O agrônomo
7. O grupo
8. O primeiro auxílio
9. Aprendendo com o grupo

10. Novamente reunidos
11. Socorro aos necessitados
12. Encontro com crianças e jovens
13. Carmélia, a Moça de Branco
14. Grupo de estudo
15. Desentendimento no namoro
16. Entendendo-se com a mãe
17. Cinco anos depois

Alice, uma aluna de oito anos da escola municipal, foi ao banheiro. Estava com muita vontade de fazer xixi e não podia esperar pelo recreio. Encontrou-se com Florsinda limpando o corredor.

— Acompanhe-me, por favor, ao sanitário — pediu a garota.

Florsinda, cumprindo ordens, parou seu trabalho e

acompanhou a menina.

As duas entraram no banheiro, que era grande, limpo e bonito. Rápida, sem olhar nem para os lados, Alice entrou numa cabine e encostou a porta. A faxineira a esperava ansiosa, não queria ficar ali. Combinaram, os funcionários, que todos juntos limpariam aquela parte do prédio; levavam um radinho de pilha, ligavam-

no para tocar músicas em som alto e rapidamente faziam a limpeza.

Alice saiu logo, abriu a torneira para lavar as mãos e, quando olhou para o lado esquerdo, viu o vulto.

Florsinda aproximou-se da garotinha e tocou em seu ombro para levá-la para fora. Viu também a moça vestida de branco. O vulto deveria ter um

metro e sessenta centímetros, seus cabelos eram louros e compridos. Não dava para ver direito o rosto. Escutaram:

— *Se destruir meu lar, venho para cá!*

Puxando a garota, que não conseguia se mexer, a funcionária conseguiu, empurrando-a, sair com ela para o corredor. Então Alice

gritou:

— Ai, meu Deus! Acuda! Vi a Moça de Branco!

— Não grite! — pediu a funcionária, que também estava apavorada.

A menina gritava desesperada.

Professores e alunos saíram das salas; a diretora, apressada, veio ao corredor e pegou Alice no colo.

— Aquiete-se, meu bem,  
você está comigo!

O ocorrido assustou a todos.

# 1

## A reunião

O prefeito aguardava ansioso o horário de a reunião começar.

— Não posso deixar este projeto parar, terminar, não posso! — exclamou em voz alta.

Estava sozinho em seu

gabinete, e a reunião seria ali. Chamou e insistiu para que todos os vereadores viessem. O município era pequeno, ele não entendia como conseguiram, cinquenta e seis anos atrás, emancipá-lo.

— Dizem — continuou falando sozinho e em tom alto — que o senhor Evaristo, querendo ser prefeito, fez muitas coisas para que isso

ocorresse: uma delas, não sei se é verdade, era que ele era amante da esposa do governador. Por aqui, antes, tudo era mais difícil; Morro dos Ventos era distrito de uma cidade que é perto daqui. Tornando-se município, tudo ficou mais fácil para seus moradores.

Mexeu nos papéis, pegou a folha escrita com os itens sobre

os quais ia falar. Releu e aprovou.

— Está tudo aqui, escrevi e rescrevi muitas vezes. Tomara que venham todos.

Eram sete os vereadores, e dois moravam na zona rural.

Ivone, a única funcionária da Prefeitura, bateu na porta.

“Com certeza, falando sozinho, ela pensa que a chamei”, pensou o prefeito

Soares.

— Pode entrar! — ordenou ele com sua voz possante.

Uma mulher aparentando ter quarenta anos, magra, alta, vestida discretamente e com os cabelos presos num coque, abriu a porta, sorriu e informou:

— O vereador Edney chegou.

— Faça-o entrar e peça para os outros fazerem o mesmo,

não precisam ser anunciados — ordenou Soares.

“Edney sempre é pontual, sei que é competente, mas não gosto dele. Quer ser o próximo prefeito. Tenho de estar atento, senão o hotel sairá na gestão dele. Isso eu não quero. Precisa estar tudo pronto comigo na Prefeitura.”

Após cumprimentos, Edney perguntou:

— Do que se trata esta reunião secreta?

— Não é secreta — respondeu o prefeito. — Como fazer algo secreto nesta cidade? Somente não é pública. Quanto ao assunto, espere um pouco, falarei a todos.

“Fingido!”, pensou Soares. “Como não saber do que se trata?”

Em oito minutos chegaram outros cinco.

— Passei pela fazenda do Ribeiro, e ele pediu para avisar que não pode vir, pede desculpas e diz que concorda com a maioria — falou o outro vereador que também residia na zona rural.

— Sendo assim — determinou Soares —, podemos começar.

Levantou-se, fechou a porta e a trancou. Voltou para o seu lugar. Todos se sentaram em volta da mesa. Esforçando-se para falar mais baixo, começou a reunião.

— Pedi que viessem porque nossas reuniões de quinze em quinze dias na Câmara são abertas ao público e sabemos bem que pelo menos de uns dez a quinze cidadãos não perdem

uma. Com certeza muitos já sabem desta reunião, pedi para dona Ivone não deixar ninguém entrar e trancar a porta da Prefeitura. Não será nem servido o cafezinho.

— Muitos irão querer saber o porquê de nos reunirmos — disse Edney. — Até eu estou curioso.

— Falarão que foi para tomar providências sobre o hotel.

— Hotel! — exclamou Rogério. — A salvação do município!

— Estamos reunidos aqui para que o projeto seja executado — o prefeito estava inquieto. — Por favor, não me interrompa.

Pegou a folha de seu rascunho e leu:

— Nosso município não tem

crescido. Embora tenha sido idealizado para ser uma cidade de porte médio, continuamos com os mesmos números de habitantes há vinte anos. Nossa escola, construída com dinheiro do estado, tem apenas um pouco mais da metade de sua capacidade ocupada. A Prefeitura também foi construída para uma cidade maior — o prefeito suspirou. —

Faltam oportunidades de emprego. Nossa arrecadação é pequena. Embora seja uma cidade litorânea, de temperatura agradável, boas praias, nada acontece. Até que essa rede de hotéis se interessou por esta cidade. Lembro-os de que interfeiri na negociação, eles compraram o morro. Foi difícil encontrar os herdeiros, abri mão de impostos

atrasados e...

Os vereadores, por já terem escutado muitas vezes sobre o mesmo assunto, não conseguiram, por mais que se esforçassem, prestar atenção. Um brincava com a caneta, e outros olhavam para ele, mas, por suas expressões, demonstravam que estavam pensando em outras coisas. Notando isso, Soares foi direto

ao assunto.

— O fato é que, com esse hotel grande, todos nós nos beneficiaremos, isso já foi exposto e muito comentado. Pode-se fazer turismo e, na zona rural os produtos dos horticultores serão mais bem vendidos; os turistas aqueceriam as vendas do comércio, o hotel daria emprego para muitas pessoas, e nosso

município cresceria. Mas isso está fadado a acabar.

Todos se assustaram:

— O quê?!

— A rede hoteleira desistiu?

— Explique!

— É grave a situação —

Soares dramatizou —, por isso a reunião. Com os últimos acontecimentos, temo que desistam. Precisamos tomar decisões, e rápido. — Pegou a

folha de papel, seu rascunho, e  
leu: — Dois acidentes, sendo  
um fatal.

— Posso opinar? —  
interrompeu Rogério.

Como ninguém respondeu, o  
vereador Rogério argumentou:

— Sabemos muito bem como  
será importante esse hotel vir  
para o município. Compreendo  
que temos de tomar

providências, e urgente. Como?  
Quais?

— Foi para isso que os  
convoquei — expressou o  
prefeito. — Ficamos todos  
contentes quando a compra foi  
realizada. A economia já  
melhorou quando a equipe de  
demolidores veio para cá. Nosso  
hotelzinho lotou, muitos foram  
empregados, as vendas no  
supermercado aumentaram,

assim como nos bares e restaurantes. Todos pensam em expandir seus negócios. Quando começar a construção, o movimento será maior, porque, no momento, estão somente demolindo o casarão. Porém, soube, porque fui ontem lá para conversar, que dois empregados responsáveis foram chamados à capital do estado onde residem os proprietários da rede

hoteleira. Foram chamados para dar explicações.

— O fato é que os trabalhadores estão com medo — interrompeu Edney.

O prefeito o olhou sério, todos sabiam que ele gostava de falar, por isso repetia muitas vezes o mesmo assunto e detestava ser interrompido. Depois de uma pequena pausa, Soares voltou ao assunto com

que estava preocupado:

— Meu temor é que desistam. O primeiro acidente foi com um morador local, ele quebrou a perna direita. Contou para todos, repetiu o acontecimento muitas vezes. Embora todos nós já saibamos, vou lembrá-los. Ele disse que ia distraído levando ferramentas para a casa quando escutou: “Não desmanche o que é meu!”.

Assustado, olhou para os lados e não viu ninguém, aí sentiu alguém empurrá-lo. Tropeçou e caiu. Feriu a testa, um corte em que levou oito pontos, a ferramenta que carregava bateu em sua testa quando, pelo susto, ergueu as mãos. No tombo, quebrou a perna.

— Para muitas pessoas ele contou diferente — Edney interferiu.

— Ora, por favor, senhor vereador, não me interrompa! Todos nós sabemos como se comentam fatos nesta cidade. Fui visitar esse operário e exigi que me contasse a verdade.

— Ameaçou-o? — perguntou Edney.

O prefeito suspirou e nem olhou para a pessoa que o interrompera. Continuou a

falar.

— Escutamos muitas versões: que ele viu um vulto de branco, que ela sussurrou ao seu ouvido, que o empurrou... Ele me prometeu dizer a verdade. Embora tenha me afirmado que não falou mais do que isso, não acredito, o trabalhador gostou de ser alvo de comentários, da fama. Ao visitá-lo o fiz entender a

gravidade da situação, ele não teria mais emprego se o pessoal do hotel desistisse e que sua esposa, que espera ser empregada como camareira, não será contratada. O operário se assustou e prometeu falar a todos que somente tropeçou e caiu.

Dessa vez, ele fez uma pausa, e três vereadores perguntaram ao mesmo tempo:

— Acreditarão nele?

— Dará certo?

— E a morte do outro?

— Lembro-os — Soares

respondeu — que é para

encontrarmos soluções que

estamos reunidos. Se

acreditarão, não sei, mas talvez

amenize a situação. A morte do

outro empregado é um mistério.

Todos os que estavam lá

contaram a mesma coisa.

Ouviram um grito alto, depois outro abafado e o barulho de ele cair de uma grande altura. Correram e o encontraram caído de olhos abertos, arregalados, nas pedras.

O prefeito suspirou, e muitos também o fizeram.

— Temos conhecimento — opinou Edney — de que o lugar é perigoso. Para demolir a casa, são necessários cuidados

especiais, e não foram usados equipamentos de segurança. O morro é um lugar de rara beleza, e foi isso que chamou a atenção dos compradores. Fica entre duas praias: na da direita, o mar é calmo, a areia é solta e branquinha; na praia à esquerda, as ondas são altas, próprias para surfe e aventuras. Nossa cidade está atrás da praia calma. O morro, por ser o local

mais alto, quatrocentos metros, recebe ventos do continente e do oceano. A ventania produz muito barulho, e a casa, muito mais, são portas e janelas que batem. Isso assusta, e, mais ainda, por ter o local fama de assombrado. Lá, a temperatura é agradável o ano todo, o vento refresca e dá para ver a região, a paisagem, que é belíssima. Pelo

projeto deles, no lugar da antiga escada, farão outra muito mais segura, como também uma rampa, a estradinha será modernizada e asfaltada. Voltando ao assunto do operário que faleceu no acidente, ele estava tirando uma janela que ficava perto do penhasco. Antes ali havia uma mureta de proteção que foi destruída. Caiu de uma altura de mais de cem

metros, seu corpo bateu nas pedras.

— Isso foi grave! — suspirou o prefeito.

— Por que ele gritou antes? Só pode ter visto a Moça de Branco — falou um dos vereadores.

— Por favor, não fale isso! Não mencione essa tal moça! — pediu outro.

— Vamos voltar ao assunto

da reunião — pediu Edney. — Falar de fatos ocorridos não resolve. Temos mesmo de afirmar, e com convicção, que essa moça não existe.

— Se o fato tivesse ficado somente no casarão do morro! Porém o fenômeno se espalhou! — exclamou o vereador Rogério.

— Na casa do morro, poderíamos dizer que era

somente o vento, nada mais do que isso — opinou Edney.

— Não admito — exaltou-se Adolfo, o vereador mais velho da equipe — que digam que isso não ocorre, que a ruína, que foi no passado a principal construção do município, não é assombrada. Minha filha, há quatros anos, foi ao casarão do morro, fez uma aposta com os irmãos de que iria lá sozinha.

Foi e viu somente ruínas, pinturas desbotadas e poucos móveis, porque os que não foram levados pela família, infelizmente, foram roubados. Minha filha foi ao andar superior, a construção é um sobrado, entrou num quarto e viu uma penteadeira velha com um espelho roto; curiosa, olhou no espelho e viu, além de sua imagem, a tal moça a olhando.

Virou-se para trás e não viu nada; novamente fitou o espelho e viu a mulher. Minha menina não mente, e o que conto é a pura verdade. Depois de ter visto a moça por duas vezes, ela se afastou andando devagar, saiu do quarto, desceu as escadas e depois correu; quando se encontrou com os irmãos, que a esperavam no

pátio da casa, começou a chorar, assustando a todos. Levaram-na para nosso lar e minha filha ficou estranha, apática, não conseguia falar, ficou três dias muda. Chamamos a finada dona Chiquinha para benzê-la e foi somente depois que a benzeu que ela falou e contou o ocorrido.

— Não duvidamos desse fato —  
— defendeu-se Edney. —

Muitas pessoas idôneas da cidade viram a tal moça vestida de branco no casarão.

— Dona Chiquinha, a senhora está fazendo falta! — exclamou Rogério.

— Ela somente benzia os vivos. Não sabia cuidar dos mortos — lembrou Adolfo.

— Mas ela faz falta, talvez soubesse como resolver esse caso de fenômenos psíquicos —

palpitou Rogério.

— Fenômenos o quê? —  
perguntou outro vereador.

— Esses fatos que ocorrem  
— respondeu Rogério —, dizem  
ser fenômenos “psíquicos”, li  
isso num livro. Podemos dizer  
também, penso que para nós é o  
que mais se adapta,  
“sobrenaturais”.

— Falamos, falamos, e  
ninguém tem ideia de como

resolver esse problema — falou um deles.

— Pior — queixou-se o prefeito —: a diretora da escola e alguns habitantes têm me cobrado solução. Como se o prefeito fosse o todo-poderoso e pudesse com tudo.

— Foi eleito para isso — Edney sorriu. — Para resolver problemas.

— Mas não os sobrenaturais!

— defendeu-se Soares. — Nem dos naturais dou conta.

— Se não fosse o problemão da escola — opinou Rogério, repetindo o que havia sido dito —, poderíamos afirmar que os ocorridos na casa do morro são somente ventos. Quando venta forte, faz barulho: muitos pensam que alguém canta; outros, que geme; e, lá no casarão, batem portas, janelas,

movimentam-se os pedaços de lustres e, isso assusta ainda mais quando se sabem as histórias do lugar.

Calaram-se por segundos, todos pareciam estar pensando. O silêncio foi quebrado por Rogério, que exclamou, falando em tom baixo.

— A professora!

— O quê?! Você disse

“professora”? Que professora?  
— perguntou o prefeito.

— A de inglês — respondeu Rogério.

— Explique, por favor — pediu Soares.

— Todos nós sabemos — Rogério tentou esclarecer — que a professora nova de inglês veio de uma cidade grande que tem fama de ter grupos que estudam esses fenômenos.

— Nunca ouvi dizer que alguém estudasse casos de assombrações — o prefeito suspirou.

— Fenômenos psíquicos — lembrou Rogério.

— O que a professorinha tem a ver com esse assunto? — indagou Adolfo.

— Nós sabemos — respondeu Rogério — que todos os estudantes estão gostando

dessa professora. Ela tem dado aulas de reforço para a oitava e a sétima séries e, à noite, para adultos. Edney e eu estamos matriculados, duas vezes por semana vamos à escola, onde uma turma de dezesseis pessoas tem aprendido inglês. Ela ensina bem. Estamos empenhados em falar o básico para atender os futuros hóspedes estrangeiros do hotel.

Soares olhou para os dois vereadores.

“Com certeza ambos estão interessados na professorinha, que não é bonita, mas simpática e educada. Edney é viúvo há três anos, tem dois filhos que ficam muito com seus sogros, e Rogério é solteiro.”

— Talvez — continuou Rogério após uma ligeira pausa — o senhor prefeito pudesse

conversar com Valéria, perguntar se ela conhece algum grupo que possa vir aqui para nos livrar desse fenômeno.

— Não ficará caro? — perguntou Soares. — Estamos sem verbas.

— Primeiramente, converse com a professora — falou Adolfo. — Se quiser, participo dessa conversa. Se ela conhecer algum grupo ou alguém, vamos

pedir para ela entrar em contato. Talvez eles não cobrem caro, mas teremos de hospedá-los. Quanto a pagar, para termos dinheiro, podemos abrir mão dos nossos salários, do que recebemos como vereadores. Se é para resolver o problema e o hotel sair do papel, hospedo-os em minha casa.

“Todos nós”, pensou Soares,

“sabemos que Adolfo se beneficiará muito com o hotel. Ele é dono de muitos terrenos na cidade, tem projeto para, num deles, o mais bem localizado, construir lojas e, no andar superior, apartamentos. Fará duas grandes lojas de artigos de praia para os filhos”.

— Vamos concordar, pois foi a única ideia que tivemos — falou outro vereador.

— Convidarei então a professorinha para vir aqui conversar — determinou o prefeito.

Soares foi interrompido por Edney.

— Valéria, é esse o nome dela.

— Eu sei — falou o prefeito, expressando ter achado ruim ser mais uma vez interrompido —, lembro-os de que fui eu

quem a contratou. Coloquei anúncios em jornais de três cidades e somente ela se interessou. Voltando ao que falava, vou convidar a professora de inglês para vir à Prefeitura depois de amanhã, às quatro horas. Sei que, nesse dia, quinta-feira, e a essa hora não estará dando aulas. Vou escrever no cartão da Prefeitura o convite para vir tomar chá, café, algo

assim. Gostaria de ter pelo menos dois de vocês para nos fazer companhia. Farei o convite ainda hoje, dona Ivone irá à escola levá-lo. Alguém tem alguma outra sugestão? — Como ninguém respondeu, o prefeito indagou: — Quem virá quinta-feira aqui?

— Eu virei à reunião — afirmou Adolfo.

Edney e Rogério também

confirmaram.

— Ótimo! — exclamou o prefeito. — A reunião está encerrada! — Abriu a porta e gritou: — Dona Ivone!

Os vereadores saíram, e Soares rapidamente escreveu o convite no cartão de visita, ordenando à secretária:

— Vá à escola e entregue isso à professora Valéria, a professorinha de inglês.



# A professora de inglês

Valéria admirou-se quando a diretora bateu na porta da sala onde estava dando aula e comunicou:

— Professora, por favor,

venha aqui ao corredor um momento. E, vocês, alunos, fiquem quietos, porque ela já volta.

A moça saiu da sala e viu a funcionária da Prefeitura parada ao lado de sua superiora, que lhe sorriu. Recém-chegada à cidade, estava conhecendo muitas pessoas ultimamente, lembrou-se da mulher que estava à sua frente.

— Minha querida —  
informou a diretora —, esta é a  
secretária do prefeito e veio lhe  
trazer uma encomenda dele  
para você.

Sempre sorrindo, Ivone lhe  
entregou um envelope.

— Espero resposta, que pode  
ser oral — disse a senhora.

A jovem mestra abriu o  
envelope, pegou o cartão de  
visitas da Prefeitura e o virou. A

diretora aproximou-se para lê-lo:

“Prezada professora de inglês, dona Valéria: Convido-a para vir à Prefeitura na quinta-feira, dia dezessete, às dezesseis horas, para tomar café comigo e com três vereadores. Essa reunião de utilidade pública é para que a conheçamos melhor. Espero que aceite nosso convite. Atenciosamente, prefeito

Soares.”

Valéria olhou para a diretora, que, primeiramente, fez sinal de afirmativo com a cabeça e depois opinou:

— Você deve ir, não se pode recusar um convite da autoridade máxima do município.

— Por favor — pediu Valéria —, diga para o senhor prefeito que aceito o convite, estarei lá

no horário combinado. Muito obrigada!

A diretora afastou-se com Ivone, ela entrou na sala e continuou dando a aula, mas se preocupou: “O que será que o prefeito quer de mim? Serei dispensada? Logo agora que começo a gostar do lugar e da escola, onde os alunos são poucos em cada classe, o prédio é grande e limpo, e as pessoas,

educadas. Estou curiosa!.”

No intervalo, no recreio, a jovem mestra foi à diretoria e indagou à sua coordenadora:

— A senhora sabe o porquê de o prefeito querer falar comigo? Serei dispensada?

— Não! Isso, não! Eu mesma falei com ele que você tem se portado bem, que os alunos têm gostado e aprendido com suas

aulas. Não fique curiosa. O prefeito e os vereadores, nesta cidade pequena e pacata, não têm muito o que fazer; para mostrar serviço, dizer que se preocupa com todos e com a escola, convidou-a para lhe informar que estão atentos à educação. É um convite social, com certeza perguntarão se está gostando, se precisa de algo, coisas assim.

Valéria suspirou, aliviada. Agradeceu, saiu da sala da diretora e, no corredor, encontrou-se com duas alunas da segunda série.

— Professora, Magali fez xixi na calça — contou uma das garotinhas.

— Por quê?

— Fiquei com medo de ir ao banheiro — respondeu a menina.

— Venham comigo, vamos ao banheiro, tentarei enxugar sua calcinha e pedirei à dona Vanda para limpar o chão. Onde você fez xixi?

A menina falou, e a professora pediu para a faxineira limpar o chão do corredor.

— Meu Deus! — exclamou Vanda. — Ultimamente as crianças têm feito xixi no pátio,

e esta é a terceira aluna, nesta semana, que fez no corredor.

De mãos dadas com as meninas, Valéria entrou no banheiro feminino. Uma delas correu para o vaso sanitário, e ela ajudou a outra garotinha a se secar, esperou que lavassem as mãos e saíram. Depois foi usar o banheiro feminino dos trabalhadores daquele local de ensino.

“Quem fez essa escola idealizou, com certeza, que o município iria crescer muito. O primeiro prefeito a fez muito grande; muitas salas de aulas estão vazias, existem muitos banheiros: dois para as meninas pequenas e dois para as maiores, assim como para os meninos; além de um feminino e um masculino para os adultos e mais dois para os professores.

Todos grandes, espaçosos, com vários sanitários e pias.”

Sentiu-se observada no banheiro, olhou para os lados, apressou-se e, ao sair, pareceu ter escutado um riso.

“Meu Deus! Estou sendo influenciada!”

A diretora deu ordens para que, no recreio, ficasse algum adulto nos banheiros; escalou os

professores e também determinou que usassem somente um sanitário feminino e outro masculino, fechando os demais. Duas vezes por semana Valéria ficava no banheiro feminino. E, como havia somente dois professores, eles se revezavam no masculino. Sem ser no recreio, ninguém queria ir ao sanitário sozinho, e isso estava complicando a rotina

da escola. Quando um aluno estava muito necessitado, quem estava dando aula tocava um sininho e a auxiliar de limpeza acompanhava o estudante.

Enquanto andava pela escola, não podia deixar, como fizera muitas vezes, de admirar o prédio, que era bem repartido, pé-direito alto e com grandes janelas. No meio da construção, ficava a diretoria, a sala dos

professores; do lado direito, as salas de aula das crianças menores, o pátio de recreação dos pequenos infantes, quadras menores de vôlei, basquete, futebol e um parque com areia; do lado esquerdo, onde lecionava, havia, como do outro lado, salas, e várias sem uso, mas todas equipadas com mesas, cadeiras, carteiras e estantes. O pátio desse lado era

maior, com quadras de jogos onde os alunos aproveitavam o horário de recreio para jogar, podendo usá-las nos finais de semana. Era nos pátios que tinham aulas de atividades esportivas, e o professor de educação física, quase todos os domingos, pela manhã, dava aulas de natação no mar e, para alguns, de surfe.

Quando escutou o sinal que

avisava sobre o término do recreio, Valéria se dirigiu para a sala onde estava sendo aguardada.

Eram os alunos do último ano os mais atrasados. Infelizmente a professora anterior de inglês era uma senhora idosa que não havia se especializado, tinha se aposentado havia dois anos e fora substituída por um

professor que residia em outra cidade e que faltava muito. Teve de começar pelo início, conversou com a diretora e passou a dar a mesma matéria para as quatro séries. Aí teve a ideia de dar aulas nos sábados, pela manhã, para os alunos dos dois últimos anos. Todos vinham das oito até as onze horas à escola, e ela ensinava,

explicava a matéria, incentivava a conversação e tentava tornar esse estudo interessante.

Atenta ao que ensinava, mesmo assim não conseguiu deixar de pensar no convite que recebera. O que o prefeito queria falar com ela? Não estava ganhando mais por esse trabalho extra, nada pediu por isso. Ao planejar essas aulas, o fez pensando somente em

ensinar a garotada.

“Está sendo bom para mim ocupar meu tempo, muito mesmo”, concluiu.

Às noites, quando começou a dar aulas para adultos, primeiramente vieram dez alunos, inclusive a diretora e três professores, mas esse número logo aumentou para dezesseis. Com os comentários de que estavam gostando e

aprendendo, houve mais procura, mas a primeira turma estava mais adiantada, então Valéria os separou e formou a segunda. Assim, lecionava à noite, normalmente por duas horas, às terças e quintas-feiras, para os que começaram antes, e às quartas e sextas-feiras para os que vieram depois.

Quando terminou sua última

aula, em vez de ir para seu pequeno apartamento, foi para a cantina de Cândida esperar pelo jantar. Da escola para onde morava andava somente dois quarteirões. A cidade era tranquila e, por ela, transitavam poucos veículos. Como tudo era perto, as pessoas preferiam se locomover caminhando. Encontrou-se somente com três pessoas, que a

cumprimentaram, e ela também as cumprimentou sorrindo.

“Tomarei banho depois”, determinou. “Preciso conversar com dona Cândida para saber o que ocorreu no passado na casa do morro.”

A cantina estava aberta; naquele horário não havia nenhum cliente, e a proprietária, assim que a viu entrar, sorriu.

— Chegou cedo, o jantar não está pronto.

Valéria colocou sua mochila numa cadeira, foi para o balcão que separava o salão de refeições da cozinha e sentou-se numa banqueteta.

A proprietária do estabelecimento preparava o jantar auxiliada por sua funcionária.

— Dona Cândida, se não se importar, espero aqui. Enquanto isso, podemos conversar? A senhora não poderia, por favor, contar para mim a história da casa do morro?

— Casa é casa! — exclamou a senhora. — Não tem história. Tem, sim, a das pessoas que moravam nela. Como aqui, na minha pequena cantina, essas

paredes viram coisas e com certeza irão ver outras, mas elas são paredes. Herdei de meu pai esta casa, aqui antes era um armazém, meu marido e eu a transformamos em um local limpo, onde pessoas que não têm tempo para cozinhar vêm almoçar e jantar, como você.

Valéria prestou atenção, mas escutara pelo menos umas três vezes esse fato, como também

que os filhos se casaram e que o andar de cima, o prédio era um sobrado, ficou muito grande para eles, que então o dividiram e fizeram um apartamentinho. E sua locatária já tinha insinuado que, com a construção do hotel, talvez fosse precisar da moradia para alugá-la a preço melhor ou teria de aumentar o que ela pagava.

Depois que vieram os trabalhadores de outras cidades, aumentou muito o movimento do pequeno restaurante, e Cândida contratou duas jovens para ajudá-la. Do lado esquerdo do prédio, por uma pequena escada, ia-se para o apartamento que alugara. Era um espaço pequeno: sala, cozinha e lavanderia juntos, um

quarto e banheiro. Estava mobiliado, mas Valéria, com o dinheiro que trouxera e com seu ordenado, tinha comprado vários objetos. Do lado direito da cantina, por outra escada, ficava o apartamento, bem maior, onde a proprietária morava com o marido.

Cândida suspirou e contou:

— A casa do morro é famosa para os moradores daqui pelos

fatos                    estranhos                    que  
aconteceram e acontecem nela.  
Minha mãe contava que tudo  
começou com a construção do  
casarão, que ele foi construído  
por um senhor que era rico,  
dono, na época, destas terras  
todas em volta, mas, como não  
trabalhava, foi perdendo tudo.  
Teve quatro filhos, dois homens  
e duas mulheres. Sua esposa  
teve um AVC, um derrame, e

ficou inválida; o filho mais velho brigou com o pai e foi embora da vila, antigamente aqui era uma vila. O senhor do casarão resolveu casar Carmélia, uma das filhas, com um fazendeiro da região, mas a moça tinha um admirador que não aceitou o casamento dela. Enquanto ela experimentava o vestido de noiva branco, todo bordado, este moço, que se

chamava Fausto, escalou as pedras, entrou no quarto e a matou. Fugiu num barco, dizem que foi embora num navio e nunca mais foi visto.

— Cândida suaviza sempre tudo — falou Marinalva, assustando Valéria, que não a vira chegar.

Marinalva era proprietária de uma loja de armarinho, almoçava ou jantava algumas

vezes por semana na cantina. Tinha planos de ampliar sua loja e vender artigos de presentes. Valéria a olhou, e Marinalva contou:

— O ex-proprietário da casa do morro era um bêbado, mau-caráter, que, por preguiça, foi perdendo suas propriedades, que eram herança de sua esposa. Por não aceitar a tirania do pai, o filho mais velho foi

morar longe daqui. Ele resolveu casar Carmélia, mas a moça era apaixonada por um moço pobre, que, desesperado, a matou com uma facada no pescoço.

Marinalva se calou, e Cândida continuou a narrar:

— O noivo, o senhor Percival, acabou se casando com a outra filha do proprietário do morro, a Consuelo. O casal ficou

morando no casarão. O pai morreu, e ninguém ficou sabendo direito como foi, dizem que foi um acidente ocorrido dentro da casa. Acredito que, bêbado, caiu da escada. Uma série de desgraças atingiu os moradores. O filho mais novo fez uma viagem de navio e morreu num naufrágio. Consuelo foi ficando doente, emagreceu muito; Percival não

ficava muito na casa, afirmava que não gostava dali, comentavam que também adoeceu. Quando a mãe dela faleceu, o casal, que não teve filhos, mudou-se para a fazenda dele. Minha mãe contava que Consuelo levou muitos móveis, fechou a casa e nunca mais voltou; meses depois os dois sararam, e diziam que adoeceram pela má

energia da casa do morro.

— Quer escutar minha versão? — perguntou Marinalva, não esperando pela resposta de Valéria e contando: — O pai obrigou a outra filha a se casar com Percival porque lhe devia muito dinheiro e ainda a fez usar o vestido de noiva com que Carmélia se casaria. Quando foi morta, ela o experimentava e foi um fato

incrível: o vestido branco não se sujou muito de sangue. O assassino, Fausto, colocou a faca na garganta de Carmélia e a empurrou, ela caiu deitada num banco e sua cabeça ficou pendurada. O pai não deixou que a enterrassem com o vestido, o fez com uma veste velha. Disse que era para não desperdiçar uma roupa nova e cara, mandou limpá-lo e

obrigou Consuelo a se casar com a veste nupcial.

— Não tem mais o que contar — falou Cândida —, a casa ficou fechada, e foram os herdeiros desse filho que foi embora que venderam por um preço baixo as terras do morro.

— A casa sempre teve fama de assombrada! — exclamou Marinalva. — Alguns corajosos que foram lá se assustaram: uns

dizem ter visto a Moça de Branco; outros, que escutaram risadas, passos e sussurros. Um grupo de homens foi lá pegar alguns móveis que Consuelo havia deixado e não conseguiu, primeiro porque eram poucos e estavam carunchados; depois, porque, por mais que o grupo, eram sete homens, demonstrasse coragem, todos

saíram de lá correndo porque viram o fantasma rindo deles ou para eles. A casa ficou desabitada, virou ruínas.

— A Moça de Branco — concluiu Valéria —, então é essa Carmélia. Puxa! Incrível! A pobre moça teve de deixar o namorado, ia ser obrigada a casar com quem não amava, morreu assassinada e virou assombração. Não entendo!

Como pode alguém bom ficar vagando e assustando pessoas?

— Para ser assombração tem de ser mau? — perguntou Cândida.

— Penso que sim ou ser alguém muito apegado ao lugar — respondeu a jovem professora.

— Não temos como saber se uma pessoa é ou não boa — opinou Marinalva. — Podemos

julgar pela aparência, pelos seus atos externos, mas, intimamente, como saber?

— Por que essa curiosidade sobre a casa do morro? — indagou Cândida.

— Vocês, moradores daqui — respondeu a mestra de inglês —, estão cansados de saber; eu estou aqui há quatro meses e sei somente partes. Fiquei curiosa.

— Depois dos últimos

acontecimentos, voltaram a comentar muito sobre o morro — Cândida suspirou.

— Cidade pequena — opinou Marinalva —, em que os moradores não têm muito o que fazer, falam demais de um mesmo assunto. Sempre se comentou das assombrações da casa do morro, mas não tanto como agora.

— E com razão — lamentou

Valéria.

— Você, como professora, tem sentido o problema? — perguntou Cândida.

— Sim — afirmou a recém-chegada à cidade —, estou ficando sem recreio, tenho de estar atenta às crianças e jovens e, duas vezes por semana, fico o intervalo inteiro no banheiro.

— Você viu alguma coisa? — Marinalva estava curiosa.

— Foram muitas as vezes em que me senti incomodada por uma sensação estranha, ruim, arrepiei-me, parecia que era observada, e uma vez tive a impressão de ter visto um vulto claro no espelho.

— É a Moça de Branco com certeza — afirmou Marinalva.

A dona da cantina serviu o jantar, as duas pararam de falar

para comer, e, assim que Valéria terminou, foi para seu apartamento, se arrumou, trocou seu material de trabalho e saiu, foi à escola. À noite, o prédio escolar parecia abandonado. A diretora lhe dera a chave; ela abria o portão, a porta e acendia as luzes. Dava sua aula na primeira sala à direita. Era pontual e, para seu alívio, sempre alguns alunos a

esperavam no portão. Além disso, iam todos embora juntos. À noite não houvera ainda nenhuma aparição. Ninguém se assustara, e também não iam ao banheiro.

Chegou a seu apartamento tão cansada que foi dormir, não teve mais tempo de pensar na reunião marcada com o prefeito.

Na quinta-feira à tarde, quando seu turno de aulas

terminou, foi para seu apartamento, se arrumou e, no horário marcado, foi à Prefeitura. Notou que pessoas estavam na praça em frente ao prédio e entendeu que muitos sabiam do convite. Sorriu, cumprimentando-os. Ivone a recebeu e a acompanhou à sala do prefeito. Soares a cumprimentou, assim como os três vereadores. Convidaram-na

para sentar. Valéria o fez e esperou impaciente.

“Serei ou não despedida?”, pensou.

Foi Soares quem serviu o café. Enquanto o tomavam, ele disfarçadamente observou a jovem professora.

“Veste-se com simplicidade, como se tivesse mais idade, suas roupas são largas. Deve ter um metro e sessenta

centímetros e pesar uns cinquenta e cinco quilos. Olhos castanhos, como os cabelos. Suas mãos são grandes, e o sorriso, bonito. Para meu gosto, ela não é interessante.”

Edney também a observou: “Valéria é recatada, esposa ideal para um viúvo com dois filhos. Veste-se com simplicidade, gosto disso. Como professora, deve gostar de crianças e, com

certeza, seria uma boa madrasta. É bonitinha”.

“Se Valéria se vestisse melhor, com certeza seria mais interessante”, pensou Rogério.

“Se vier a namorá-la, como planejo, irei presenteá-la com roupas modernas para parecer mais jovem. Com certeza ela ficará bem melhor de minissaia. Além disso, tem seu salário de

professora, quero que minha esposa tenha seu próprio dinheiro e que ajude nas despesas de casa. Penso que até possa ficar bonita se estiver arrumada.”

Quando todos tomaram o café, Soares falou com sua voz possante:

— Senhorita, obrigado por ter vindo. Com certeza está curiosa para saber o porquê de a

chamar aqui. Primeiramente, devo dizer que estamos satisfeitos com seu trabalho e que, assim que for possível, a remuneraremos melhor.

Todos na sala olhavam para ele. Valéria, ao escutá-lo, sentiu-se aliviada, acomodou-se melhor na poltrona. Após uma pequena pausa, Soares voltou a falar:

— A senhorita colocou no seu

currículo que é de uma cidade bem maior que a nossa, morou lá e trabalhou. Essa metrópole é conhecida por resolver problemas de fenômenos... Como é mesmo, Rogério?

— Psíquicos — respondeu o vereador.

— É isso aí! Ou seja, de assombrações. Conhece este detalhe?

— Sim, é verdade —

respondeu a jovem mestra. —  
Nunca participei dessas  
reuniões, mas já ouvi falar.

— Você tem como entrar em  
contato com algum desses  
grupos e pedir ajuda? Um grupo  
sério? Sabe se eles cobram caro?  
— o prefeito quis saber.

— Como seria essa ajuda? —  
indagou Valéria.

— Narraríamos o que está  
ocorrendo em Morro dos Ventos

e perguntaríamos se eles poderiam vir aqui; pagaríamos pela viagem, hospedagem e, com certeza, se não cobrarem caro, podemos combinar o preço. Pagaremos, contanto que nos livrem da assombração da Moça de Branco.

— Penso que posso ajudar. Tenho uma vizinha que, com certeza, pode me fornecer o telefone de um grupo sério.

Poderão pedir auxílio.

— Você pode usar o telefone da Prefeitura para esses contatos — autorizou Soares.

— Então telefonarei para minha mãe e pedirei a ela que se informe com essa vizinha. Amanhã voltarei a telefonar para que me passe o número e o darei aos senhores. Só que...

— Por favor, professora, diga

— pediu Soares.

— O grupo é religioso, além de estudioso.

— Melhor, confio mais — concordou o prefeito.

— Com certeza todos irão querer saber o porquê de eu ter vindo aqui. O que respondo? — perguntou Valéria.

— Diga somente a primeira parte — respondeu o prefeito.

— Que estamos contentes com

seu trabalho e que, assim que o município arrecadar mais, aumentaremos seu ordenado. Nós lhe agradecemos por ter vindo. O telefone fica na sala da secretária. Pedirei para dona Ivone deixá-la sozinha. Direi que a autorizamos a ligar para sua família. Dona Ivone! — gritou.

A funcionária abriu a porta, e o prefeito comunicou:

— A professora irá telefonar para sua mãe e o fará outras vezes do aparelho da Prefeitura. Por favor, quando isso ocorrer, deixe-a sozinha na sala. — Olhando para Valéria, falou em tom mais suave: — Agradecemos novamente, senhorita, pelo interesse em ensinar nossos alunos.

Despediram-se com apertos de mão. As duas saíram da sala.

— Soares, se esse grupo cobrar caro, como pagaremos?

— perguntou Edney.

— Gostei de saber que são religiosos — o prefeito pareceu estar mais aliviado. — Estes não costumam cobrar ou, se o fazem, não cobram caro. Depois, a situação é grave. O que pode acontecer se os trabalhadores, com medo, não quiserem voltar mais ao morro?

Ou se o pessoal do hotel desistir do empreendimento? Teremos prejuízos e veremos nossos sonhos de progredir irem pelo ralo. Com todos contribuindo, podemos ratear as despesas.

— Será que não tem mesmo outra solução? — Edney estava preocupado.

— Você tem alguma ideia? A do padre não deu certo — respondeu Soares. — O

sacerdote orou nas missas, mas se recusou a ir ao morro. E a assombração continuou assustando.

Calaram-se, despediram-se com acenos, e os três vereadores foram embora. O prefeito ficou sozinho e, da janela, viu os três vereadores conversarem com as pessoas que estavam em frente à

Prefeitura.

— O pessoal gosta mesmo de saber tudo o que acontece! — suspirou.

# 3

## Lembranças de Valéria

Valéria saiu da sala do prefeito, foi à recepção com Ivone, e a funcionária, cumprindo ordens, a deixou sozinha, saiu e fechou a porta. A professora fez a

ligação.

“Nessa hora somente vovó está em casa. Tomara que minha vovozinha atenda.”

E, como previra, a avó atendeu e se assustou.

— Valéria! Aconteceu alguma coisa?

— Não, vovó, estou bem, ótima. Como a senhora está passando?

— Com as dores de sempre.

— E mamãe?

— Na rua — respondeu a senhora —, ela está bem. Por que ligou a essa hora?

Tinham combinado que ela telefonaria somente aos domingos à tarde. Valéria ia a um telefone público e, com fichas, ligava entre quinze e dezesseis horas. Sua mãe esperava, e ela falava com as duas. Telefonaria somente fora

do combinado num caso de urgência, e elas, se acontecesse algo de grave, o fariam para a cantina, onde deixariam recado, e Valéria, assim que fosse possível, retornaria. Por isso tratou de tranquilizar a avó.

— Vovó, estou ligando somente porque preciso de um número de telefone e quero que a senhora me faça o favor de obtê-lo para mim.

— Ufa! Graças a Deus! Meu coração disparou.

“Vovó é a única pessoa que se preocupa comigo.”

— Nossa vizinha, a que lê sorte, a dona Donata, deve saber o telefone do Grupo de Estudos Espíritas Caminheiros do Bem. Queria que pedisse a ela.

A avó não respondeu, Valéria sabia que ela não gostava dessa vizinha. Teve outra ideia.

— Vovó, a senhora não precisa ir até lá, procure na lista telefônica. Não sei se o nome está correto, então o faça pelo endereço. Quando encontrar, anote e, se não conseguir, peça para mamãe fazê-lo. Amanhã, às quinze horas, telefone para a senhora me passar. Certo?

— Certo.

Despediram-se. Valéria desligou o telefone e abriu a

porta, Ivone estava encostada na parede perto da porta.

— Amanhã voltarei às quinze horas para dar outro telefonema. Até logo!

Em vez de voltar para casa, Valéria caminhou para a praia. Sentou-se num banco embaixo de um coqueiro.

“O mar é tão lindo! Agora está tranquilo, porém que força

poderosa tem.”

Ficou por momentos olhando as ondas se encontrarem com as areias. A praia da cidade era extensa, ia do morro a uma enseada, tinha três quilômetros; a areia era clara, solta, e as ondas, pequenas.

“Local ideal para passar férias com as crianças.”

Passou a pensar em sua vida.

“Ia muitas vezes à casa de

dona Donata para ela ler, nas cartas, a minha sorte. Não sei por que me preocupava tanto com o meu futuro. Vovó não gostava dela, dizia que Donata era aproveitadora, tirava dinheiro das pessoas; no caso, o meu. ‘Ninguém sabe o futuro da gente’, dizia sempre. Mas muitas coisas ela acertava e, quando eu afirmava isso para minha avó, ela argumentava: ‘É

o mesmo que afirmar que amanhã o Sol estará brilhando no céu sem nuvens, este fato terá uma porcentagem grande de acerto'. Retrucava: 'Há estudos sérios para saber como o tempo estará amanhã'. 'Sei disso', dizia vovó. 'Eles conseguem prever somente como será o tempo por uns dias. Com certeza, é possível saber alguns acontecimentos que

poderão ocorrer conosco. Se algo está certo para acontecer, tem como prever. É como: se alguém me escrever uma carta e colocá-la no correio, irei recebê-la. Acredito que existem pessoas que conseguem captar isso'. Eu acreditava, mas a leitora de sorte errou muito em relação ao William. Primeiro, dona Donata me afirmou que ia encontrar um grande amor,

casar, ter filhos e que ia para outra cidade, moraria em outro lugar. Quando comecei a namorar firme, ela afirmou que ia dar certo. Pensei ter encontrado o homem de minha vida. William trabalhava na cidade, ia todos os finais de semana para outra distante duzentos e cinquenta quilômetros. Dizia que tinha família lá, pais idosos que

precisavam de atenção e cuidados; que durante a semana uma irmã cuidava deles, e ele, nos finais de semana. Ia normalmente às sextas-feiras e voltava nas segundas-feiras pela manhã. Se reclamava, ele se defendia: ‘Você me conheceu assim, não tem por que reclamar’. Queria conhecer meus sogros, ele negava.

Comecei a desconfiar, fui à firma em que trabalhava e lá descobri que William era casado e pai de três filhos. Passava os finais de semana realmente com a família. Pensei em contar tudo à esposa dele, depois entendi que ela era a maior vítima. Terminamos. Nosso rompimento foi uma desagradável discussão. Ele me falou, após eu tê-lo ofendido:

‘O que esperava? Com a mãe que tem, pensa que um homem honesto irá querer algo sério com você?’. Calei-me. Isso me doeu muito. Afastei-me e, desiludida, nunca mais falei com ele.”

Lágrimas escorreram pelo rosto de Valéria, que pegou um lenço na sua bolsa e as enxugou; depois olhou para os lados. Não havia ninguém

àquela hora ali. Suspirou aliviada.

“Quando pequena, não entendia, e não me fazia diferença quando uma coleguinha de classe dizia que a mãe não a deixava ir à minha casa brincar e eu não era convidada para ir a suas casas. Senti essa diferença quando, no aniversário de uma garota, ia ter uma grande festa, todos da

sala foram convidados, e eu não fui. Não entendi e fiquei triste. No dia seguinte comentaram muito sobre a festa e perguntei à aniversariante o porquê de não ter sido convidada. Ela me respondeu: 'Mamãe disse que é por causa da sua mãe'. Quis saber o porquê e perguntei à vovó: 'O que tem minha mãe para que os pais das outras meninas não as deixem vir aqui

e não quererem que eu vá à casa delas?’. ‘Você é ainda muito nova para entender’, falou vovó. Minha mãe escutou e respondeu: ‘Isso é inveja, é porque sou bonita, me arrumo, as pessoas me acham atraente, gostam de me ver. Venha cá, não ligue, meu bebê; vou comprar para você uma mochila nova, as garotas de sua classe vão ficar com inveja’. Olhei para

mamãe. De fato ela era, é ainda, bonita, veste roupas justas, sempre se enfeita, usa perfumes fortes. Naquele dia, sorri e concordei. Minha mãe era realmente encantadora.”

Olhou o relógio, não tinha mais aulas à tarde e resolveu ficar ali com suas lembranças e o mar à frente.

“Mamãe saía à noite, dizia

trabalhar, às vezes viajava nos finais de semana. Não faltava nada para mim nem para vovó. A casa em que morávamos era dos meus avós, e eles tiveram somente minha mãe de filha. Meu avô era um bom homem, faleceu quando eu tinha nove anos, senti muito essa perda. Quando fiz onze anos, mamãe me contou que trabalhava numa casa de show, boate, que era

bilheteira e também servia as mesas. Contou também do meu pai, que namoraram, que ficou grávida, planejaram se casar, mas ele morrera num acidente. Quando fiquei adolescente, quis saber mais sobre meu genitor, queria visitar seu túmulo. Mamãe então me disse que meu pai falecera num acidente com um avião que caíra no mar e seu corpo não fora encontrado. Quis

então conhecer a família dele. ‘Não pode, eles moram num país longe’, explicou-me. Quis escrever cartas, aí mamãe ficou nervosa e contou: ‘Namorei um moço bonito, chamava-se Charles, era aviador, inglês, planejávamos nos casar, não sabia muito sobre ele, nem seu nome completo, houve o acidente, e Charles faleceu. Você nasceu e a criamos’. Isso não

me bastou, mas me calei, sempre quis saber mais sobre meu pai. Interessei-me pela língua inglesa, estudei em escolas que ensinavam esse idioma e passei a falar fluentemente. Estudei letras e me tornei professora. Antes disso, quando tinha treze anos, não sendo convidada para uma festa de aniversário, perguntei o porquê e escutei: ‘É por causa

de sua mãe, meus pais não querem que eu tenha amizade com você, eles falam que Margô é prostituta'. Não respondi, mas fui à biblioteca e consultei o que era 'prostituta'. Li compassadamente: 'Mulher que se prostitui, que tem relações sexuais por dinheiro, meretriz'. Esforcei-me para parecer natural, fui para casa, fechei-me no meu quarto e chorei

sentida. Naquela noite, depois que mamãe saiu, contei tudo à vovó, perguntei o que mamãe fazia e pedi: ‘Por favor, não minta’. Vovó, passando as mãos nos meus cabelos, me aconchegou no seu colo e tentou explicar: ‘Valéria, cada um é cada um. Não podemos mudar as pessoas. Seu avô e eu tentamos educar do melhor

modo possível nossa filha única. Porém, Margô, quando adolescente, tornou-se exigente, estava sempre querendo coisas que não podíamos lhe dar, não nos obedecia e saía muito. Viemos a saber, e sofremos muito, que ela saía com homens, e por dinheiro. Nessa época, ela saiu de casa, ficamos sem ter notícias dela, nem sabíamos

onde estava. Voltou grávida de sete meses. Não sei se o que ela conta do seu pai é verdadeiro ou se não sabe quem é. Margô ficou quieta em casa, você nasceu e nos conquistou, nós a amamos assim que a vimos. Meses depois, Margô informou que ia voltar a trabalhar, fazer o que fazia antes: se aceitássemos, ela continuaria conosco e deixaria você aqui.

Com receio de ela afastar você de nós, concordamos. Sua mãe aqui no bairro tenta ser discreta, mas todos sabem o que ela faz. Trabalha numa boate e, infelizmente, atende fregueses'.”

Novamente, Valéria enxugou as lágrimas e olhou para os lados, não queria que ninguém de Morro dos Ventos a visse chorando. Viu somente um casal

de namorados andando pela praia de mãos dadas.

“São meus alunos!”, pensou reconhecendo-os.

“Adolescentes apaixonados! Que bonito!”

Depois de acompanhar com o olhar o casal de namorados, Valéria continuou a lembrar:

“Choramos muito, vovó e eu. Ela falou: ‘É fácil dizer que ninguém tem nada com isso.

Mas vivemos em sociedade, e são muitas as pessoas que vigiam as atitudes das outras. Porém, sua mãe é uma pessoa boa. Ajuda suas companheiras e não nos deixa faltar nada. Recebo uma pensão que daria somente para comprar os remédios que tomo. Margô nos sustenta'. Realmente, tive tudo o que queria: quando criança, brinquedos; adolescente,

roupas, tênis... Tudo o que pedia, mamãe me dava”.

— Não namorei adolescente!

— exclamou e suspirou.

Verificou se não estava sendo observada, não viu mais os namorados.

“Por três vezes tentei namorar, como minhas colegas, porém entendi que os garotos, assim que ficavam a sós

comigo, queriam ter intimidades. Decepcionada, não quis namorar mais. Havia somente duas garotas que iam para a escola comigo e conversávamos no recreio. Uma era porque eu pagava lanche para ela, e a outra porque também sofria preconceito, era muito feia. Resolvi dedicar-me aos estudos, sempre fui excelente aluna. Não fui

discriminada na faculdade nem no trabalho. Assim que me formei, fui lecionar inglês num grande colégio. Conheci William e nos tornamos namorados. Pensei que ele não se importava com a vida de minha mãe. Isso até ele me ofender. Fiquei muito aborrecida e não fui mais à casa de dona Donata. Li o anúncio no jornal procurando professores para lecionar em

Morro dos Ventos. Entrei em contato por telefone, conversei com o prefeito e me entusiasmei, pensei que seria interessante trabalhar onde ninguém conhecesse minha mãe, não soubessem o que ela faz. Comuniquei à vovó minha decisão de trabalhar em outra cidade e dela escutei: ‘Minha neta querida, embora sabendo que sentirei muito a sua falta,

sinto que é o melhor para você. Num lugar distante, onde ninguém sabe de sua mãe, poderá ser você mesma, a pessoa maravilhosa que é. Vá!'. Mandei meu currículo e, em resposta, pediram para vir conhecer a cidade, a escola. Vim, gostei e aceitei o emprego. Aqui estou.”

— Professora Valéria!

Atrapalho?

Valéria não se assustou, a pessoa tivera esse cuidado, de chamá-la baixinho. Abriu os olhos e viu o vereador Edney lhe sorrindo.

— Não! Claro que não! Sentei-me aqui para descansar e olhar para o mar.

Edney sentou-se no banco ao seu lado.

— De fato, o mar é lindo! Posso, não estando na aula,

chamá-la de “você”?

— Sim, pode.

— Gosta daqui? Nossa cidade é agradável — falou Edney sorrindo.

— De fato, é muito agradável.

“Edney”, pensou Valéria, “deve estar interessado em mim. Com certeza, está. Viúvo, com dois filhos, os avós o

ajudam a criá-los. Não estou interessada nele nem no Rogério. Os dois têm se insinuado, mas é melhor afastá-los. Será que Edney, sabendo o que minha mãe faz, demonstraria esse interesse? Com certeza, não. Se descobrisse, seria despedida e convidada a me retirar da cidade”.

Levantou-se.

— Até logo, Edney. Já fiquei muito aqui. Tenho provas para corrigir.

— Posso acompanhá-la?

— Não, obrigada. É melhor ir sozinha.

— Valéria, você é comprometida? Na sua ficha afirmou ser solteira.

“Ele leu a ficha que tive de responder para ser aceita no emprego. Ele e muitos devem

tê-lo feito.”

— Sou solteira — respondeu Valéria sorrindo — e quero continuar sendo. Vim aqui para trabalhar. Boa tarde!

Afastou-se rapidamente.

“Realmente, não quero, por enquanto, namorar ninguém. E, quando o fizer, quero ter certeza de que valerá a pena.”

Foi para seu apartamento corrigir provas. Não queria mais

pensar; pelo menos, não queria lembrar mais do passado.

No outro dia, no horário marcado, foi à Prefeitura telefonar para a avó.

“Se o prefeito autorizou, vou usar o telefone dele, assim não pago pelas fichas.”

Tinha que se organizar, gastar somente o seu salário. Não quis mais receber ajuda de sua mãe. Anotava tudo o que

gastava, e seu gasto não podia ultrapassar o que ganhava. Seu ordenado era pouco, bem menos do que recebia no seu emprego anterior. Foi então que ela percebeu que sempre gastou muito, e dinheiro que sua mãe lhe dava. Quando recebia seu salário e pagava o aluguel, suas refeições, a energia e a água, sobrava pouco. Naqueles meses ali, não comprara nenhuma

roupa, sapato, nada para si. Logo seriam as férias e, para viajar, teria de pedir dinheiro à avó e, com certeza, ele seria dado por sua mãe.

“Não quero pensar nisso, no mês que vem resolvo.”

Entrou na Prefeitura e, após cumprimentos, Ivone saiu, deixando-a à vontade e sozinha. Valéria levou uma agenda e

caneta para anotar. Discou para a avó, sua mãe atendeu:

— Sei, querida, que quer conversar com sua avó. Queria somente escutar sua voz. Estou saudosa. Como está?

— Estou bem, mamãe; como já disse, a escola é linda, e a cidade, mais ainda.

— Precisa de alguma coisa? Posso lhe mandar dinheiro?

Valéria ia negar, mas se

lembrou de que, se quisesse ir visitá-las nas férias, iria precisar.

— Obrigada, mamãe. Agora não preciso, mas talvez necessite nas férias, para ir até aí. Depois conversamos.

Despediram-se.

“Mamãe ficou contente porque fui educada com ela”, pensou Valéria. “Com dona Ivone provavelmente escutando,

não poderia agir de outro jeito.”

A avó atendeu.

— Peguei o número que me pediu no catálogo telefônico. Sua mãe me ajudou. Posso saber o porquê desse pedido, minha querida?

— Uma pessoa me pediu, ela está interessada nesse assunto. É uma colega de trabalho.

— Você tem amigas? Os colegas de trabalho a tratam

bem?

Valéria se lembrou de seus colegas de trabalho, todos simpáticos, educados, preocupados com ela e tentando agradar-lhe.

— Sim, vovó, eles me tratam bem; sinto-me, entre eles, amparada e querida. Já fui às festas de aniversário de seus filhos e netos. Eles têm prazer em me receber em seus lares.

— Que bom!

— Sim, isso é muito bom!

Anotou o endereço e o telefone, agradeceu à avó, prometeu ligar no domingo e desligou.

“De fato”, pensou a jovem professora, “todos me tratam bem. Quando, pela primeira vez, a professora Suzana me chamou para ir, no sábado à tarde, em sua casa, para a festa

de aniversário de seu filho, admirei-me, aceitei e gostei de ir. Passei a ser convidada. Todos me respeitam e me tratam bem. Tenho de reservar dinheiro também para os presentes”.

Chamou por Ivone, que veio rápido.

— Dona Ivone, tenho o endereço e o telefone que o prefeito me pediu. Posso deixar

com você? Entregue para ele,  
por favor.

— Faço isso!

Valéria lhe deu o papel,  
despediu-se e foi para a escola,  
daria muitas aulas à tarde e à  
noite.

# 4

## Novos amigos

Valéria estava dando aula no sábado pela manhã quando um garoto, após bater na porta, lhe entregou um bilhete.

— Professora, o prefeito me pediu para lhe trazer isto.

A jovem mestra agradeceu, abriu a folha de papel que estava dobrada e leu: “Senhorita, por favor, após a aula, venha à Prefeitura, preciso conversar com a professora. Atenciosamente, prefeito Soares”.

“O que será que ele quer agora comigo? Só indo lá para saber.”

Continuou dando aula e,

assim que terminou, fechou a escola e foi à Prefeitura, onde foi recebida pelo prefeito e sua esposa. Cumprimentaram-se.

— Professora Valéria —  
pediu Soares —, você não  
poderia telefonar para esse  
grupo para mim? Pensei e  
concluí que não sei o que falar.  
Receio ser mal interpretado.  
Penso que a professora tenha  
mais argumentos e saiba

explicar.

Vanda, a esposa do prefeito, sorriu para ela. Valéria gostou dela, era simpática. O casal tinha dois filhos, uma moça e um rapaz que estudavam em outra cidade.

— O que devo dizer? — perguntou a professora.

— Sobre o problema que estamos enfrentando — respondeu o prefeito — e pedir

ajuda. Não se esqueça de perguntar o preço, quanto ficará. Teremos que nos organizar.

Soares deu a folha de papel em que ela anotara o telefone. A jovem mestra pegou a folha, o telefone e discou. Escutou, desligou e informou:

— Está na secretária eletrônica. O recado é:

estaremos atendendo hoje, sábado, a partir das dezoito horas e trinta minutos.

— Você, por favor, pode vir aqui nesse horário e telefonar?

— pediu Soares.

— Sim, virei.

— Estaremos com você — afirmou Vanda. — Valéria, estamos indo almoçar em nossa chácara. Estávamos lá, viemos aqui para esperá-la. Convido-a.

Por favor, se não tiver outro compromisso, venha conosco, será um prazer tê-la como convidada.

“Compromisso? Não tenho. Iria almoçar, como faço todos os dias, na cantina. Será interessante estar com outras pessoas.”

— Aceite, professora! —  
Soares reforçou o convite.

— Sim, irei com vocês.

Obrigada. Porém, posso avisar dona Cândida? Ela pode se preocupar.

— Fique à vontade — falou Soares.

Valéria ligou para a cantina, Cândida atendeu, e a moça avisou que fora convidada para um almoço; desligou antes que lhe fizesse perguntas.

Saíram da Prefeitura, entraram no carro do prefeito e,

em dez minutos, estavam numa chácara. A propriedade era pequena, havia uma horta, um galinheiro e uma casa com uma enorme varanda. Soares chamou pelos filhos, que vieram para conhecer a mestra de inglês, que, pelo seu trabalho, muito comentado, era conhecida; os que ainda não a tinham visto, estavam curiosos. Estavam ali umas vinte pessoas, e todos

vieram cumprimentá-la.

— Oi, sou Guilherme, muito prazer!

Valéria sentiu algo diferente diante do jovem à sua frente, mas a sensação passou rápido, porque outras pessoas a cercaram. Sentou-se num banco e procurou com os olhos o m o ç o , Guilherme, que, sentindo-se observado, a olhou e sorriu. A moça sentiu o rosto

ficar quente.

“Com certeza fiquei vermelha”, pensou.

Vanda foi servir um refrigerante a ela.

— Está calor, beba para se refrescar.

Aproveitando que Vanda se sentara à sua frente, pôde observar melhor o rapaz que lhe despertara a atenção. Ele devia

ter de vinte e cinco a vinte e sete anos, concluiu. Era alto, musculoso, cabelos cacheados e lábios grossos.

— Não conhecia ainda o Guilherme. Ele é daqui da cidade? — perguntou Valéria à sua anfitriã, aproveitando que ela fizera uma pausa, pois, desde que se aproximara, falava sem parar sobre a chácara.

— Ele é agrônomo, esteve

fora estudando, depois ficou um ano e cinco meses nos Estados Unidos. Ele é daqui, nasceu em Morro dos Ventos, seus pais são amigos nossos, são proprietários de uma grande fazenda. Guilherme me disse que pensa em ficar agora na região, ele tem muitos projetos. Ah, ele é solteiro! — Vanda sorriu.

Valéria, sentindo novamente

o rosto em brasa, sorriu também.

O almoço transcorreu de maneira agradável, Valéria conversou bastante com as pessoas. Aproveitando um momento em que estava sozinha, Guilherme aproximou-se, oferecendo refrigerante.

— Está gostando de nossa cidade? — perguntou

Guilherme, tentando iniciar uma conversa.

— Sim, muito — respondeu a jovem professora.

— Já conheceu a região? Foi ao campo, à cachoeira?

— Não, nem sabia que aqui tinha cachoeira.

— Pois tem! — exclamou Guilherme. — É um lugar bonito! Fica nas terras de meu pai. Amanhã, eu e uma turma

iremos passar o dia lá. Convidoa. Venha conosco. Não se arrependerá. É um local encantador.

Alguns jovens e os filhos de Soares aproximaram-se dos dois e reforçaram o convite.

— Venha conosco, Valéria — falou Larissa, a filha do prefeito. — Iremos levar lanches, sairemos cedo e retornaremos à tarde ou à

noitinha. Na segunda-feira, meu irmão e eu iremos embora, voltaremos a estudar.

O assunto passou a ser os estudos. Entre conversas e risos, Guilherme e Valéria trocaram olhares.

“Guilherme é muito agradável, espero que seja educado e que não tenha realmente *um* compromisso

amoroso.”

— Você já tomou banho de cachoeira? — perguntou Larissa.

— Não, nunca fui a uma — respondeu Valéria.

— É muito prazeroso; só que a água, mesmo no verão, é fria. Estamos no outono, e, embora a temperatura ainda esteja alta, a água é gelada. Mas isso é secundário, o local é lindo.

— O que levo? — a jovem professora quis saber.

— Roupa de banho, maiô ou biquíni — respondeu Larissa.

— E de lanche?

— Mamãe sempre faz tanto que sobra. Não precisa levar nada.

Combinaram o horário. Larissa ficou de pegar Valéria na frente da cantina às nove horas.

— Penso que é hora de irmos

à Prefeitura. Vamos? —  
perguntou Vanda.

Valéria despediu-se de todos. O casal foi com ela à Prefeitura e, assim que chegaram, ela ligou. Uma mulher atendeu.

— Senhora, por favor — disse Valéria —, gostaria de receber um auxílio.

Falou seu nome e, tentando ser clara, explicou, sem muitos detalhes, que ela era professora

e que estavam ocorrendo fatos estranhos na escola e que também havia uma casa em ruína num morro onde apareciam fantasmas.

A mulher escutou e, quando Valéria terminou de falar, disse:

— Interessante o seu relato.

Porém, sou somente uma voluntária que atende o telefone na casa. Vou relatar tudo o que me contou ao nosso orientador,

o senhor Cláudio, e somente ele poderá dizer o que poderemos fazer.

— Será que vocês poderão nos ajudar? — perguntou Valéria.

— Com certeza sim, estamos interessados em aprender, temos estudado esses fenômenos e auxiliado. Mas, como disse, tenho de relatar ao grupo o que escutei de você.

Esperem um momento, por favor.

Valéria notou que o casal estava curioso e aguardava com ansiedade.

— Penso que a mulher que me atendeu foi perguntar algo para alguém. Pediu para esperar — informou a professora.

Os dois, marido e mulher, permaneceram calados. Logo a mulher voltou a falar:

— Valéria, o caso nos interessa, penso que será uma fonte de conhecimento. No momento, o senhor Cláudio está ocupado, ele pediu para você telefonar na segunda-feira, às dezesseis horas. Ele aguardará aqui seu telefonema. É possível?

— Sim — concordou Valéria.

— Está combinado.

Despediu-se desejando paz e alegria. Valéria contou ao casal

o que escutou e completou:

— Nesse horário estou dando aula.

— Telefonarei para a diretora informando que você virá aqui. Mas, por favor, não se esqueça de falar dos custos — Soares estava realmente preocupado.

— Posso ligar para a minha avó? É rápido. Costumo ligar nas tardes de domingo, mas, como vamos à cachoeira...

— Pode! — interrompeu o prefeito.

Os dois saíram da sala, e Valéria discou. Alba atendeu, e ela rapidamente explicou:

— Vovó, tudo está bem. Fui almoçar com o prefeito e sua família, amanhã faremos um passeio numa cachoeira. Se não vier muito tarde, ligo à noite; do contrário, o farei na segunda-feira. A senhora está bem?

— Sim, estou bem e sozinha, sua mãe viajou.

— Vovó, agora não posso falar muito, depois lhe conto tudo. Tchau!

— Fique com Deus!

“Coitada da vovó, está muito sozinha.”

Saiu rapidamente da sala, o casal a esperava na entrada. Despediram-se. Valéria foi para

seu apartamento, mas antes passou pela cantina para avisar que não ia jantar e que, no domingo, iria passear.

— Já sei — falou Cândida. — Foi almoçar na chácara do prefeito e amanhã irá com um grupo à cachoeira. Gostei. Preocupava-me com você, sempre tão sozinha. Aqui temos poucas opções de lazer, deve fazer amizades e passear com

eles. O que irá levar de lanche?  
Tenho uns salgadinhos  
congelados; se quiser,  
descongelos para você  
amanhã cedo.

— Obrigada, dona Cândida,  
aceito, vou levar os salgadinhos.

No apartamento, pensou  
como iria e o que levaria no  
passeio. Quando veio à cidade,  
trouxe muitas de suas roupas e  
também as de banho, pensando

em ir à praia. Acabou não indo por falta de companhia. Logo entendeu que os moradores da cidade não frequentavam as praias. Além disso, receava ir sozinha e ser alvo de comentários. Escolheu um maiô, não quis colocar um biquíni. Estava contente e lembrou de Guilherme muitas vezes.

“Ele tem um sorriso

bonito!”, suspirou.

Acordou cedo, olhou pela janela, o dia estava lindo. Arrumou-se, desceu à cantina, pegou os salgadinhos e, dez minutos antes, ficou na calçada esperando. Larissa foi pontual, a garota era agradável e alegre.

— Vamos encontrar com o grupo na saída da cidade numa estrada de terra.

— Você vem muito para

Morro dos Ventos? —  
perguntou Valéria.

— Uma vez por mês; pelos meus pais viria mais, porém tenho namorado e gosto de passar os finais de semana com ele.

Falando sem parar, Larissa contou do namorado, onde morava e de seus estudos.

Ao passar pela periferia da cidade, Valéria notou que as

casas, embora mais simples, pareciam confortáveis e eram todas pintadas com tintas coloridas. Não viu barracos nem favela. Ao comentar isso, escutou de Larissa.

— Meu pai tem essa preocupação. Ele e mais alguns moradores constroem casas para os que não têm. Mas se a cidade aumentar com o hotel, aí

não sei, espero que ninguém aqui precise morar em barracos. Cuidar de poucos é fácil! Necessita-se de muito para cuidar de muitos!

Chegaram ao local do encontro. Valéria viu Guilherme de pé ao lado de um jipe. Cumprimentaram-se.

— Agora seguiremos por esta estradinha — informou Larissa.  
— Iremos de caminhonete e no

jipe. Deixarei meu carro estacionado ali embaixo daquelas árvores.

Larissa, empurrando devagar Valéria, a fez subir no jipe e ficar perto de Guilherme. Quando todos chegaram, alegres saíram rumo à cachoeira.

— Aqui — mostrou Guilherme — é parte da fazenda do meu pai. Quando o hotel estiver quase pronto, faremos

neste espaço um lago.

— Estou vendo um — disse a jovem professora.

— Sim, que é pequeno e malcuidado. É natural, sustentado pelas águas da chuva. Tenho planos de aumentá-lo e colocar peixes para pesca, barcos para passear e fazer uma lanchonete com banheiros.

— Os turistas vão gostar! —

exclamou Larissa. — Guilherme tem cuidado desta mata e do riozinho da cachoeira.

— Sempre gostei da natureza — contou o moço. — Logo que passei a cursar a universidade de agronomia interessei-me por conservar este espaço e recuperá-lo. Plantei muitas árvores, principalmente na nascente deste pequeno rio que é no alto do morro e nas suas

margens, como também o fiz no outro rio, que abastece nossa cidade e muitas outras. Você já viu esse outro rio? — perguntou Guilherme olhando para Valéria, que negou com a cabeça. — Não? Ele deságua no mar do outro lado; esse é extenso, chegava aqui poluído. Como ele faz um grande trajeto pelas matas, não foi difícil limpá-lo. Reflorestei suas

margens. Tem árvores por aqui que ainda são novas e irão crescer mais. Com a ajuda de meu pai, que conhece muitos fazendeiros, consegui que esses senhores plantassem árvores em suas terras, principalmente perto do rio. Em parceria com o governo estadual, conseguimos evitar que jogassem muito esgoto nele e o repovoamos com

peixes.

— Esse riacho — informou Larissa — chama-se Rio Cachoeira, abastece a periferia, as casas que vimos ao vir para cá. Eles são privilegiados, recebem água de muito boa qualidade. O restante da água encontra-se com o rio maior e deságua no mar.

— Aumentarão o lago com as águas do Rio Cachoeira? —

perguntou Valéria.

— Com base no projeto — explicou Guilherme —, tiraremos somente um pouco das águas do Cachoeira, mas isso não prejudicará o abastecimento da cidade. Iremos asfaltar a estrada até o lago, o caminho será outro, não passará pelo subúrbio, porém a estrada para a cachoeira continuará assim, de terra;

estreita, porém segura.

— No meio da mata!  
Maravilhoso! — exclamou  
Valéria.

— É por isso que continuará  
assim — afirmou Larissa.

— Chegamos — informou  
Guilherme. — Aqui faremos um  
pequeno estacionamento. Os  
turistas virão para cá de jipe ou  
caminhonete, serão poucos os  
carros particulares. Teremos no

estacionamento vaga para seis veículos somente.

O grupo, contente, falando muito, deixou os veículos, eram três; pegando as cestas, aproximaram-se do rio. Valéria olhava tudo encantada. Nunca ela havia estado perto de uma mata, e agora estava numa. O rio era de fato um riacho, e ali a correnteza fluía calmamente; as águas eram tão límpidas que

dava para ver o fundo, raso naquele pedaço. Ela sentou-se numa pedra para admirar o local.

“Como todos esperam pelo hotel!”, pensou Valéria. “São sonhos e planos! De fato, os moradores de cidades grandes irão gostar daqui, que, além das praias, poderão vir ao lago pescar, tomar banho no rio e na cachoeira. Se desistirem do

hotel, os moradores de Morro dos Ventos ficarão decepcionados.”

— Andando por ali — mostrou Larissa um estreito caminho —, iremos à cachoeira.

Valéria colocou as mãos na água, estava fria.

— É isso aí, professora: a água é fria mesmo! — exclamou um jovem.

Foram andando devagar; pelo caminho que contornava o riacho, havia muitas plantas e flores. Em dez minutos chegaram à cachoeira. Os jovens acomodaram as cestas numa pedra.

— Aqui tem muitas flores! — exclamou Valéria.

— Isso é obra de Guilherme — informou Larissa. — Quando ele plantou árvores pelo morro,

nas falhas que existiam por causa do desmatamento, ele também plantou flores, foram muitas orquídeas. Nessa época foi feito na escola, até o padre o fez na igreja, um pedido para que não pegassem nenhuma flor. Diziam: “Flor linda é na planta”. Pelo que sei, ninguém pega.

— Quando tivermos turistas — disse Guilherme —, eles

virão aqui somente com um guia, que pedirá que não estraguem nada; e farei placas informativas sobre o lugar e com pedidos para deixarem tudo como encontraram.

Valéria sentiu uma sensação agradável ao ver a cachoeira. A água caía de uma encosta de pedra formando, embaixo, um espaço redondo, as águas se represavam, formando uma

piscina natural.

— É lindo! Lindíssimo! —  
exclamou Valéria.

— A altura é de sete metros  
— informou Guilherme.

— Vamos nadar! — gritou  
um jovem.

Ficando com trajes de banho,  
o grupo, entre risos e gritos,  
pulou na água.

— A água aqui é sempre fria

— falou Guilherme sentando perto de Valéria. — Nosso clima é agradável, a temperatura não difere muito nas estações. Não temos inverno, pois a temperatura mais baixa que já foi registrada aqui foi de vinte graus. Vamos entrar também?

Valéria tirou a bermuda e a camiseta, ficando de maiô, e, embora as outras jovens estivessem de biquíni, entrou

n'água. Gritou também e, com os jovens, riu e brincou.

— Valéria — Larissa a chamou —, temos por costume que todos os que vêm aqui pela primeira vez podem fazer três pedidos. Fique ali para receber os respingos d'água que caem e faça seus pedidos.

Larissa a puxou e ela ficou quase debaixo da cachoeira, recebendo no rosto e no corpo a

água que caía. Fez seus pedidos.

“Que eu esqueça William. Segundo, que encontre alguém que me ame. Que seja feliz? Felicidade é consequência de estar bem. Que peço então? Vou pedir para que mamãe e eu sejamos amigas ou que eu consiga aceitá-la e amá-la. Se isso ocorrer, terei paz.”

Sentiu-se em paz e, por uns três minutos, ficou ali parada

olhando a água que caía, recebendo seus respingos.

“Ver a cachoeira de perto é diferente de ver fotos ou vídeos. É um prazer único sentir a água cair; se não batesse com tanta força, ficaria mais debaixo dela. Aqui é um lugar ao qual espero voltar muitas vezes. Estou amando contemplar essa obra de Deus.”

Instintivamente, olhou para a

margem e viu Guilherme observando-a, sorriram um para o outro.

O passeio foi muito prazeroso; Valéria gostou do grupo, que era de jovens agradáveis e com conversas edificantes, sem gracejos. Falaram muito do progresso esperado pelo hotel, da natureza, de estudo e trabalho. Combinaram de ir, no sábado

seguinte, à cidade vizinha, para ir ao cinema, pois passaria um filme interessante. Insistiram para ela ir.

— Com você, Valéria, somos nove; iremos em dois carros, quatro com Guilherme e cinco na minha caminhonete — falou Marcelo. — Dividiremos o combustível, cada um paga sua entrada no cinema e o lanche

que tomaremos depois.

A moça aceitou, mas pensou:

“Dinheiro extra? Terei de economizar, cortar algum gasto.”

— Vamos brindar com suco

— Guilherme encheu os copos.

— À amizade! E que Valéria faça parte do nosso grupo!

— Obrigada! — a jovem professora se emocionou.

A moça, disfarçadamente, os

olhou; realmente gostou de todos, sentiu a sensação da amizade. Fizera novos amigos.

À tardinha, dezessete horas, juntaram tudo e voltaram. Larissa a deixou em frente ao seu apartamento. Valéria subiu, deixou sua cesta, trocou de roupa e foi telefonar para sua avó. Contente, contou do passeio.

— Vovó, estou gostando

muito daqui! Foi um passeio muito bom, quase tão bom quanto quando ia passear com a senhora. Estou com saudades!

— Sinto você bem, isso me alegra! — exclamou Alba.

— Vovó, pela primeira vez estou entre pessoas que me respeitam, não fazem diferença; fui almoçar ontem com o prefeito, fiz amizade com a filha dele. A senhora me

entende?

— Sim, querida,  
compreendo.

A avó fez perguntas sobre o lugar, ela respondeu. Despediram-se mandando beijos.

“Quero muito que isso não mude. Sinto agora como é bom ser bem tratada, não ser discriminada. Não quero nunca desprezar alguém por

diferenças. Prometo tratar todos igualmente.”

Valéria foi para seu apartamento, organizou o que teria de levar no outro dia para dar aulas e foi se deitar pensando no agrônomo.

— Guilherme! — exclamou.

Dormiu pensando no sorriso do moço.

# 5

## Promessa de ajuda

Valéria foi animada, contente, na segunda-feira, dar aulas. Estava escalada naquele dia para ficar no sanitário na hora do recreio. As garotas, sempre conversando muito, iam ao

banheiro em grupos. E foi na metade do intervalo, quando no local estavam poucas meninas e Florsinda colocava papéis higiênicos nas cabines, que a professora de inglês sentiu frio e se arrepiou.

— Ali! — gritou uma garota.

Valéria olhou para o local mostrado e não viu nada. As outras garotas, gritando, saíram correndo do banheiro. A

professora não saiu do lugar, as pernas não lhe obedeciam.

Escutou:

— *Intrometida! Filha de uma...*

Florsinda a pegou pelo braço e a puxou com força. Saíram do banheiro.

Com gritos, todos os estudantes, embora com medo, mas curiosos, foram para a frente da sala da diretora, onde rapidamente se concentraram

alunos e professores.

A diretora foi acalmar os alunos. Florsinda, ainda puxando Valéria, entrou na sala dos professores. A funcionária da escola começou a chorar baixinho. A jovem professora não sabia o que fazer, ficou por momentos calada, escutando Nadir falar em tom calmo para os estudantes.

— Por favor, meus queridos,

tenham calma, voltem às suas classes. Não podemos nos apavorar.

— Quero ir embora! — falou uma menina, e outras também manifestaram o mesmo desejo.

— Não! Não devemos deixar o medo interferir assim em nossas vidas! Por favor! Estamos com um problema, mas iremos juntos solucioná-lo. Quem precisa ir ao banheiro,

venha comigo. Usaremos o da direita, primeiro as meninas, depois os garotos. Não vai acontecer mais nada.

Florsinda e Valéria ouviram eles se afastarem, foi então que a mestra de inglês reparou na funcionária. Ela era uma mulher jovem ainda, não deveria ter trinta anos, miúda, cabelos curtos, morena e, para trabalhar, usava uniforme. No

momento, estava muito nervosa.

— Precisa de alguma coisa?

— perguntou Valéria.

— Sempre que esse defunto aparece, eu estou por perto — a mulher respondeu e voltou a chorar.

Valéria abraçou-a.

— Isso é porque está sempre pelos corredores ou nos

banheiros. É coincidência!

— Será? Por favor, não repita a ninguém o que acabei de dizer; senão, é bem capaz de outros concluírem que sou culpada e ser despedida ou afastada.

— Você viu o fantasma? —  
Valéria quis saber.

— A defunta? Tenho visto!  
Hoje ela saiu do canto e se aproximou da senhora, tive a

impressão, ou vi mesmo, de que a Moça de Branco lhe falou algo, mexia os lábios. A senhora a viu?

— Não vi nada, senti frio, arrepiei-me e não consegui me mexer. Senti medo.

— Ela estava do mesmo modo, porém a senti mais furiosa. A senhora não escutou mesmo o que a Moça de Branco lhe falou?

— Não! — Valéria respondeu rapidamente.

— Deve ser o que fala sempre, para não destruírem o que é dela ou onde mora ou o casarão do morro, ameaçando vir para cá, para a escola, assustar a todos etc.

Florsinda levantou, pegou água para tomar e serviu Valéria.

— Obrigada — agradeceu a

professora de inglês e decidiu:  
— Vou para a sala esperar pelos  
alunos e dar aula, espero que  
nenhum tenha ido embora.

— A senhora sabe me  
informar se existem pessoas  
que veem mais defuntos que  
outras? Ou que sejam a causa de  
eles aparecerem?

— Penso que não, porém não  
sei — respondeu Valéria.

— Vou voltar a trabalhar.

O recreio terminou e todos voltaram às salas, porém nem professores nem alunos conseguiram prestar atenção nos estudos.

No intervalo, Valéria, mais calma, pensou no que ouviu.

“A Moça de Branco me chamou de ‘intrusa’. Será que foi porque estou tentando pedir ajuda? Será que ela sabe quem é minha mãe? O que ela faz? Que

fantasma diabólico!”

Assim que começou a dar aula para outra turma, a diretora a chamou para ir ao corredor e lhe falou baixinho:

— Por favor, faça tudo que for preciso para recebermos auxílio. Não sei mais o que fazer e estou ficando desesperada. A situação é grave! Empenhe-se!           Necessitamos

urgentemente de socorro! Pode sair para telefonar à tarde, ficarei na sua sala.

— Eu me esforçarei, sim, dona Nadir. Espero mesmo que consigamos resolver esse problema.

Voltou à sala.

“Muitas pessoas já devem estar sabendo que telefonei e irei telefonar para esse grupo espírita, até a Moça de Branco.

Sobre uma coisa concordo com dona Nadir: se esse espírito continuar aparecendo na escola, não sei o que acontecerá. E se as crianças não quiserem vir mais às aulas?”

Algumas crianças, principalmente as menores, choravam muito, e a diretora não conseguiu acalmá-las nem fazer com que permanecessem na escola. Quando terminaram

as aulas no período da manhã, Valéria viu sete mulheres, mães de alunos; entrar na escola, a maioria estava com terços nas mãos, imagens de santos, Bíblias, galhos de plantas, água-benta, andaram pela escola orando e ficaram mais tempo nos banheiros.

— O que elas estão fazendo?

— perguntou ela a Suzana.

— Uma tentativa de afastar

esse fantasma da escola. Elas temem que os filhos não queiram vir mais às aulas e fiquem sem estudar.

— Dará certo? — Valéria estava curiosa.

— Elas já fizeram isso outras vezes. Por uns dias a Moça de Branco não aparece, depois volta. Penso que as orações a incomodam, porém acredito que isso não basta.

Valéria quis até acompanhá-las e orar também, mas tinha de almoçar, teria de voltar para dar aulas no período da tarde. Desejou que aquelas mães conseguissem afastar aquele espírito e que ela não assustasse os alunos da tarde.

Foi para a cantina.

— Está cansada, Valéria? —  
perguntou Cândida.

— Estou, sim, vou almoçar e

descansar um pouquinho. Darei duas aulas hoje à tarde.

— Sei o que aconteceu na escola hoje no recreio. Penso que todos na cidade já sabem. Você viu ou ouviu algo?

— Estava no banheiro na hora do tumulto. Não vi nada — respondeu a jovem professora.

Valéria fez seu prato, foi para uma mesa num canto,

alimentou-se rapidamente e foi para seu apartamento. Não estava com vontade de conversar nem de contar sua versão do ocorrido.

Deitou-se.

“Estava tão contente horas atrás. O que está acontecendo? Como pode esse fantasma incomodar assim? Não tenho como duvidar. Escutei-a. Se ela não quer que peça ajuda é o que

tenho de fazer. Se a Moça de Branco se sente ameaçada por esse grupo, tenho mesmo de rogar a eles para nos orientarem. Temos realmente de fazer alguma coisa, ela não pode continuar com essa maldade, prejudicando as aulas, assustando as crianças e os adultos.”

Por mais que se esforçasse, não conseguiu deixar de pensar

no que escutara no banheiro.

“Tenho certeza de que escutei, não fui sugestionada e não estava impressionada. Escutei mesmo! Não vou falar o que ouvi para não piorar a situação, e, depois, poderão ficar curiosos para saber o que significa ‘filha de uma...’”

Pensou bastante.

“Será que alguém, uma garota, falou isso? É impossível,

as meninas correram assustadas e ninguém estava perto de mim. Florsinda viu a Moça de Branco me falando algo. E o que escutei foi alguém sussurrando.”

Levantou-se e foi dar aula. Muitos alunos faltaram, e as aulas não estavam sendo produtivas, eles estavam assustados e comentavam o ocorrido no período da manhã. Às quinze horas e quarenta

minutos, a diretora foi à sala ficar com os alunos, que faziam um exercício.

Valéria foi rapidamente para a Prefeitura, e o prefeito a esperava.

— Boa tarde, professora! Sei o que ocorreu pela manhã na escola. Oramos, Vanda e eu, pedindo ajuda a Deus. Temos que resolver esse problema! Ainda bem que os responsáveis

pela demolição do casarão, os que foram chamados pela direção, vieram hoje e retornaram ao trabalho. Fui lá e eles me informaram que vão, no momento, fazer o trabalho que não é perigoso e que, assim que receberem os equipamentos de segurança, estes virão logo, voltarão à demolição. Senti-me aliviado, mas isso deve ter

enfurecido mais a Moça de Branco, que foi atacar a escola.

— Ainda bem que não desistiram! — exclamou Valéria.

— Porém, não é garantia de nada — falou Soares. — Esse fantasma está descontrolado, atenta os coitados dos trabalhadores no casarão e as crianças na escola. Isso não pode! Você já sabe o que falar ao

senhor que a atenderá?

— Vou tentar de tudo para que esse grupo venha nos auxiliar — respondeu Valéria.

Ivone continuou na sala, Valéria pensou que todos deveriam saber e que não adiantava mais tentar manter segredo.

A professora pegou o telefone e discou.

— Alô! — escutou a voz de

um homem.

— Alô! Sou Valéria, a professora de uma escola da cidade Morro dos Ventos. Queria falar com o senhor Cláudio.

— Sou Cláudio! Esperava pelo seu telefonema. Por favor, explique o que se passa aí.

— Por Deus, nos acuda! Por favor! A situação é grave!

— Senhorita Valéria, acalme-se! Melhorou?

— Sim, sinto-me melhor, desculpe-me, é que quero ajudar e não sei como.

— Agora respire fundo e me conte o que acontece — pediu Cláudio.

Valéria suspirou. Sentindo-se mais calma, falou ritmadamente que fora lecionar na escola, que tudo estava dando certo e que a cidade é pacata.

— Tem um morro — disse ela —, onde tem um casarão em ruínas que foi comprado por um grupo com intenção de construir um grande hotel. Todos os moradores da cidade fazem planos esperando que essa construção traga muitos benefícios ao lugar. Lá em cima do morro, essa casa, há muitos anos é assombrada. Existem ali histórias de crimes, doenças,

amores frustrados. Mas isso não era problema, porque a assombração, mais conhecida por todos como Moça de Branco, somente aparecia, apavorava, quem se aventurasse por lá. Mas, com a demolição, o fantasma ficou furioso e tem vindo à escola. Faz chantagem.

— Quem faz chantagem? —  
perguntou Cláudio,

aproveitando que ela fizera uma pausa.

— O espírito, a alma perdida, a Moça de Branco — respondeu Valéria. — Ela ameaça ficar na escola se derrubarem o casarão. Tem aparecido nos banheiros, assusta as crianças, os jovens e até os professores. Os estudantes estão com medo, e a diretora tenta acalmá-los em vão. Ah! Uma coisa importante:

um trabalhador da equipe da demolição afirma que viu a tal moça, o fantasma, e que ela falou com ele e o empurrou. O coitado do homem se acidentou. Pior que houve outro acidente e um operário morreu.

Cláudio, o dirigente do grupo, prestava muita atenção no relato que escutava, interessou-se pelo caso. Ele e outras doze pessoas há seis

anos reuniram-se para estudar fenômenos psíquicos e logo perceberam que muitos eram sobrenaturais. Tempos depois, reuniu-se a eles um senhor espírita, e eles passaram a estudar os livros de Allan Kardec. Para ele e para o resto do grupo, conhecer o espiritismo foi maravilhoso, e passaram a estudar com empenho e dedicação. Trabalhar

junto a médiuns, que, para eles, eram pessoas sensitivas, com sexto sentido, foi algo revelador.

“Parece que sempre esperei por esses conhecimentos”, pensava Cláudio com frequência.

E, conforme Valéria lhe explicava, seu interesse aumentava.

“Esse caso nos trará muitas

informações, além de oportunidades de auxiliar.”

— Valéria, vamos ajudá-los!

— Ai, que alívio! —

exclamou a jovem professora.

— Posso ir até aí. Por favor, me telefone amanhã à noite. Irei conversar com a equipe para saber quem poderá ir. Penso em aproveitar um feriado na sexta-feira, dia nove, que é aniversário de nossa cidade.

— Senhor — disse Valéria, que, olhando para o prefeito, lembrou de perguntar o que o preocupava, — vocês cobram?

— Não, não cobramos.

Valéria colocou a mão no fone e falou baixinho para Soares.

— Eles não cobram!

O prefeito suspirou aliviado.

— Podemos hospedá-los e

suprir as despesas da viagem — disse a jovem.

— Isso aceitaremos.

— Agradeço-lhe e, por favor, nos ajude! — implorou a professora novamente.

— Vamos nos reunir logo mais e tentaremos auxiliá-los com nossas orações — prometeu Cláudio.

Valéria agradeceu novamente. Despediram-se. Ela contou tudo

ao prefeito.

— É nossa esperança! —  
exclamou Soares. — Já tinha  
escutado que grupos religiosos,  
espíritas, não cobram. Eles são  
espíritas, não são?

— Penso que sim, ele disse  
estudar as obras do escritor  
francês Allan Kardec, que é o  
codificador da Doutrina  
Espírita, como uma vez uma  
amiga me explicou. Porém

penso, senhor prefeito, que temos de hospedá-los e pagar o combustível.

— Muito justo! Amanhã, professora, venha telefonar, dispense seus alunos noturnos. Pode falar a todos que receberemos ajuda. Isso fará as pessoas ficarem mais otimistas.

E foi o que Valéria fez ao voltar à escola: encontrou-se com pessoas que perguntaram

sobre o assunto, e ela conclui que a maioria dos moradores sabia que ela estava tentando obter ajuda.

Parava e respondia:

— Sim, conseguimos entrar em contato com um grupo fraterno, religioso, espíritas que irão nos ajudar.

Foram feitas algumas perguntas como: “Quando virão?”; “Onde ficarão?”;

“Quem pagará as despesas?”.

Valéria educadamente respondeu que tudo isso seria ainda acertado.

Chegou à escola, as aulas tinham terminado, a diretora a esperava, assim como duas professoras. A elas, contou tudo o que sabia.

— É nossa esperança! — exclamou Nadir. — Sempre estive atenta aos problemas da

escola, que, mesmo pequena, tem muitos, porém solucionáveis. Ultimamente, tenho tomado até remédios para dormir.

— A pessoa — informou Valéria — que me atendeu, o senhor Cláudio, falou que eles, o grupo, iriam orar por nós. Penso que a Moça de Branco não deverá nos incomodar.

Valéria despediu-se, foi para seu apartamento e novamente parou para dar informações. Quando desceu para jantar, um grupo de pessoas a esperava. Repetiu o que já dissera. Novamente foi questionada.

Depois de escutá-la, uns foram jantar, outros saíram. A mestra de inglês acomodou-se numa mesa num canto. Quando terminou, Cândida lhe trouxe a

sobremesa, sentou-se ao lado dela.

— Fiz esse doce para minha casa, quero que experimente. Valéria, sei que repetiu muitas vezes como fez esse pedido de ajuda. Não quero ser chata, escutei as respostas. Mas por que foi você a telefonar?

Valéria contou o que acontecera.

— Esse prefeito! Sempre

empurrando o que lhe cabe fazer — sorriu Cândida. — Porém não sei se isso é tarefa dele. Foi eleito para cuidar dos vivos. Mas, nesse momento, os vivos estão com problemas com os mortos ou com uma morta! Você acredita que essa ajuda dará certo?

— Quero acreditar que sim. Nunca pensei que um fantasma pudesse interferir assim nas

vidas das pessoas.

— Tomara que dê certo! No que depender de você, empenhe-se, por favor! — pediu Cândida.

Valéria sentiu-se aliviada quando entrou em seu apartamento. Receou, à noite, ter dificuldades para dormir, mas, ao pensar no que escutara de Cláudio, acalmou-se e

dormiu.

A diretora encarregou-se de avisar aos alunos do curso de terça-feira à noite que não iriam ter aula.

— Eu — falou Nadir — e um grupo de mulheres, à noite, iremos nos reunir na igreja; lá acenderemos velas, faremos a leitura do Evangelho e oraremos, rogaremos a Deus, Jesus e Maria, para que

permitam que recebamos ajuda.

“A decisão, nesse horário, já terá sido tomada, o senhor Cláudio já terá decidido com o grupo o auxílio que nos prestará. Orar faz bem a quem ora. Penso que dona Nadir se harmonizará com as orações.”

Terminando suas aulas à tarde, Valéria foi para seu apartamento, tomou banho, jantou mais cedo e foi à

Prefeitura. Muitas pessoas estavam lá: uns vereadores com suas famílias, moradores da cidade. Cumprimentaram-se. Ela foi para a sala onde telefonaria e sentiu alívio porque somente o prefeito e sua esposa a acompanharam. Soares fechou a porta.

— O assunto é de interesse de todos, por isso a curiosidade — explicou o prefeito.

A jovem professora discou, seu coração batia forte. Sentia que estava sendo cobrada, como se a ajuda que receberiam dependesse dela.

Novamente Cláudio atendeu.

— Valéria — disse ele —, conversei com a equipe, oramos e penso que esse espírito não deverá incomodá-los por esses dias. Poderíamos auxiliá-los daqui mesmo, porém não

somente os desencarnados envolvidos necessitam de orientação, por isso decidimos ir a Morro dos Ventos. Iremos cinco pessoas: um casal, dois homens e uma moça. Se possível, gostaríamos de ficar em um hotel. E, como ofereceu, aceitaremos o ressarcimento das despesas de viagem e hospedagem; iremos de carro. Também gostaríamos de fazer

nossas reuniões num local privativo onde somente participassem algumas pessoas, gostaríamos que você estivesse presente. Pode ser uma sala onde se acomodem pessoas sentadas. Escolha alguns locais; depois, aí, escolheremos o que mais se adapta. Certo?

— Sim, concordamos com tudo — afirmou Valéria. —

Quando virão?

— Iremos no dia oito, quinta-feira. Como disse, dia nove é feriado, aniversário da cidade. Voltaremos no domingo à tarde. Você decide ou terá de falar com alguém?

— Era o que esperávamos, por isso concordamos — respondeu Valéria.

— Estamos combinados — falou Cláudio —, porém vamos

marcar para conversarmos novamente na terça-feira que vem, nesse horário. Você me liga para combinarmos os detalhes, certo?

— Sim, senhor, e lhes agradeço muito. Todos nós, moradores de Morro dos Ventos, estamos os aguardando ansiosos e, somente por terem aceitado nos ajudar, somos gratos. Muito obrigada!

Despediram-se. O casal estava ansioso porque, dessa vez, Valéria falara pouco, pois foi Cláudio quem falara mais. Ela ia começar a contar, quando Soares a puxou para a sala de reunião onde as pessoas aguardavam. A sala estava agora lotada, chegaram mais moradores.

— Fale uma vez somente e para todos — ordenou o

prefeito.

Valéria falou  
compassadamente, tentou  
repetir tudo o que escutara.

— Por favor — pediu Soares  
assim que Valéria terminou de  
contar —, não façam perguntas  
à professora, com certeza não  
saberá responder. Ela repetiu o  
que escutou. Amanhã à noite,  
dezenove horas, teremos na  
Câmara uma reunião para tratar

de detalhes da visita que receberemos. Convido todos os moradores a participar, principalmente quem quiser ajudar.

Passaram a falar muitos ao mesmo tempo.

— Boa noite! — Valéria se despediu.

Poucos responderam, pois a discussão estava calorosa. Onde se hospedariam? Quem

contribuiria? Onde eles fariam as refeições?

Valéria, não querendo mais participar da reunião, decidiu ir embora. Ao sair do prédio, escutou:

— Valéria! Valéria! —

Rogério alcançou-a. — Se me permite, acompanho-a até seu apartamento.

Rogério estava com um

buquê de rosas na mão.

— São para você! — entregou sorrindo.

A professora pegou, sentiu-se desconfortável. Rogério realmente não a interessava.

— Gostou da cachoeira? Poderia ter me falado que queria ir lá que a levaria e com mais conforto.

— Eu nem sabia que aqui tinha uma cachoeira. Fui com

um grupo, foi um passeio agradável.

— Você gostou das rosas? — perguntou o vereador.

— São bonitas! Obrigada! Não sei por que as recebo.

— Não mesmo? Valéria, estou interessado em você.

— Desculpe-me, Rogério, vim aqui para trabalhar, não faz parte dos meus planos me envolver com ninguém. — A

jovem professora estava encabulada.

— E Guilherme? Não está interessada nele? Esse agrônomo é tão complicado; desde que a noiva morreu, ficou estranho, talvez depressivo. Penso, é o que muitos dizem, que ele tem culpa na morte dela.

A jovem não estava interessada nele e, ao escutar

esse comentário, teve a certeza de que não queria nenhuma aproximação com esse moço.

Chegaram, estavam à frente da escada de seu apartamento.

— Rogério — falou a professora —, penso que não devo aceitar suas flores. Não quero, ao receber seu delicado presente, lhe dar alguma esperança de envolvimento. Nosso relacionamento será de

professora e aluno, nada mais que isso. Boa noite!

Devolveu o buquê para ele e subiu rapidamente as escadas.

“Garota malcriada!”, pensou Rogério. “Sem graça e metida! Ainda bem que não aceitou! Mereço coisa melhor. Será que Edney conseguirá namorá-la? Ou Guilherme?”

Foi para casa torcendo para que ninguém o visse com o

buquê de flores e, para sua sorte, não viram, porque a discussão continuava calorosa na Prefeitura. Nem precisariam fazer a reunião no outro dia. Já tinham acertado tudo. A equipe dos trabalhadores espíritas seria hospedada no hotel, do qual alguns hóspedes seriam levados para casas particulares. Os quartos seriam pintados e todos

bem arrumados. As refeições deveriam ser na cantina, na chácara do prefeito e na casa de Adolfo. Os locais que seriam apresentados como opções para as reuniões eram: a escola, a Prefeitura, a casa de Adolfo, uma sala de ponto comercial que não estava alugada e a igreja.

Valéria sentiu-se aliviada quando entrou em seu

apartamento, mas teve de se acalmar para deitar.

“O que será que Rogério quis dizer sobre Guilherme poder ter sido a causa da morte da noiva? Que pessoa desagradável é esse vereador! Tomara que tenha entendido que não quero me envolver com ele. Se insistir, serei mais clara e até rude. O que terá acontecido com Guilherme?”

Depois que se acalmou, orou  
e dormiu.

# 6

## O agrônomo

No outro dia os alunos estavam animados, não houve faltas.

“Nada como ter esperança”,  
pensou Valéria. “Estão  
acreditando muito nessa ajuda.  
Tomara que dê certo!”

No recreio, um grupinho de alunos conversava, e Florsinda estava com eles; Valéria aproximou-se para escutá-los, não interferiu, encostou na parede e ficou calada.

— Tomara — falou uma menina — que eles peguem a Moça de Branco, a coloquem amarrada numa árvore na floresta e a deixem lá.

— E que seja de ponta-

cabeça! — desejou um garoto.

— Que ela fique num local onde, de quinze em quinze minutos, alguém lhe dê um susto — disse uma aluna.

Os desejos foram muitos. Florsinda interferiu.

— Quando alguém me faz algo que não gosto e eu lhe faço outra coisa que ele também não quer, corre-se o risco de ficarmos trocando ofensas por

muito tempo. Se você, Leandro, xingar Gabriel e ele retribuir, talvez cheguem ao ponto de trocar socos, e os dois ficarem feridos ou sentidos pelo que escutaram. Porém, se você, Leandro, xingar Gabriel e ele lhe responder de maneira educada, não só a discussão terminará como será você quem ficará sentindo ter agido errado. Alguém já pensou que talvez a

Moça de Branco esteja sofrendo e precisando de ajuda? Lembraram-se de orar por ela?

— Se esse espírito nos faz passar medo e nós revidamos, estamos fazendo como no primeiro exemplo que deu: brigamos e será ela a levar vantagem — concluiu Gabriel.

— Sendo assim, por que não mudamos a forma de pensar? —

Florsinda tentava fazer as crianças entenderem. —

Podemos desejar que a Moça de Branco tenha paz, que ela encontre um bom lugar para ficar e que não seja na escola nem na casa do morro.

As crianças se dispersaram, e Valéria olhou para a funcionária com admiração.

“Que lição preciosa escutei. Eu tenhoorado muito

ultimamente e, nas minhas orações, tenho pedido muito por mim. Não fiz uma prece para esse espírito. Penso que ele seja o mais necessitado, mais do que todos nós.”

O resto da semana transcorreu tranquilo. Embora as pessoas sentissem medo, continuaram com suas rotinas, não houve mais aparições, nada de anormal, ou seja, de

sobrenatural, ocorreu na escola ou no morro. Os operários reclamaram dos equipamentos de segurança, não gostaram das roupas, disseram que os incomodavam, que eram quentes, que as botas eram pesadas etc., mas todos as usaram. Seguindo o projeto, o engenheiro encarregado pela demolição a estava fazendo com cuidado, seriam deixadas

algumas paredes porque estas eram grossas, como também seriam aproveitados alguns tijolos. O hotel teria algumas partes no estilo antigo, lembrando um castelo. Por isso a demolição estava sendo devagar.

No sábado, Valéria, ao terminar a aula, foi rapidamente almoçar, depois foi se arrumar para ir com o grupo

à cidade vizinha.

No horário combinado, os amigos passaram para pegá-la. Foi no carro de Guilherme, porém outra pessoa estava na frente, ao lado dele.

Conversando e rindo, foram ao cinema. Guilherme se sentou perto dela. Ambos prestaram atenção no filme, que foi muito interessante. Em seguida foram a uma lanchonete, conversaram

sobre o filme e depois sobre o fantasma e a ajuda que receberiam. Indagaram Valéria, querendo saber mais, porém ela não falou nada que eles não soubessem.

— Os espíritas — afirmou Guilherme — têm um conceito de vida que consola e auxilia muito. Acredito que eles resolverão o problema desse

espírito.

Era o desejo de todos.

Guilherme, sentado perto de Valéria, falou baixo para somente ela escutar.

— Valéria, queria falar com você, convido-a para ir comigo a um local somente nós dois. Topa?

A moça afirmou com a cabeça.

— Amanhã a pego às nove

horas. Vou levá-la para conhecer a praia do outro lado. Local de passeios incríveis. Tem um barco que faz um roteiro pelo rio, é muito bonito. Não se preocupe, lá não é deserto. Principalmente aos domingos, vêm pessoas de outras cidades e muitos surfistas.

Voltaram a conversar com o grupo. No horário marcado, retornaram a Morro dos Ventos.

Valéria ficou ansiosa, não conseguia deixar de pensar no passeio que faria no dia seguinte. Demorou para dormir e acordou cedo no domingo. Estava pronta antes do horário combinado, mas esperou, no apartamento, Guilherme chegar. Quando desceu, ele a esperava ao lado do jipe; sorriu contente ao cumprimentá-la e a ajudou a entrar no veículo.

— Temos, na praia, do outro lado, um bom restaurante — explicou o moço — que, embora simples, serve uma comida gostosa.

— Esses proprietários também fazem planos de ampliar seus comércios? — perguntou Valéria.

— Sim, todos fazem. As pessoas que trabalham na Praia Brava têm casas perto da praia.

Pescam durante a semana; aos sábados, domingos e feriados, dois deles usam o barco para passeios pelo rio, e outros trabalham no restaurante.

Chegaram rápido; perto do morro havia uma estrada muito bem cuidada que, contornando, ia à Praia Brava. A moça admirou o local: olhando para o continente, via a mata; à frente, a praia de areias claras e soltas

não se parecia com a praia da cidade. Ambas eram separadas pelo morro, estavam perto uma da outra, mas eram tão diferentes; as ondas ali eram altas e, naquele momento, um grupo de surfistas estava na água.

— Paramos aqui, no futuro esse estacionamento será ampliado. Iremos caminhando

até o local para subirmos no barco. Dentro de dez minutos ele sairá para o passeio — explicou Guilherme.

Valéria notou que todas as pessoas que encontravam cumprimentavam seu acompanhante com respeito e admiração. O agrônomo teve que insistir para que o senhor que organizava o passeio aceitasse seu pagamento. O

grupo não era grande, eram treze adultos e quatro crianças. O barco estava ancorado no rio, que, metros depois, se encontrava com o mar.

— Agora — explicou Guilherme —, nesse horário, a maré está baixa; à tarde, sempre sobe, e aí esse encontro fica mais tumultuado; na época da maré mais alta, forma-se uma pequena pororoca. É muito

bonito!

Um dos pescadores que estava no barco se aproximou.

— É um prazer ter conosco a professora de inglês que realmente está ensinando. É mestra de dois dos meus filhos.

Falou os nomes, e Valéria se lembrou deles. Como todos os alunos, eles eram educados e interessados em aprender. O que ela mais admirou nessa

escola era a disciplina, raramente tinham problemas de insubordinação.

— Guilherme tem nos ajudado muito — contou o dono do barco. — Todos nós aqui. A ideia de fazermos esses passeios é dele. Ajudou-nos também a divulgá-los nas cidades vizinhas. Estamos guardando dinheiro para reformar o restaurante e o barco. Ele fez

uma cooperativa e, assim que o hotel ficar pronto, receberemos mais turistas, o que, além de melhorar nossas situações financeiras, permitirá que trabalhemos em melhores condições e até que geremos empregos.

O senhor saiu de perto deles, e Guilherme passou a lhe explicar, mostrando os locais.

— Ali tem uma plantação de

palmito; do outro lado, um bananal; aqui tem muitos peixes.

O barco ia contra a correnteza, mas esta era calma, a moça tanto prestava atenção em Guilherme como no que via.

— Você, pelo jeito, ajudou os moradores daqui — falou ela.

— Sempre gostei de estudar — respondeu o agrônomo —,

aprender, e, quando voltei para cá, compreendi que poderia orientar os moradores de minha cidade. Foi o que fiz. Em muitos lugares tem dado certo o sistema de cooperativa. Organizei para eles, fiz os estatutos aproveitando suas ideias. Tem dado certo, e espero que dê muito mais.

O passeio durou uma hora. Quando saíram do barco,

Guilherme a convidou para um banho de mar. Dessa vez, a jovem usou um biquíni. Os dois pareciam crianças, brincaram e riram muito. Trocaram de roupa e foram almoçar. Todos estavam contentes por receber Guilherme. A comida estava muito gostosa.

— Vamos nos sentar ali? — convidou Guilherme.

Do lado do restaurante havia

um pequeno jardim com bancos. Acomodaram-se em um que balançava e tinha almofadas.

— Dá até para dormir, tirar uma soneca — falou o moço.

— Este lado da cidade é tão bonito! — exclamou Valéria. — Estou gostando muito do passeio. Obrigada por me trazer. É a primeira vez que entro no mar aqui.

— Você está acreditando que

esse grupo irá nos ajudar? —  
Guilherme perguntou e sorriu.  
— Tenho pensado: como pode  
um espírito desestabilizar assim  
um lugar? Do entusiasmo e  
sonhos, as pessoas passaram a  
temer que desistam do hotel. Os  
estudantes, apavorados, não  
querem ir à escola. Anos atrás  
eu não acreditava em  
fantasmas, pensava ser coisa de  
ignorantes. Mas já vi a Moça de

Branco. Aí mudei de ideia. Adolescente, eu, dois primos e três amigos fomos à ruína do morro. Lá, fizemos gracejos, chamamos por ela, dissemos que ela era alma penada e a vimos no alto da escada, corremos em disparada. Quando entrei na universidade, fiz amizade com um colega que era espírita, e ele me deu umas informações. Ao contar para ele

o que acontecia no morro, me explicou que a Moça de Branco era um espírito como somos todos nós, só que, quando vivemos num corpo físico, somos chamados de “encarnados” e, quando esse corpo, pela falência dos órgãos, acidente etc. morre, somos chamados de “desencarnados”. Depois de uns anos, mas ainda

na universidade, fui com esse amigo a um centro espírita, foi uma experiência muito boa.

— Conte para mim o que fez você querer ir ao centro espírita e o que viu lá — pediu Valéria.

— É uma longa história — Guilherme suspirou.

— Temos tempo, aqui está tão gostoso! A não ser que você não queira contar...

O moço sorriu.

“Que sorriso lindo! Nunca vi um sorriso assim tão cativante!”, pensou ela.

— Vou tentar resumir — falou o agrônomo. — Porém antes quero lhe dizer que minha experiência com os espíritas foi muito positiva e que, se aqui tivesse um grupo espírita, pediria para fazer parte dele. O que escutei dos espíritas e os poucos livros que li vieram ao

encontro de meu raciocínio, são coerentes, não mandam você acreditar em nada, porém explicam, e você acredita porque entende.

— Estou ficando curiosa — falou a moça. — Não sou muito religiosa, oro e de vez em quando vou à igreja, porém sinto falta de ter uma compreensão maior.

— Você já pensou por que

existem tantas diferenças entre as pessoas? Vemos, nos noticiários, pessoas sofrerem com as guerras, e muitas delas são crianças que são feridas e não têm atendimento, passam por várias necessidades. Por que essas crianças estão lá na zona de conflito e outras aqui em Morro dos Ventos? No nosso município não há miseráveis, tenho certeza de que ninguém

aqui passa fome ou fica sem assistência médica.

— Reencarnação? —  
perguntou Valéria.

— Sim, com a volta do nosso espírito muitas vezes em corpos físicos diferentes e pelos nossos atos, bons ou ruins, somos atraídos para viver em determinados locais em corpos sadios ou doentes. Maravilhoso com essa verdade!

— Estou lembrando de um garoto que era nosso vizinho. “Era” porque faleceu aos treze anos, e isso deve fazer uns três anos. Era muito deficiente, cego, mudo, não andava, mas mexia as mãos e escutava. Os pais cuidavam dele com carinho. Quando o conheci, fiquei impressionada e quis saber o porquê de ele ser

doentinho daquele modo. Pela medicina, foi explicado o nome da enfermidade, o que ocorria e o que estava previsto para acontecer. Mas por que ele? Por que uma criança nascer assim? Perguntei a dois líderes religiosos. Um me respondeu que era porque os pais haviam pecado. Porém minha avó ajuda uma grande instituição que abriga crianças especiais, e lá

estão muito enfermos abandonados pelos pais, que não vão visitá-los. Concluí que, se era castigo para os pais, ao abandoná-los, eles deveriam morrer. Depois de muito pensar, não aceitei essa explicação. O outro me afirmou que um ser assim doente, ao morrer, irá para o céu. Também não aceitei: se Deus me deu inteligência e, por meio dela,

posso agir com maldade e ir para o inferno, privilegiou o outro que é deficiente, uma vez que, ele não errando, vai para o céu. Resolvi não pensar mais no assunto. Compreendo agora que é mais fácil não pensar do que procurar respostas. Quando esse garoto nasceu, o pai revoltou-se, depois se acalmou e aceitou o filho, isso se deu porque ele conversou com uma senhora

espírita. O casal se tornou espírita. Na minha vida, como neste momento, têm ocorrido fatos que podem ser explicados pelo espiritismo. Quero saber mais sobre essa religião.

— Talvez esse casal, ao ter conhecimento da lei da reencarnação, tenha compreendido que houve motivo para o filho ter sido deficiente — comentou

Guilherme.

Os dois ficaram calados por alguns segundos.

— Não falei o porquê de ter ido ao centro espírita. Quer mesmo escutar? — perguntou o moço.

— Sim, gostaria.

— Desde pequeno — falou Guilherme — interesse-me pela natureza. Tenho a certeza de que somente me daria bem

na profissão que escolhi. Terminei o ensino básico aqui, fui para a cidade vizinha concluir o ensino médio e lá estudei inglês e espanhol. Passei numa boa universidade. Assim que recebi meu diploma, passei nas provas para fazer um curso de agronomia nos Estados Unidos. Quando terminei, fui convidado para trabalhar lá.

Embora tenha gostado do país e da oferta de emprego, quis voltar e, mesmo aqui, no nosso país, recusei um bom emprego, preferi retornar à minha cidade natal. Além de ajudar meu pai, faço trabalhos para os fazendeiros da região. Estou contente e tento auxiliar os moradores daqui no meu possível.

O jovem agrônomo fez uma

pausa, não havia respondido o que lhe fora indagado; olhou para Valéria, e sorriram um para o outro. Ele voltou a falar.

— No segundo ano do curso, conheci Betina. Antes, tivera somente alguns namoricos. Quando estudei aqui, era muito meninote; na cidade vizinha, saí com garotas, tive duas namoradas, mas nada sério. Tinha um objetivo: estudar.

Quando conheci Betina, interessei-me muito por ela, que era mais velha que eu e estava no terceiro ano. Namoramos firme e ficamos noivos. Fazia um ano e seis meses que estávamos juntos quando ela começou a ter mal-estares. Pensamos que estivesse grávida. Não demonstrei, porém senti que não estava, naquele momento, preparado para ser

pai. Ela fez exame, e o resultado foi negativo, não estava grávida. Como pioraram os mal-estares, foi ao médico e, após muitos exames, recebeu o diagnóstico: leucemia. Minha noiva morava na cidade onde estudávamos, era de classe média e o pai havia sofrido um acidente vascular cerebral que lhe deixara sequelas. Ela tinha somente um irmão, que, na época, estava

com doze anos. Eu cuidei dela. Meses depois, sentindo-se muito doente, não conseguiu ir mais às aulas e trancou a matrícula. Eu estava no oitavo semestre, no quarto ano, e, até então só tirava notas altas; passei a faltar muito e não conseguia estudar. Era eu que a acompanhava nas suas interações, nos exames... Foram muitas as noites sem

dormir em que foi piorando. O médico que a tratava me chamou e disse que minha noiva tinha pouco tempo de vida. Eu quase não ia mais à universidade, escondi isso de meus pais. Depois de uma noite em que passou muito mal e em que fiquei o tempo todo ao seu lado, Betina segurou minha mão e falou: “Guilherme,

somente Deus para lhe pagar o que você tem feito por mim. Muito obrigada! Tenho uma coisa para lhe falar. Escute-me! Isto está me fazendo sofrer. Vendo sua dedicação e o que está fazendo por mim, arrependo-me e preciso do seu perdão”. Quis impedi-la de falar, mas ela insistiu, e fiquei curioso. “Traí você!”, exclamou com dificuldade. “Quando

comecei a sentir os mal-estares, estava saindo com um professor e tive medo porque, se estivesse grávida, não ia saber quem era o pai. Pensava em terminar com você, mas, com os resultados dos exames, sabendo que eu estava doente, ele terminou comigo. Ao seu lado tinha segurança e necessitava de auxílio, resolvi ficar com você.” Betina

começou a tossir, uma enfermeira veio acudi-la, e ela dormiu. Saí do hospital e fiquei um bom tempo andando pelas ruas até que vi uma praça e me sentei num banco. Estava como que anestesiado, cansado por muitas noites sem dormir direito, por estar me alimentando mal. As palavras dela ecoavam na minha mente. Fiquei ali um bom tempo,

depois me levantei e fui para onde morava, uma casa com mais cinco estudantes. Tomei banho e fui dormir. Dormi por doze horas. Quando acordei, fui a um restaurante, almocei e voltei ao hospital. Encontrei Betina dormindo, saí logo e fui à universidade. Por um ano e cinco meses havia abandonado os estudos, teria de fazer várias matérias novamente. À noite,

voltei ao hospital: a mãe e o irmão estavam no quarto. Cumprimentei-os, e a mãe perguntou o porquê de ter deixado Betina sozinha. Respondi: “No hospital, ela não está sozinha”. Decidi não contar a eles que minha noiva me traíra. Queria conversar com a enferma e o fiz depois que a mãe e o irmão haviam ido embora. Pedi para me contar o

que de fato acontecera. Ela falou que se envolvera com outra pessoa, que planejara terminar comigo e que, quando ficou doente, ele não a quis mais. Que ela, assustada, com medo, aceitou minha ajuda e, sabendo que ia morrer, queria meu perdão, mas que entenderia se eu não a ajudasse mais. Falou também que pedira ao médico

para deixá-la no hospital, assim não sobrecarregaria a mãe e teria ali quem cuidasse dela. “Não sei se a perdoo”, respondi o que sentia no momento. “Entendo”, Betina falou, fechou os olhos e ficou calada. Saí sem me despedir. Não sabia o que fazer, passei a ir mais à universidade, porém teria mesmo de retornar no ano seguinte. Fui algumas vezes ao

hospital, e minha ex-noiva, porque não a considerava mais como noiva, me olhava com carinho; hoje sei que era gratidão. Betina morreu, fui ao enterro, recebi condolências e me senti aliviado quando tudo terminou. Dias depois o ano letivo terminou, fui à casa dos pais dela para me despedir e falei que passaria as férias com minha família. Com Betina

doente, nem vinha para cá. A mãe dela me agradeceu novamente, e eu disse que não iria voltar mais ali, onde tinha muitas lembranças, e que agora me dedicaria aos estudos e que atrasaria para me formar. A mãe, o irmão de Betina me telefonaram algumas vezes; eu repetia que estava estudando muito, por isso não ia lá e, foi isso o que realmente fiz.

Guilherme fez uma pausa para logo depois voltar a contar:

— Nas férias, em casa, pelos cuidados de minha mãe, me recuperei; contei a eles o que ocorrera, falei dos meus estudos, não recebi nenhuma crítica, me entenderam. Voltei à universidade no início do ano letivo e estudei com dedicação, voltei aos cursos de idiomas. Estava bem, porém alguns

meses depois comecei a me sentir inquieto, acordava durante a noite assustado, sentindo calafrios, arrepiava-me e tinha a sensação de ter alguém perto de mim. Fui ao médico, fiz exames e deu tudo normal; ele me receitou remédios para estafa. Como não melhorei, lembrei-me do colega espírita e pedi ajuda a ele, que me levou ao centro espírita.

Gostei do lugar e, depois de receber boas energias pelo passe, senti-me relaxado, bem, como havia muito não me sentia. Terminou a reunião, e uma senhora aproximou-se de nós, pediu que a acompanhasse. Meu amigo foi comigo. Entramos numa salinha, ela me olhou e falou: “Moço, estava perto de você uma moça”, ela

descreveu Betina, “que quer seu perdão. Pediu para lhe dizer que é muito grata, que o remorso a incomoda, não a deixa descansar”. Os dois me olharam, meu colega e a mulher. Demorei para responder, me passou pela mente o tanto que ajudara minha ex-noiva, o tanto que fiz por ela. “Fez para ter algo em troca?”, perguntou a senhora.

Olhei para ela assustado. “Não”, respondi. Será que faria de novo? Se soubesse da doença da Betina junto com a traição, como a trataria? Talvez não a tivesse ajudado. “Preciso de um tempo para responder”, respondi. “Tudo bem”, a senhora era muito gentil, “essa desencarnada saberá esperar, ela não ficará mais ao seu lado, iremos auxiliá-la e ficará

conosco. Peço que volte mais vezes, procure saber o que é o perdão para depois conseguir perdoar”. Esse colega não comentou nada, ele entendeu que a moça desencarnada era Betina e passou a conversar mais comigo, me deu livros espíritas, me emprestou outros e, trinta minutos por dia, dediquei-me a lê-los. Fui com ele outras vezes assistir a

palestras e receber passes. Numa palestra, foi abordada a prece do Pai-Nosso; foi muito bonita e esclarecedora, o palestrante leu a passagem do Evangelho de Mateus<sup>1</sup> em que Jesus ensinou a orar. O senhor explicou cada frase. Emocionei-me quando ele falou: “Perdoai para serem perdoados”. A explicação dele me tocou; depois soube que o orador

comentou textos de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, livro de Allan Kardec, do capítulo 28, “Coletânea de Preces Espíritas”, no qual explica a oração do Pai-Nosso. Escutei dele aquela noite e depois li tantas vezes esse texto que decorei: “que cada uma de nossas infrações às vossas leis, Senhor, é uma ofensa que vos fazemos, é uma dívida contraída que cedo ou

tarde será preciso resgatar”. E: “Na caridade, nos ensinastes a maior das leis, mas a caridade não consiste somente em amparar ao semelhante na necessidade. Consiste também no esquecimento e no perdão das ofensas. Com que direito reclamaríamos vossa indulgência, se nós mesmo não usássemos dela para com

aqueles dos quais temos do que nos queixar?”. Com a leitura desse livro, também ficou guardado no meu íntimo outra passagem: “Para deixarmos a caridade governar nossas ações, por ela evitaremos fazer o mal e nos levará a fazer o bem. Não basta ser passivo, não fazer o mal, é necessário ser ativo, fazer o bem”.<sup>2</sup> Aquela semana meditei muito sobre o que

escutara. Antes, orava o Pai-Nosso sem prestar atenção no sentido de cada frase. Voltei na semana seguinte e, quando uma senhora terminou a palestra, procurei pela mulher que me dera o recado. Ela gentilmente me atendeu e fomos novamente à sala reservada. Falei: “Vou perdoar aquele espírito! A senhora, por favor, diga a ela que a perdoo e que pode estar

em paz”. “A moça está aqui”, afirmou a pessoa que me atendia, “e chora emocionada, pede para lhe dizer que o ama e que é muito grata, que orará sempre por você”. Emocionei-me também. Agradei à senhora. Voltei outras vezes, mas, depois, indo para os Estados Unidos, deixei de lado essa atividade.

— Você a perdoou mesmo?

— perguntou Valéria.

— Sim, perdoei. Às vezes não entendemos certas atitudes de outras pessoas. Mas penso que elas têm suas razões. Talvez Betina não me amasse tanto como eu queria, talvez me achasse imaturo, interessou-se por outro; com certeza tinha planejado me contar e aí ficou doente. Sendo desprezada pelo outro, com o pai doente e não

podendo contar com a mãe, aceitou minha ajuda. Eu a amei, mas, com sua doença, esse amor passou a ser como o de um pai. Pela minha criação, pela minha vontade de sempre agir corretamente, por me sentir responsável, pensei que deveria cuidar dela. Sacrifiquei-me por isso. Penso que talvez, pela reencarnação, lhe devesse essa ajuda. Concluí que tudo o

que fazemos, seja de bom ou não, esses atos nos pertencem. Foi muito bom perdoar e fazê-lo de coração. Com certeza, fui o mais beneficiado. Passei a ser mais tranquilo. Também perdoei as fofocas que fizeram por aqui — Guilherme riu e, vendo a jovem curiosa, explicou: — Cidades pequenas são normalmente pacatas,

Morro dos Ventos é. Não temos violência, não há registros de roubo, há anos não temos um homicídio, porém, para muitos, fofocar é passatempo, distração. contei para meus pais da possibilidade de Betina estar grávida, e eles espalharam, por causa da alegria de serem avós. Com o desmentido, falaram que minha noiva fizera um aborto e que ficou doente por isso. Como

se aborto pudesse ser a causa de se vir a ter leucemia. — O agrônomo mudou de assunto: — Vamos andar um pouco pela praia? O tempo passou rápido e logo o Sol se esconderá no horizonte.

Os dois foram à praia e andaram devagar.

— Guilherme, obrigada por confiar em mim contando essa parte de sua vida que lhe causou

tantas dores.

— Estava pensando: Por que fiz isso? Devo tê-la chateado. Não costumo comentar esse assunto. Faz anos que não falo dele.

— Foi porque perguntei como conheceu o espiritismo — lembrou a moça.

— Deve ter sido isso.

— Não se preocupe, não vou repetir o que ouvi — afirmou

Valéria.

— Sinto isso, porém não me importei com o que falaram nem me importarei se voltarem a falar. Nada melhor que seguir em frente, não parar para dar explicações ou se defender de alguma fofoca.

— É melhor irmos embora — decidiu a jovem.

— Posso buscá-la à noite, na quarta-feira, na escola?

— Sim, pode.

Pouco conversaram na volta. Valéria agradeceu pelo passeio e se despediram com um “tchau”.

“Guilherme se emocionou com as lembranças”, pensou ela no seu apartamento. “Foi por isso que Rogério falou que ele tinha culpa pela morte da noiva. Maledicente!” Depois de escutá-lo, admirou mais ainda Guilherme!

Novamente adormeceu  
pensando nele, no seu sorriso.

# 7

## O grupo

Guilherme estava contente. Foi para casa após ter deixado Valéria no seu apartamento.

“Faz tempo que não penso no passado, nem sei por que falei dele. Deve ser porque ela me

perguntou como conheci o espiritismo. Por tempos, pensei que minha dedicação a Betina me fizera perder muitas coisas. Por um ano e meio me atrasei nos estudos; durante esse tempo não tive nenhum lazer, alimentei-me mal, não comprei roupas, nada para mim, isso para ajudá-la financeiramente. O tempo passou; hoje, graças a Deus, não sinto perdas, mas,

sim, que foi um grande aprendizado, tanto que, se isso não ocorresse, se tivesse me formando antes, não teria concorrido e ganhado a bolsa de estudos e ido para os Estados Unidos, onde aprendi muito sobre agronomia. Pode ser que eu tenha resgatado algo com Betina ou provado a mim mesmo que sou capaz de ajudar pessoas. Talvez tenha falhado

num quesito, fiz o bem a quem amava e a quem julgava me amar. Quando soube da traição, mudei, mas não contei para os pais dela nem para ninguém o que aconteceu. Foi bom falar do passado, isso porque me sinto agora liberto dele. São lembranças da mente, não do coração. Valéria também deve ter algo guardado no seu íntimo, talvez ainda esteja na

área do sentimento, no coração. Será que está precisando de auxílio para passar essas lembranças para a mente? Não se esquece dos acontecimentos, mas não devemos deixar que fatos ruins nos incomodem. Há muito tempo não me interessei por uma garota como estou interessado em Valéria. Ela é bonita e parece esconder sua beleza. Por que será? Nosso

envolvimento resultará em namoro? Porém, antes gostaria de conhecê-la melhor e saber o que ela esconde no coração.”

Adormeceu pensando nela.

Valéria acordou e, enquanto se arrumava, pensou em Guilherme.

“Nós somente falamos de fatos íntimos àqueles em quem confiamos. Contou-me o que ocorreu com ele em um período

difícil de sua vida. Ainda bem que agora está tranquilo, em paz e, pelo que notei ontem, ele ajuda muitas pessoas.”

Na escola, os alunos estavam mais tranquilos; embora as medidas continuassem, a Moça de Branco não aparecera mais.

Na terça-feira à noite Valéria foi à Prefeitura telefonar novamente, muitas pessoas

estavam lá. Quando chegou, o prefeito falou alto para todos:

— Já acertamos tudo, quero que a senhorita diga isso ao senhor Cláudio. Eles não terão dispensas, e, como ele prometeu, o fantasma não tem aparecido. Diga que estamos ansiosos, esperançosos e que eles serão bem-vindos à nossa cidade.

— Pergunte também em que

horário chegarão — pediu Edney.

Valéria somente concordava com a cabeça. Soares a puxou e entraram na sala de recepção onde estava o telefone.

A professora discou e Cláudio atendeu; depois dos cumprimentos, ela falou:

— Senhor Cláudio, agradeço-lhe. A defunta não tem atormentado, como o senhor

afirmou. Não apareceu na escola nem no morro.

— Isso é bom!

Valéria então falou tudo de uma vez o que lhe fora recomendado.

— Responderei por partes — falou Cláudio. — Iremos na quinta-feira, sairemos daqui pela manhã, penso que chegaremos às doze horas. Pretendemos fazer uma sessão

de ajuda na quinta-feira, às dezenove horas, e a repetiremos na sexta-feira e no sábado. Domingo, viremos embora logo após o almoço. Não necessitamos de nada, o local da reunião deve ser uma sala com cadeiras. Somos pessoas simples, iremos aí com o único objetivo de auxiliar.

A jovem mestra agradeceu novamente, era sincero seu

agradecimento; o fato de a assombração não ter aparecido mais foi um alívio.

Desligou e, como na vez anterior, foi à outra sala e repetiu tudo o que ouvira.

— Está tudo planejado, organizado, e iremos aguardá-los na quinta-feira — determinou Adolfo.

Começaram a falar e a comentar, estavam

entusiasmados. Valéria despediu-se e saiu, voltou para seu apartamento.

Não fazia cinco minutos que chegara quando bateram à porta. Assustou-se. Nunca tinha, desde que fora morar ali, alguém batido à sua porta.

— Quem é? — perguntou.

— Edney! O vereador Edney!

Admirada, abriu a porta e não

o convidou a entrar; ela que foi para o corredor onde ele estava.

— Boa noite — disse o vereador —, espero que não esteja incomodando. Queria lhe falar. Posso?

A jovem professora afirmou com a cabeça e o olhou para prestar atenção no que ele falaria.

— Como sabe, sou viúvo e me interessei por você. Sou um

homem sério e, pelo que tenho observado, você também é séria. Penso que podemos dar certo. Minhas intenções são as melhores: namoro firme, noivado e casamento. O que me diz?

Ele sorriu, e Valéria ficou sem saber o que fazer.

“Não estou acreditando no que estou ouvindo. Pedido de namoro com noivado e

casamento? Ai, meu Deus! O que faço? Não quero ofendê-lo.”

— Edney, não tenho intenção de me casar. Penso mesmo em ficar solteira, estou bem assim. Fico lisonjeada com seu pedido, porém não posso aceitar, não é isso que quero para minha vida. Desculpe-me!

Enquanto falava, a expressão dele foi mudando, parou de

sorrir, ficou sério, mas a continuou olhando.

— Sei que não fez nada para me encorajar a vir aqui. Eu que me entusiasmei depois que recusou Rogério. Penso que eu é que devo pedir desculpas.

— Não, é que... — Valéria gaguejou, não sabia o que falar.

— Espero que a professora não comente o que escutou. Não quero aborrecê-la mais. Boa

noite!

Virou e desceu as escadas rapidamente. Valéria fechou a porta.

“Meu Deus! Que situação chata! Espero não tê-lo ofendido, mas, como ele falou, não o encorajei, até mesmo fiz de tudo para afastar ele e Rogério. Se contar isso à vovó, ela com certeza dirá que estou arrasando. Porém, será que

Rogério e Edney se interessariam por mim sabendo quem sou? Ou filha de quem eu sou? Penso que não. E Guilherme? Será que está interessado em mim? Se está, ainda estaria sabendo de quem sou filha?”

Começou a se sentir estranha, ficou inquieta, sentiu medo, e em sua mente vinha

um pensamento estranho.

*“Não fique com Edney! Não fique! Ele é meu!”*

— Não vou ficar com Edney! Não o quero! Não! E não! — falou alto.

Aflita, sentou-se no sofá e começou a orar. A agonia que sentia foi suavizando; quando se sentiu tranquila, foi dormir.

No almoço no dia seguinte, Cândida sentou-se numa

cadeira ao lado dela e quis saber:

— Você acredita que esse grupo vem para ajudar a todos os que pedirem ajuda? Foi isso mesmo que escutou?

— Sim, foi isso que escutei  
— respondeu a jovem.

— Tenho uma cunhada, a Bernadete; há três anos seu filho, sobrinho de meu marido, aos trinta e dois anos, se

suicidou. Ele planejou, escreveu uma carta e deu um tiro no peito. Bernadete não se conforma e chora muito pensando que o filho amado está no inferno e pela eternidade. Estive pensando: se pregam que Deus é justo e bondoso, por que o Pai Celeste não pode dar outra chance para Jairo e perdoá-lo? Ela quer pedir auxílio a esse grupo,

pensa que, se eles orientam os que morreram, podem orientar seu filho. Será que é possível ela pedir ajuda a esse grupo?

— Penso — respondeu Valéria — que pedir, pode, porém não sei se eles poderão atendê-la. Se eu estivesse no lugar dela, pediria. Isso será fácil. Eles chegarão na quinta-feira, no horário do almoço, descansarão um pouco, talvez

até saiam para dar um passeio. O senhor Cláudio escolherá um local para se reunirem às dezenove horas. É fácil saber onde será a reunião. Se ficar por perto quando eles chegarem, sua cunhada poderá pedir ajuda. Pelo que escutei, pelo pouco que conversei com o senhor Cláudio, penso que os espíritas poderão orientá-la e consolá-la.

— Obrigada. Vou agora à casa

de Bernadete repetir o que você me falou e me oferecer para ir com ela. Queria muito que meu sobrinho recebesse ajuda. A esposa se separou de Jairo e foi morar com seus dois filhos na casa dos pais dela; ele foi demitido e veio para cá. Planejou tudo e se matou. Bernadete e o marido não se conformam com o fato de o

filho não ter lutado, procurado outro emprego, tentado uma reconciliação com a esposa ou até procurado outra mulher.

“Penso que esse grupo vai ter muito o que fazer em Morro dos Ventos”, concluiu Valéria.

Quando terminaram as aulas naquela quarta-feira, todos foram avisados que não iriam ter mais aulas à noite no resto da semana. Ao sair, a professora

de inglês viu Guilherme esperando-a. Despediu-se dos alunos e foi se encontrar com ele.

— Vim vê-la e trocar uma ideia com você. Vamos sentar num banco da praça? Assim todos nos verão e saberão que estamos somente conversando. Será que posso ir a essas reuniões? Estive pensando, quero conhecer mais sobre o

espiritismo e me tornar espírita. Essa é uma grande oportunidade.

— Penso que sim. O senhor Cláudio me disse que quer que eu faça parte dessa ajuda e que poderão participar algumas pessoas.

Valéria contou como o grupo ia fazer e sobre o local que seria escolhido.

— Isso é fácil saber, vou

estar no local às dezoito horas e quarenta minutos e pedirei para ficar — decidiu Guilherme.

Calaram-se por uns três segundos.

— Valéria, posso saber o porquê de ter vindo para cá? Sei que lecionava num colégio grande e que seu salário era bem maior. Desculpe-me, não quero me intrometer em sua vida, mas gostaria de saber.

— Para todos disse que queria trabalhar num local tranquilo, gosto do litoral, amei a escola e também os alunos. Isso é verdade! — respondeu a jovem.

— Parte dela, não é? — perguntou Guilherme.

— Sou filha única de uma filha única, não conheci meu pai, ele morreu quando minha mãe estava grávida. Em

determinado momento, meses atrás, senti necessidade de sair da proteção excessiva das duas e provar a mim mesma que conseguiria viver sozinha com meus recursos. Sugestão aceita.

— Hum! — exclamou Guilherme.

“Isso também é parte da verdade”, pensou ela. “Agora percebo que as duas não me

deixavam resolver meus problemas.”

Guilherme a olhou, ela entendeu que o moço sabia que não contara tudo e sentira por ela não confiar nele.

“O que será que Valéria esconde?”, pensou o jovem agrônomo. “Costumamos esconder fatos que nos envergonham, ou quando temos medo de que eles nos

machuquem mais. Quando ela quiser, falará.”

— A noite está bonita! — disse Guilherme. — Amanhã, com certeza, teremos novidades. Tudo aqui parece, até a natureza, que, por não ventar, está imóvel, estar em compasso de espera, em contagem regressiva.

— Guilherme, vim para cá também para conhecer outra

forma de vida, mudar, deixar para trás algo que me incomodava.

Ele não disse nada, nem a olhou; após uma pequena pausa, Valéria voltou a falar:

— Adolescente, não tive namorados, só alguns encontros que não deram em nada. Fiquei focada nos estudos. Na universidade, tive muitos amigos, mas não quis namorar.

Quando me formei foi que namorei, julguei-o diferente, mas tive uma decepção e terminamos. Agora tenho a certeza, faz tempo que nem me lembro dele, de que não foi nada sério, que não o amava. Mas, naquele momento, a decepção doeu, penso que foi mais por excesso de amor-próprio. Por que comigo? Não merecia! Penso que vim para cá

porque optei mesmo por ficar sem a proteção exagerada de minha avó. Amo muito minha vizinha, penso que a amarei para sempre. Nesse tempo aqui entendi que sou capaz de resolver meus problemas.

Guilherme pegou na mão dela, olhou-a e exclamou:

— Que bom que esqueceu esse sujeito!

A jovem professora sorriu.

Ele não perguntou nada, mas ela sentiu que Guilherme queria saber qual fora a decepção. Resolveu contar.

— Namorei William, ele trabalhava na cidade e me dizia ter os pais idosos em outra. Ia todos os finais de semana para lá. Passamos a namorar firme e quis conhecer os pais dele, mas William se recusou; se

reclamava, ele dizia que eu o conheceria assim e que aceitara namorá-lo desse jeito. Desconfiada, fui ao trabalho dele e fiquei sabendo que ele era casado e tinha filhos. Terminei o namoro e senti pena de sua esposa. Fui até aconselhada a contar a ela, mas não o fiz. Separei-me dele e não quis vê-lo mais.

“Valéria não me decepçiona,

não quis contar para a esposa dele, isso demonstra que é uma pessoa boa”, pensou Guilherme.

— Espero que fique por aqui. Sinto que você faz parte deste lugar — o moço falou em tom carinhoso.

— De fato, gosto muito de estar aqui.

— Por que sua avó e sua mãe não vieram ainda visitá-la?

— Não as convidei —  
respondeu Valéria sem pensar,  
depois tentou explicar. — Como  
disse, quis provar que  
conseguiria ficar bem sozinha.  
Vovó está idosa e mamãe  
trabalha muito. Vou nas férias  
ficar com elas.

— Gostaria de conhecê-las  
— falou o agrônomo.

“Como será que Guilherme  
reagiria se soubesse o que

minha mãe é e faz? Continuará interessado? Estarei agindo certo não falando? Mas e se falar, ele comentar e todos na cidade souberem? Não vou falar, pelo menos não neste momento.”

Passaram a falar de outros assuntos. Ficaram tranquilos, de mãos dadas.

— Devo ir para meu apartamento. É tarde para uma

cidade pacata! — falou Valéria.

— Vou acompanhá-la!

Na frente da escada, pararam e, como havia pessoas os olhando, despediram-se com um “tchau”.

No outro dia, na escola, os alunos falaram muito, comentando sobre o grupo, os esperavam como se eles fossem heróis.

“Como essa assombração

atrapalhou esses estudantes!”, concluiu a jovem professora de inglês. “Tomara que eles nos ajudem a solucionar esse problema; senão, ficarão muito decepcionados.”

Nadir a procurou no recreio.

— Valéria, como combinamos, você não dará aulas à noite nesta semana. Se precisar, pode sair à tarde para

recebê-los.

— A senhora está esperançosa, não é? — perguntou a professora.

— Sim, estou muito! Desde que esse senhor Cláudio afirmou que a Moça de Branco não incomodaria mais, isso se deu. Ela não apareceu mais na escola. Depois, pesquisei sobre o Espiritismo e gostei do que li. Confio neles, é a religião mais

fraterna que temos.

Valéria agradeceu, iria dar as aulas da tarde e não foi esperá-los, como fizeram muitas pessoas. Porém soube que eles chegaram às treze horas de carro, um modelo simples. Vieram, como foi dito, cinco pessoas. O senhor Cláudio devia ter cinquenta anos, era muito simpático, sorridente, um pouco robusto; a esposa dele

também era agradável. A outra mulher era mais jovem, trinta anos, loura e magra. Os outros dois homens: um era mais idoso, cabelos brancos, olhos azuis; e o outro, mais jovem, devia ter vinte e cinco anos.

Nadir contou a todos na escola e finalizou.

— Todos são simpáticos!  
Foram almoçar e depois serão levados ao hotel.

Mais tarde deu a notícia:

— O grupo escolheu, para fazer a reunião, uma sala comercial que se encontra desocupada: é espaçosa e tem, nos fundos, dois banheiros. Rápidos, o prefeito e Adolfo colocaram uma mesa à frente e muitas cadeiras. Os cinco visitantes, acompanhados de uma comitiva, prefeito, vereadores e moradores, foram

conhecer a praia, andaram pelo centro da cidade, passaram em frente à escola e foram descansar no hotel.

“Será que comentam assim de tudo e de todos ou é porque essas pessoas vieram ajudá-los?”, pensou Valéria.

Quando terminou sua última aula, foi para seu apartamento, se arrumou, jantou mais cedo e foi, antes do horário, para a

frente do local onde seria a reunião.

Valéria pensou que todos os moradores da cidade estariam ali. Comentou isso com uma senhora.

— Não, o prefeito e os vereados pediram para que não viesse nenhuma criança, porque elas não têm obrigação de ficar quietas, nem jovens que possam

ficar impressionados; também pediu que não viessem os que sentem medo. Pediram mesmo para não vir muita gente e que orassem de suas casas.

Quinze minutos antes do horário marcado, o grupo chegou. Soares apresentou Valéria a eles.

— A professora preocupada com seus alunos! Muito prazer em vê-la pessoalmente —

Cláudio foi muito gentil.

Guilherme também chegou. Cláudio convidou todos os presentes a se acomodarem. Os cinco ficaram à frente da mesa que estava no fundo da sala.

Às dezenove horas em ponto, Cláudio falou alto:

— Boa noite! Temos o prazer de conhecer a todos. Para quem ainda não nos conhece, sou Cláudio; esta é minha esposa,

Silmara; e estes são nossos companheiros: Alice, Sílvio e Pedro. Somos seguidores, estudiosos da Doutrina Espírita, religião que foi codificada por um francês, Allan Kardec — fez uma pequena pausa e continuou explicando. — Hippolyte Léon Denizard Rivail nasceu em três de outubro de 1804, foi um influente educador, escritor e tradutor francês. Adotou o seu

pseudônimo para uma  
diferenciação da Codificação  
Espírita em relação aos seus  
trabalhos anteriores  
pedagógicos. Fez seus estudos  
na Escola de Pestalozzi na  
Suíça. Em 1854, Rivail ouviu  
falar do fenômeno em que os  
espíritos se comunicavam com  
os vivos na carne. Curioso,  
passou a estudar esses  
fenômenos, como nós estamos

também estudando. Kardec dedicou-se à estruturação de uma proposta de compreensão da realidade baseada na necessidade de integração entre os conhecimentos científicos, fisiológicos e morais. Com muito estudo, pesquisas e trabalho, nos legou obras que nos trazem conhecimentos preciosos que nos esclarecem e consolam. Suas obras espíritas

são: *O livro dos espíritos, O livro dos médiuns, O Evangelho Segundo o Espiritismo, O céu e o inferno, A gênese e Obras póstumas.* Também publicou mais cinco obras complementares: *Revista espírita, O que é o espiritismo?, Instrução prática sobre as manifestações espíritas, O espiritismo em sua expressão mais simples e Viagem espírita.*

— Fenômenos espíritas —

Cláudio continuou esclarecendo após uma breve pausa — sempre existiram, temos conhecimentos de muitos fatos antigos, até na Bíblia, como o relato do encontro do Rei Saul com uma pitonisa. Mas foi no ano de 1857, com a publicação de *O livro dos espíritos*, que esses fatos começaram a ser explicados de maneira clara.

Kardec, pelos seus estudos e obras, deixou clara a existência do mundo espiritual e a possibilidade de comunicação entre os mundos material e espiritual. Podemos resumir que o espiritismo é uma doutrina fundada na crença da existência de comunicação, por intermédio da mediunidade, entre vivos e mortos, ou seja, entre os espíritos encarnados e

desencarnados. Temos, no livro de Kardec *O que é o espiritismo?*, no preâmbulo: “O espiritismo é uma ciência que trata da natureza, da origem e da destinação dos espíritos e das suas relações com o mundo corporal”.

— Costumamos — continuou Cláudio — fazer, na primeira parte da reunião dos trabalhos mediúnicos, a leitura do

Evangelho. Este livro — mostrou a todos —, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, e quem o lê faz uma pequena explanação sobre o assunto. Nesta noite, faremos somente a leitura porque já dei algumas explicações.

Abriu e leu a parábola do Bom Samaritano, capítulo 15, item 1, passagem que Kardec

tirou da Bíblia, do Novo Testamento, Lucas 10:25-37.

Após a leitura, Cláudio convidou:

— Agora vamos orar. Peço a Silmara para fazer uma oração.

Com voz harmoniosa, a senhora orou:

— Em todos os momentos de nossa vida devemos pensar que estamos diante de Jesus; é assim pensando que eu, neste

momento, rogo ao Mestre Nazareno proteção e auxílio nesta ajuda que iremos dar. Que os bons espíritos nos orientem e estejam conosco durante este trabalho, para que possamos encaminhar com carinho e amor a todos que aqui vieram. “Pai Nosso que está no céu...”

— Vamos sentir as boas energias que a oração sincera nos proporciona — pediu

Cláudio.

Valéria olhou para Guilherme; ele estava atento ao que escutava.

— O que irá acontecer agora aqui — explicou Cláudio — é uma manifestação de intercâmbio mediúnico. Todos nós cinco somos médiuns, pessoas comuns que aprenderam pelo estudo a lidar com a sensibilidade e, por ela,

tentar fazer o bem. Por isso peço às pessoas que se impressionam e às que não acreditam que não fiquem nesta segunda parte. Se gostaram da primeira, estão convidados a vir amanhã e no sábado no mesmo horário. O que ocorrerá agora aqui é uma tentativa de auxílio, de orientar esses espíritos que estão, no momento, desencarnados para que

entendam que devem seguir seus caminhos.

Cláudio se aproximou de algumas pessoas e, gentilmente, pegou em suas mãos e se despediu.

— Boa noite! Descanse e durma bem!

Outros se levantaram e se despediram. A professora de inglês não sabia se levantava ou não; olhou para Guilherme,

que, com o olhar, a incentivou a ficar. O senhor espírita que conduzia a sessão passou por ela e falou baixinho:

— Fique, professora!

Ficaram, além dos cinco, dezessete pessoas.

— Por favor — pediu Cláudio —, vamos nos agrupar.

Valéria olhou para os que ficaram, conhecia todos: Nadir,

Adolfo, o prefeito (embora sua esposa Vanda tenha ido embora), Edney e alguns moradores.

Edney fechou a porta. Agrupados, acomodados, esperaram Cláudio começar a sessão.

# 8

## O primeiro auxílio

— Vou continuar — falou Cláudio — dando algumas explicações. A palavra “médium” vem do latim e significa “meio”, “intermediário”; assim sendo,

podemos definir que uma pessoa pode servir como intermediária para os espíritos. — O doutrinador pegou uma folha de papel com anotações e leu: — “Os médiuns são os intérpretes incumbidos, ou melhor, são os órgãos materiais de que se servem os espíritos para se expressarem aos homens por inteligível”<sup>1</sup> “Pode, pois, dizer-se que todos são,

mais ou menos, médiuns. Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva.”<sup>2</sup> “É o foco de emissão de que emanam os fluidos e as energias com cujo concurso os invisíveis

atuarão sobre a matéria e manifestarão sua presença. É ele o agente transmissor dos pensamentos do espírito.”<sup>3</sup>

“Médium é uma pessoa que parece emprestar, por momentos, o organismo a seres imperceptíveis a nossos sentidos, a fim de lhes permitir que se manifestem a nós, sendo assistida por controles ou guias.”<sup>4</sup>

Cláudio guardou a folha e continuou a elucidar:

— O que irá acontecer agora, nesta segunda parte, é que espíritos, seres desencarnados, irão se aproximar dos médiuns, que falarão sob a influência deles. Isso para que possamos conversar com eles e orientá-los. Normalmente, quando alguém com problemas vem conversar conosco em busca de

conselhos, orientações, os atendemos, escutamos e também respondemos. Muitos desencarnados estão em busca desse auxílio; outros, embora necessitados, não querem receber ajuda, porém, para um socorro que envolve outras pessoas, são trazidos para esse intercâmbio, onde recebem orientação. A morte do corpo físico não nos faz diferente,

continuamos os mesmos, bons, indiferentes ou maus. Os bons estão sempre tentando ajudar. Aqui viemos, cinco encarnados, e uma equipe bem maior de desencarnados que nos orientam para que possamos auxiliar aqueles que estão equivocados ou que sofrem. Nos nossos trabalhos, nenhum desencarnado se materializa,

mas se entre nós houver algum médium vidente, ou seja, que tem sensibilidade para ver espíritos, poderá vê-los. Aqueles que conversarão conosco se aproximarão dos médiuns, que repetirão o que o desencarnado diz, por meio de uma sintonia mental. Com estudo e experiência, o médium pode filtrar as palavras ouvidas, sentidas, para não dizer

palavras de baixo calão. Normalmente repete o que o desencarnado quer dizer.

— Senhor Cláudio, o espírito então não entra no médium? — perguntou Nadir.

— Não, o desencarnado fica somente perto; nos nossos trabalhos, apenas se aproxima. Pode, em certos trabalhos, o espírito se aproximar muito, estar rente ao corpo físico do

encarnado que está lhe servindo de intermédio. Depois que terminarmos, responderei a algumas perguntas para não deixar dúvidas.

Escutaram bater na porta, que era larga e provisória e que certamente seria trocada, quando a sala fosse alugada, por uma de vidro.

— Por favor, não se assustem, é alguém encarnado

batendo à porta — explicou Cláudio.

Algumas pessoas se assustaram, duas delas até se levantaram, talvez pensando em sair, ficaram com medo. Cláudio olhou para Pedro, que afirmou com a cabeça. Valéria concluiu que eles esperavam pela visita.

Edney abriu a porta. Um senhor que Valéria não conhecia e que, pelo que notou, somente

alguns ali sabiam quem era, entrou, parecia estar envergonhado.

— Boa noite! Senhores, por favor, podem me ajudar?

— Boa noite! — responderam todos.

Pedro, que estava sentado na cabeceira da mesa, levantou-se e perguntou:

— Como podemos ajudá-lo?

— Estão lá fora — respondeu

o homem —, no carro, minha esposa e meu filho, e é por ele, meu menino, que venho pedir socorro. Ele é perseguido, um ser do mal o deixa triste e com muito medo. Meu garoto tem se alimentado pouco, dorme somente com a mãe, chora muito e às vezes fala de forma estranha. Estamos apavorados, já o levamos em médicos e um

deles receitou remédios fortes. Não sabemos o que fazer. E aí ficamos sabendo que os senhores vinham aqui e vim pedir auxílio.

— Vá buscar o garoto e sua esposa, iremos lhes dar passes — pediu Pedro. E, olhando para as pessoas que estavam na sala, falou: — Quem quiser ir embora, não se acanhe, pode ir.

As duas pessoas que se

assustaram com a batida na porta levantaram-se, despediram-se e saíram. O senhor voltou com a esposa e o filho. O garoto estava assustado e com medo. Ele devia ter onze anos. Agarrou-se nos braços da mãe. Com muita calma, Pedro e Cláudio pediram que se sentassem e, com as mãos estendidas, sem encostar neles, oraram. O menino foi se

acalmando, largou os braços da mãe, acomodou-se na cadeira, deu um longo suspiro de alívio e sorriu. Os dois passistas continuaram com as mãos estendidas sobre os três.

— Pai Amoroso — orou Pedro em voz alta —, rogamos por Sua proteção, faça com que Seu amor inunde os corações de todos os envolvidos. “Pai Nosso...”

A sala inundou-se de boas energias, todos ficaram tranquilos. Valéria se sentiu bem e orou com fervor, desejando ajudar aquela família.

— Senhor — disse Cláudio —, por favor, volte amanhã para receber a lição do Evangelho que fazemos para todos os que aqui vêm. Venha às dezoito horas e trinta minutos. Convido os três. Agora podem

ir. O garoto está e continuará bem. Boa noite!

— Eu estou bem! —  
exclamou o menino sorrindo.

Cláudio os acompanhou, abriu a porta e, quando passaram, a fechou.

— Estamos aqui para ajudar — explicou Cláudio. — E a maior ajuda que se pode dar é orientar e ensinar. Recebemos do Criador o livre-arbítrio;

assim sendo, podemos cometer erros que acarretam consequências. Somos livres para cometer atos equivocados, mas somos, por esses atos, consequentemente sofredores. Se faço ações maldosas porque quero, sofro por elas porque devo. Uma vez cometida uma ação errada que não foi reparada, segue inevitavelmente

o retorno. Porém, o que temos observado é que, ao sofrer, pedimos ajuda, e é muito bom quando recebemos o que necessitamos juntamente com o ensinamento de Jesus e nos comprometemos a não cometer novamente atos equivocados.

Cláudio fez uma ligeira pausa e olhou para os que ficaram; vendo todos tranquilos, voltou a falar:

— Vamos agora conversar com os desencarnados que aqui estão para receber orientação.

Valéria prestava muita atenção, Guilherme se sentou ao seu lado, olhou para ela e sorriu lhe dando segurança.

Alice começou a falar, a professora percebeu que a moça médium passou a repetir o que o espírito desencarnado falava.

— *Onde estou? Vocês estão me*

*vendo? Ninguém corre ou grita? O que está acontecendo?*

— Boa noite! —

cumprimentou Cláudio.

— É noite? Costumo ficar à noite no casarão. É calmo nesse horário. Os trabalhadores vão embora — falou Alice, repetindo o que a desencarnada dizia.

— Estamos aqui reunidos em nome de Jesus para ajudar.

— Ora... — interrompeu a médium. — *Muito me admira vocês não terem medo de mim. Sabem quem eu sou?*

— Uma pessoa — respondeu o doutrinador —, um ser que está neste período vivendo sem o corpo de carne e que continua viva.

— *Estamos num circo? São comediantes? Vou assustar vocês. Querem ver? Hum... Por que não*

*consigo me afastar de perto desta moça? Não consigo fazer o procedimento que faço tão bem para me materializar e me tornar visível. Por que não estão com medo?*

— *Somos um grupo de estudiosos, seguimos a religião espírita e estamos acostumados a conversar com desencarnados. Não temos medo.*

— *Prestem atenção: sou a Moça*

*de Branco, o fantasma, a alma penada, eu assusto!*

— Senhora!

— *Senhorita, por favor!* — a desencarnada interrompeu.

— Senhorita — falou Cláudio —, você esteve dormindo por uns dias. Não percebeu?

— *Dormindo, eu? Não percebi. Durmo muito pouco. Não estou entendendo como vim para cá. Não*

*sei onde fica este lugar. Porém  
conheço algumas pessoas. A  
diretora medrosa, a professora  
filha...*

— Pois bem — Cláudio a  
interrompeu —, veio aqui  
trazida por outros  
desencarnados com a intenção  
de resolvermos o problema que  
suas aparições têm provocado  
na escola e no morro.

— *Essas aparições são*

*sensacionais, não são?*

— Senhorita, você irá ficar ali perto daquela senhora desencarnada e verá o que irá acontecer neste local.

— *Irão orar de novo? Faz um tempinho que estou neste lugar. Ouvi o senhor dar explicações.*

— Entendeu o que ouviu? — perguntou Cláudio.

— *Não sou burra. Entendi, só que não concordo com tudo.*

— Você ficará ali, depois voltará com esses amigos para onde estava, um abrigo onde dormiu. Amanhã estará conosco e no sábado também.

— *Não vou com eles. Irei para minha casa e já* — Carmélia estava decidida.

— A senhorita fará o que lhe foi determinado — Cláudio foi firme.

— *Por que não consigo sair?* —

perguntou a desencarnada através da médium.

— Ficaré conosco. Por favor, fique ali.

Alice calou-se. O doutrinador aproximou-se do outro médium, Sílvio, que começou a falar.

— *Não gosto de pessoas como vocês, que se intrometem onde não são chamadas. Não têm nada que ajudar aquela família. Por acaso*

*sabem o que ele, o pai, me fez?  
Posso falar e aí, com certeza, me  
darão razão.*

— Por favor — Cláudio o interrompeu. —, não precisa falar. Queremos somente fazê-lo entender que é muito melhor para você cuidar de si, estar bem, perdoar, porque necessita também ser perdoado.

— *Mas eu quero falar* — disse Sílvio, expressando o que o

espírito dizia. — Meu cunhado me roubou, ficou com a herança que era dos meus pais. Éramos três irmãos. A mais velha, aqui presente, morreu, e eu pedi a ela para me ajudar. Esse sujeito, o pai do garoto, ficou com tudo e deixou meus filhos sem receber nada. Fez aos poucos: minha sogra e minha irmã moravam com eles, com o casal, ele as enganou e passou tudo

o que era delas para o seu nome. Não consigo obsediá-lo, mas o filho, o menino, sim, porque o moleque tem sensibilidade para me sentir. Assim, encontrei um modo de persegui-lo, dar a ele o que merece. A mãe, minha irmã, tem também de sofrer, porque consentiu que o marido me roubasse.

— Você certamente foi muito laborioso, com certeza trabalha,

está bem, não sente necessidade de nada. É feliz?

— *Está brincando comigo?* — o desencarnado indignou-se. — *Claro que não estou bem. Sou infeliz pelas circunstâncias. Atualmente só persigo meus desafetos.*

— Você não gosta e não gostava de trabalhar, não é? Quando seu pai desencarnou, faleceu, você não recebeu a

herança?

— *Não sei como sabe disso. Sim, recebi e gastei. Meu cunhado multiplicou o que recebeu. Mas, com desculpas de cuidar de minha mãe, foi passando o que estava no nome dela para o dele. Quando mamãe morreu, não recebi nada.*

— De que desencarnou? — perguntou o doutrinador.

— *Não sei.*

— Não sabe mesmo? Pense!

— pediu Cláudio.

— *Está bem, bebia muito, fiquei doente e morri.*

— Peço-lhe para pensar um pouco em sua vida. Era filho amoroso? Por que não cuidou de sua mãe? Protegeu seus dois filhos?

— *Como sabe de minha vida?*

— indagou o espírito através da sintonia mental do médium.

— Nossos atos estão em nós.

O que fez, faz, está em você. Nossos atos, bons ou maus, ficam na gente. Se prestar atenção, verá que perto de mim está um desencarnado que me auxilia.

— *Ele vê o que acontece comigo e fala para você?*

— É isso.

— Quero — falou o espírito — *que meu cunhado dê aos meus dois filhos a parte do dinheiro que*

*me cabia receber e os cinquenta por cento que eram de minha irmã desencarnada. Se ele não o fizer, atormento o filho dele.*

— Convido-o a refletir sobre sua vida. Gostava de seu pai? — perguntou Cláudio.

— *Ele era rígido comigo.*

— Seu genitor tinha razão de ser severo com você? — O doutrinador quis que o

desencarnado pensasse.

— *Não sei, julgava que não; agora não sei.*

— *Você, desde jovem, foi ocioso, gastador e...*

— *Meu pai quis me educar!* —  
o espírito deu um longo suspiro.

— *Sim, ele tentou.*

— *O tempo passou e eu não me melhorei. Adulto, não os visitava, via-os raramente; quando ia ver*

minha mãe, era para pedir dinheiro, ela me dava escondido. Desencarnei, fiquei perturbado, vaguei, soube que minha mãe morrerá e, meses após, minha irmã, a solteirona e chata. Fui para a casa do meu cunhado ver o que acontecera, não encontrei minha mãe, mas minha irmã estava lá e perturbada. Ela sempre foi invejosa e apaixonada pelo cunhado. Quando soube que meus filhos não

*receberam nenhum centavo, resolvi me vingar. Os dois não tinham nada a ver com meus erros e, por lei, eram herdeiros.*

— Você sabe — argumentou Cláudio — que sobrevivemos à morte do corpo físico e continuamos os mesmos porque, para nos modificarmos para melhor, necessitamos querer. Também deve saber que voltamos, nosso espírito, a viver

como encarnados e cada vez em corpos diferentes.

— *Sei disso, mas não concordo. Queria mesmo morrer e acabar. É mais fácil*— Sílvio repetia o que o desencarnado falava.

— Por que pensa que é mais fácil?

— *Podemos viver e fazer tudo que quisermos e depois acabar. Mas não é assim.*

— Convido-o a pensar no

garoto que está perseguindo. Vamos, pense — pediu o doutrinador.

— *Meu Deus! Ele era o meu pai!*

— Sim, reencarnou. Esse garoto foi, na existência passada, seu genitor.

— *Quanta complicação! Penso que não gostava dele, ninguém gostava. Mas não queria isso, fazer mal a quem me criou e tentou me tornar uma pessoa boa. O que*

*estava fazendo, perseguindo-o, foi pelos meus filhos, por achar um desaforo meu cunhado ter ficado com a herança, também fiquei com eles por não ter o que fazer, para onde ir. Que ironia! Meu sobrinho foi meu pai!*

— E foi seu pai quem trabalhou e adquiriu bens — concluiu Cláudio.

— *A vida está lhe retribuindo!*

— Não sei direito o que houve. Talvez, se você pensar, lembrará, saberá. Mas o importante é você não perseguir mais o garoto, pensar em você, e podemos ajudá-lo. Nós o levaremos para um local onde se sentirá bem.

— *Posso ir, porém não sei se ficarei; se não gostar, volto a vagar. De uma coisa tenho certeza, não voltarei para perto de meu pai, ou*

*seja, do garoto. Não os perturbo mais* — o desencarnado falou em tom de promessa.

— Sendo assim, fique ali; no final levaremos você para um Posto de Socorro, uma casa onde terá abrigo e oportunidade de aprender muitas coisas interessantes.

— *Obrigado!*

— De nada! Sinta Deus em você. Perdoe para ser perdoado!

— *Vou tentar!*

Em seguida, Cláudio aproximou-se de Silmara e cumprimentou o espírito que estava ao seu lado.

— Boa noite!

— *Estou chorando! Sinto-me muito infeliz e aborrecida! Sou a irmã do desencarnado que falou. Meu pai! Eu o ajudei a perturbar meu genitor!*

— Gostava de seu pai? —

perguntou Cláudio.

— Sim, porém ele de fato era rígido, às vezes grosseiro. Porém, eu nunca iria querer fazer mal a ele. Veja o que dá não prestar atenção no que se faz. Meu irmão me convenceu, mas fiz porque quis. Queria mesmo ficar na casa deles, participar de suas vidas e, por inveja, preocupar minha irmã. Ela sempre foi melhor que eu, mais

bonita, estudiosa, as pessoas gostavam dela, namorou e casou com o homem que eu amava. Mas não se preocupem, vou embora com essa mulher que, desde que cheguei aqui, ficou ao meu lado e me tratou carinhosamente. Ela me disse que me levará para um bom lugar, onde poderei aprender a cuidar de mim para depois ajudar outras pessoas. Vou embora e não voltarei para perto deles, a não ser que um

*dia possa ajudá-los para reparar o período difícil que passaram por mim e por ele. Obrigada! Boa noite!*

— Que Jesus a ampare sempre! — desejou Cláudio.

Continuou perto de Silmara, que, após um pequeno intervalo, voltou a falar. Como Valéria já tinha entendido, a médium repetia o que uma desencarnada falava.

— *Estou estranhando isto aqui,*

fui muito religiosa em vida, porém, quando morri, perturbei-me porque não encontrei nada do que acreditava que iria encontrar. Doente, sentindo dores e sabendo que não ia melhorar, até chamei pela morte. Esta veio, fui socorrida e melhorei. Foi quando estava bem que senti falta de tudo, da vida encarnada, de minha casa e da família. Revoltei-me, uma boa mãe nunca devia morrer e deixar filhos

pequenos. Quando soube que poderia voltar, sair do lugar em que estava, o fiz. Decepcionei-me, ninguém me via ou ouvia, mas mesmo assim resolvi ficar perto deles. Belezinho, não o deixo casar. Nunca! Você é meu! Prometeu no nosso casamento.

— Senhora — Cláudio falou amorosamente —, para tudo existem explicações. Concordo que, para uma mãe que ama

muito os filhos, não é fácil a separação.

— *O senhor também pensa que existem motivos?*— interrompeu a desencarnada. — *Escutei isso no local em que estive.*

— Sim, acredito.

— *Será que abandonei filhos em outra existência? Ou quis provar a mim mesma que poderia passar por esse sofrimento? Tentaram me explicar. Mas não concordo. Se fiz*

*essa escolha, foi muita burrice, e não acredito que tenha abandonado filhos. Penso que foi injustiça mesmo.*

— Se você está aqui desde o início, e por ter visto e ouvido muitas coisas, deve ter entendido que nosso espírito volta em corpos diferentes para uma vivência que nada tem a ver com as outras. Somos os

mesmos, mas, a cada reencarnação, temos oportunidade de aprender, nos melhorar e progredir. Se quiser, ajudo-a a lembrar de sua existência anterior.

— *Não, obrigada, já o fiz. Porém, não sei se acredito* — a desencarnada suspirou.

— A senhora está atrapalhando seus familiares ao ficar perto deles sem permissão.

De alguma forma os está deixando sem energia.

— *Não os prejudico! Nunca! Amo-os!*

— Vamos ver. Você se sente fraca, aproxima-se de sua genitora e melhora, não é? Às vezes faz isso com sua filha — Cláudio queria que a desencarnada entendesse o que estava fazendo.

— *Eu os amo, e eles me amam.*

*O amor nos sustenta.*

— Sim, o amor sustenta, acalenta, auxilia e conforta. Porém você necessita, porque não aprendeu a viver sem alimentos, nutrir-se, está sugando a energia deles. Preste atenção, vou lhe mostrar o que faz.

Valéria entendeu que Cláudio estava fazendo de tudo para auxiliar aquela mãe.

— *Sinto-me enfraquecida* —  
falou a desencarnada através da  
médium —, *aproximo-me de*  
*minha mãe... Meu Deus! Estou*  
*vendo que puxo para mim algo dela*  
*e tenho feito o mesmo com minha*  
*filhinha. Sinto-me melhor quando*  
*faço isso. Somente agora estou*  
*vendo que as prejudico. Minha filha*  
*tem estado triste, desanimada, o*  
*médico não sabe direito o que ela*  
*tem, minha mãe está adoentada.*

*Não quero isso!*

— Venha conosco ou volte para o lugar onde esteve, fortaleça-se, aprenda a viver no plano espiritual. Quando se sentir adaptada, passará de ajudada a ajudante, então poderá visitá-los e aí terá condições de auxiliá-los, porém sem interferir nas vidas deles.

— É sofrido, triste, *mas o senhor tem razão. Estava confusa e,*

*ao entrar aqui, consegui raciocinar melhor.*

— *Estamos a ajudando.*

— *Embora ainda sinta que não deveria ter morrido, aceito o que me oferece. Agradeço. Rezem por mim — pediu a desencarnada.*

— *Vá em paz! Que Jesus a abençoe!*

Valéria entendeu que esse espírito era a esposa de Edney.

Havia sentido-a e escutado naquela noite em seu apartamento e notou que Edney, ao ouvi-la, principalmente quando disse “Belezinho”, talvez o tratamento carinhoso entre o casal, percebeu que era a esposa que se comunicava. Ele se emocionou, porém permaneceu calado.

— *Não morri! Não morri!* —

exclamou Alice. — *Não adianta tentar me convencer. Não acredito!*

— Boa noite! —

cumprimentou Cláudio.

— *Boa noite! Quero ir embora.*

*Onde estou mesmo?*

— Numa sala e...

— *Isso eu sei. Estou vendo* —

interrompeu o espírito.

— Estamos reunidos com o objetivo de ajudar e aprender — Cláudio tentava orientá-la. —

Estamos sempre vivos, porém podemos estar em estados diferentes; nosso espírito, quando veste um corpo carnal, está encarnado e, quando esse corpo morre, estagiamos no plano espiritual com outra vestimenta, o perísprito. Se você observar, verá a diferença. Essas pessoas que estão ali em pé não são iguais às que estão sentadas.

— São de fato diferentes. Mas eu estou viva e, como você disse, encarnada. Não morri como algumas pessoas falam. Tenho andado por aí e escuto de uns desocupados: “Morta!”, “Defunta!”. Fico irritada, e eles riem.

— Vamos lembrar de alguns fatos. Vê essa mulher num leito?

— Sou eu, estive doente, mas

*melhorei. Ainda me recupero, às vezes sinto dores.*

— Vamos — pediu o orientador — recordar o que aconteceu.

— *Piorei muito, pensei que não ia mais respirar, sentia uma dor forte no peito. Parei de respirar, mas, ao mesmo tempo, o fiz com facilidade. Uma enfermeira se aproximou, fechou meus olhos e disse: “Morreu!”.* Abri os olhos e

*me sentei na cama; olhei para trás e me vi deitada. Fiquei tonta, penso que adormeci e acordei no meu lar. Então fiquei andando por aí porque se desfizeram de minha casa, sumiram com minhas coisas enquanto estive no hospital, e outras pessoas estão morando lá.*

— Você está entendendo o que aconteceu com você? — perguntou Cláudio.

— Devo ter morrido, porque agora estou percebendo que, para você conversar comigo, me escutar, falo e essa mulher repete; e nossos corpos são diferentes. Morri mesmo — chorou sentida.

— Você lembra de Jesus?

— *Sim, lembro* — respondeu a desencarnada.

— Pense Nele, no Jesus Amoroso que caminhava entre as pessoas e colocava as mãos

sobre elas e as curava e consolava — Cláudio a orientava com carinho.

— *Estou pensando e me sinto leve e em paz! Mas o que será de mim? Não quero, agora que sei que morri, continuar vagando por aí.*

— Oferecemos abrigo. Irá com esses amigos, eles a levarão para um local onde, junto de outros desencarnados, receberá orientação e

compreenderá como é viver desencarnada.

— *Ficarei como eles? Limpos e com expressões alegres?* — o espírito quis saber.

— Sim, com certeza ficará.

— *Deus lhe pague! Vou embora com eles pensando em Jesus.*

A sala ficou por momentos em silêncio.

— Vou — disse Cláudio — dar algumas explicações. A

morte do corpo físico não nos muda. Mudamos quando queremos, estejamos vestidos de um corpo físico ou não. Estar encarnado ou desencarnado são estados naturais. O corpo físico, por muitas causas, termina sua função, o espírito é desligado. Muitos não entendem o que aconteceu, e outros, por diversos motivos, não querem

compreender, se iludem e tentam viver como se ainda estivessem no corpo físico; a maioria se perturba, e muitos passam a sugar energias para se sentirem nutridos. Estes desencarnados são chamados muitas vezes, em alguns lugares, de “vampiros”. Estão mortos, mas vivos, e, porque estão desencarnados, sugam não sangue, mas energias. E se

esse processo for contínuo em um encarnado, este pode sentir fraqueza e adoecer. Muitos espíritos são socorridos, isto é, são levados a lugares próprios onde recebem auxílio e orientação, porém muitos, por mais que gostem desses locais, preferem, por se sentirem incapazes de ficar longe de afetos ou, infelizmente, de bens materiais, sair sem permissão e

ficam a vagar perto de entes queridos ou dos lugares em que viveram. Outros, como escutamos esta noite, o fazem para estar com desafetos para prejudicá-los, querem se vingar. Não quero que vocês que aqui ficaram vão embora com dúvidas. Podem fazer perguntas.

— A Moça de Branco irá também embora? — perguntou

Nadir, preocupada em resolver o problema da escola.

— Irão todos os desencarnados que conversaram conosco e outros dois que aqui estiveram e lhes bastou ouvir o que foi dito para quererem ir também. Carmélia, a Moça de Branco, irá para onde esteve esse tempo em que a deixamos dormindo, um Posto de Socorro, e amanhã estará novamente

conosco. No sábado, conversaremos com ela e esperamos que aceite ir embora. Todos nós temos o livre-arbítrio para decidir o que fazer de nossa vida. Pode acontecer de um ou mais desencarnados que aqui vieram para receber orientação não aceitar o que temos a oferecer e preferir continuar vagando. Porém a senhorita da casa do morro não

voltará a assustar, não lhe será mais permitido. É nosso desejo, e rogo a Jesus, que possamos ajudá-la. Essa desencarnada necessita de paz. Por isso vamos orar por ela. Alguém quer perguntar sobre algo que ocorreu esta noite?

Como ninguém perguntou, Cláudio falou:

— Vamos encerrar nosso

trabalho. Lembro-lhes que amanhã estaremos aqui novamente. Na primeira parte, em que fazemos uma leitura, oramos juntos, todos podem vir. Estão convidados. Na segunda parte, devem ficar somente aqueles que querem aprender para ajudar. Pedro fará a oração para encerrarmos os trabalhos desta noite.

— Senhor Jesus — orou

Pedro com voz harmoniosa e compassada —, rogo para sempre estar conosco e que Seu amor seja a luz a iluminar nossa caminhada. Peço que auxilie a todos os que vieram aqui em busca de orientação e consolo. Que possamos sentir sempre, em todos os momentos de nossa vida, Sua presença amorosa a nos orientar. Que Deus nos proteja!

— Assim seja! —  
exclamaram todos.

Valéria olhou para  
Guilherme, o moço pegou em  
sua mão.

— Gostei muito! —  
exclamou Valéria.

— Professora Valéria! —  
disse Cláudio. — Será que pode  
vir amanhã às dezoito horas  
para nos auxiliar?

— Venho, sim — respondeu

a jovem.

As pessoas foram saindo, Guilherme combinou de pegá-los no hotel às quinze horas para levá-los à cachoeira.

Despediram-se. Guilherme acompanhou Valéria até seu apartamento.

— Estou maravilhado com o que vi e ouvi! — exclamou o agrônomo. — Decidi ser espírita! Aceito tudo com muita

facilidade e nada me parece ser novidade.

— Eu espero conhecer mais o espiritismo.

Comentando sobre os acontecimentos da noite, mesmo caminhando devagar, chegaram logo. Despediram-se. Valéria subiu rápido as escadas. Receou ficar com medo ou impressionada, mas nada disso ocorreu. Adormeceu tranquila.



# 9

## Aprendendo com o grupo

No outro dia, Valéria foi para a escola logo cedo. As crianças não estavam mais com medo de ir ao banheiro. Alegres e conversando muito, não

conseguiam prestar atenção nas aulas. Nadir, a diretora, resolveu fazer um intervalo maior no recreio, reuniu os estudantes no pátio e falou a todos:

— Meus alunos! Devemos voltar à normalidade, nada mais acontecerá de sobrenatural na escola. Ninguém deve pensar mais na Moça de Branco, esse espírito está sendo orientado,

irá para onde vão as pessoas que morrem, desencarnam. Ela não assombrará mais. Vão brincar, aproveitem o recreio.

Os alunos se dispersaram pelo pátio.

— Valéria, por favor — chamou Nadir —, você faz parte dessa ajuda que estamos recebendo, por isso lhe agradeço. As crianças e os jovens estão eufóricos, e penso

que hoje não será fácil ter aproveitamento nas aulas. Estive pensando, gostaria de estar mais perto do grupo, conversar com eles me será de grande proveito. Guilherme os levará para conhecer a cachoeira. Queria ir, talvez para ter oportunidade de conversar com um deles em particular. Posso reunir os alunos, pedir para Suzana dar alguns

exercícios para a sua turma e a dela, e irmos com eles no passeio. Você poderia pedir isso ao Guilherme. Vocês são amigos.

— Não quero ser intrometida, oferecendo-me para ir — falou Valéria.

— Telefone para o agrônomo e pergunte a ele se podemos ir

— Nadir insistiu.

— Talvez eles vão de

caminhonete e não haverá lugar para nós.

— Tenho carro e podemos ir nós duas no meu veículo — decidiu Nadir.

Valéria, quase arrastada pela diretora, foi para a sala dela, onde estava o telefone.

— Aqui está marcado o número do telefone da casa dele. Ligue, talvez o encontre em casa.

A jovem professora pensou em recusar, mas Nadir queria tanto ir... com certeza era importante para ela.

“Guilherme não deve estar em casa”, pensou a moça.

Ligou, uma mulher atendeu, e a moça perguntou por Guilherme.

— Vou chamá-lo. Quem quer falar com ele?

— Valéria!

— Ah, sim! A professora de inglês! Sou a mãe dele. Como está?

— Bem, obrigada. E a senhora, como está passando?

— Muito bem. Espero conhecê-la logo. Tchau!

Valéria aguardou somente um instante. Seu coração disparara com a rápida e simples conversa com a mãe

dele.

— Oi, Valéria! Que surpresa! Quase que não me encontra, estava saindo. Aconteceu alguma coisa?

— Não, tudo está bem e tranquilo na escola. Fui dispensada das aulas no período da tarde. Dona Nadir, a diretora da escola, gostaria de ir ao passeio na cachoeira. Será possível?

— Por mim, tudo bem. Alegro-me por estarmos juntos. Não sei quem irá. Pela manhã Soares e Vanda os levaram para ir tomar banho de mar na Praia Mansa, foram umas vinte e cinco pessoas. Combinei de pegá-los de caminhonete. Eles são cinco; comigo, seis, a capacidade do veículo.

— Nadir e eu podemos ir no carro dela — falou a jovem.

— Perfeito! Combinado.  
Estejam na frente do hotel às  
quinze horas.

— Estaremos. Tchau!

Valéria contou a Nadir a  
conversa que teve com o moço,  
a diretora ficou contente e  
combinou de esperá-la em  
frente ao hotel.

A professora saiu da sala da  
diretora, as crianças ainda

estavam brincando no pátio. Florsinda a esperava no corredor, puxou-a pelo braço, e entraram na sala dos professores, que estava vazia.

— Professora, penso que a senhora pode me ajudar. Lembra-se de que eu lhe contei que sempre que a Moça de Branco aparecia na escola eu estava perto?

— Sim, lembro — Valéria de

fato lembrava.

— Estou pensando muito nisso e em outras coisas que acontecem comigo desde criança. Vou pedir hoje à noite ajuda ao grupo espírita.

— Estarei lá e posso, se você quiser, apresentá-la e explicar a eles o que me contou.

— É melhor mesmo a senhora falar porque eu não sei explicar o que acontece comigo

— Florsinda suspirou.

— Tenho a certeza de que eles entenderão. Vá às dezoito horas e trinta minutos, estarei lá esperando-a.

— Com a senhora comigo, não sentirei vergonha. Será que eles irão me curar? Sinto medo de ir para um hospital psiquiátrico.

— Com certeza você não é doente, é sensitiva, médium,

como eles falam — Valéria tentou consolá-la, queria ajudá-la.

— Isso tem cura?

— Penso, pelo que vi e ouvi ontem, que pessoas que são médiuns podem aprender a lidar com a mediunidade e ser tranquilas, agradáveis e fazer o bem.

— Estarei lá! — decidiu Florsinda.

Tocou o sinal e Valéria foi para a sala dar aula. Quando terminou sua última aula, foi para seu apartamento. Arrumou sua bolsa.

“Se o grupo entrar n’água, entrarei também.”

Não levou lanche; pelo que entendera, eles não iriam demorar, seria um passeio rápido, somente para conhecer o lugar.

No horário marcado, foi para a frente do hotel. Umas dez pessoas iriam com o grupo. Animados, acomodaram-se nos veículos. Valéria não foi com Guilherme, pois os cinco foram com eles para receber explicações sobre o lugar. Pararam, deixaram os carros estacionados e caminharam até o riacho e, como fizeram da

outra vez, sentaram-se nas pedras depois de ter ido às margens do pequeno rio. Guilherme continuou a explicar, mostrou as flores, falou sobre a mata.

— Que coisa! — Soares reclamou dos mosquitos e falou palavrões, ou seja, palavras indevidas, xingou.

Calaram-se.

— Não fale isso — pediu

Vanda, a esposa do prefeito, e, virando para Pedro, indagou: — Não é bom se expressar assim, não é?

— É verdade que palavras têm força? — perguntou Nadir.

— Podemos — respondeu Pedro — nos expressar de várias maneiras. Muitas vezes saem espontaneamente de nós palavras indevidas, porém devemos nos esforçar para não

pronunciá-las. Muitos orientais, pessoas que praticam meditação, ioga, gostam de dizer e repetir muitas vezes certas palavras positivas, de otimismo e de louvor a Deus para se equilibrar, harmonizar e sentir paz. Tenho o hábito de, sempre quando me vêm à mente algo desagradável, pensamentos ruins, mentalmente repetir frases

como “Jesus seja louvado!”,  
“Deus me abençoe!”. Aconselho  
que façam isso com expressões  
simples, porém de grande  
sentido, pedindo proteção a  
Deus, a Jesus, a Maria e a santos  
de que são devotos. Dá certo.  
Pela minha experiência, afirmo  
que sim, as palavras têm força,  
porém têm mais se forem  
sentidas. Brincando com um dos  
meus netinhos de oito meses,

fiz um teste. Disse a ele com expressão calma, sorrindo e falando calmamente: “Você é um menino feio, bobo e chato”. Ele sorriu, achou graça. Depois falei com expressão de nervoso, em tom alto e bravo: “Você é lindo, um garoto esperto e inteligente”. Ele fez biquinho para chorar. A forma de falar, o tom, é de grande significado. Por isso, tenho me esforçado

para me expressar calmamente,  
resolver tudo com  
tranquilidade.

— Se todos fizessem isso,  
com certeza não teríamos brigas  
— opinou Vanda.

— Se prestássemos atenção  
— continuou Pedro elucidando  
— no que falamos, com certeza  
não diríamos palavras  
indevidas. Muitos xingamentos

são expressões indelicadas, ofensivas, às vezes melindram. Uma vez fiz isso, prestei atenção nesses xingamentos, e isso me fez não pronunciá-los mais. É bem melhor prestarmos atenção em palavras bonitas como “amor”, “amizade”, “ternura”, “caridade”... Como é bom orar e sentir o que estamos orando. Faço isso sempre com a oração do Pai-Nosso. É tão bom

agradecer; quando somos gratos, criamos em nós uma energia boa e a enviamos para quem agradecemos. Ao fazermos isso, muito dessa energia fica em nós. Quando agradecemos a Deus, sentimo-nos fortalecidos. É tão bom abençoar alguém. A bênção é energia salutar que protege, seja o abençoado como quem o abençoa.

— A maldição é o contrário!  
— exclamou Vanda. — Quando pequena, tinha muito medo de ir a certo lugar na fazenda dos meus avós. Comentavam que, numa gruta, havia uma alma penada que fora amaldiçoada pela mãe porque matara o pai. Lá, ouviam-se gemidos e sussurros. Meu pai pediu para um senhor bondoso que ajudava muitas pessoas ir até lá e orar.

Ele foi e nos contou que o espírito desse homem, sentindo culpa, acatara a maldição da mãe, que desejava que ele ficasse sofrendo ali na gruta onde assassinara o pai. Esse senhor orientou o desencarnado, pediu para ele perdoar e que pedisse perdão. Esse desencarnado recebeu ajuda, saiu da gruta e foi para um lugar onde foi orientado.

Ninguém ouviu mais nada no lugar.

— Penso que não devemos nunca amaldiçoar — Pedro continuou esclarecendo. — Com certeza esse desencarnado que estava na gruta agiu errado. Talvez ele tentasse justificar sua ação, pode ter pensado que houve um motivo. Equivocou-se. Porque não existe nenhum motivo que justifique um

assassinato. Ele recebeu a maldição como poderia, se fosse merecedor, receber bênçãos. Com certeza, essa senhora, a mãe, criou uma energia negativa de mágoa, talvez ódio, e jogou no filho, que, por agir errado, a recebeu. Porém, com certeza, muita dessa energia ruim ficou nessa mãe, também a fazendo sofrer.

— Podemos atrair para perto de nós entidades infelizes ou maldosas pelo nosso palavreado? — perguntou Soninha, uma senhora que os acompanhava.

— Penso que atraímos mais essas entidades que citou pelos nossos atos, podendo também atraí-las pelos nossos pensamentos. Pode acontecer que um desencarnado esteja

vagando e, ao ouvir um xingamento, aproximar-se; e se essa pessoa que xinga não cultivar bons hábitos, não orar, pode ocorrer de o desencarnado ficar com ele.

— Bons espíritos não gostam de escutar xingamentos? —  
Soninha realmente queria saber.

— Eles podem tolerar, porém, acostumados com outro nível de conversa, não se

interessam em escutar futilidades, fofocas e conversas de baixo nível. Eu, que ainda sou um pequeno aprendiz, se estou em algum grupo, afasto-me quando a conversa não me agrada. Gosto muito de estar com pessoas, como agora, e me é muito agradável falar de estudos, de amor, de Jesus.

Ficaram calados por alguns segundos absorvendo aquelas

explicações.

— Vou me converter ao espiritismo! — decidiu Soninha.  
— Será que “converter” é a palavra certa?

— Converter-se — respondeu Pedro — é não gostar do mal que se faz e ter um firme propósito, esforçar-se mesmo, para realizar o bem que ainda não fez. A senhora poderá

estudar a Doutrina Espírita e, se realmente gostar, tornar-se espírita. Porque religião boa é aquela que nos faz bem e melhores. Eu me encontrei no espiritismo por ter compreendido muitas coisas que antes julgava injustas. Afirmo que, ao me tornar espírita, passei a ser uma pessoa melhor, pelo menos tenho me esforçado.

— Vamos conhecer a cachoeira? — perguntou Guilherme.

Todos se levantaram. Nadir segurou no braço de Valéria com uma mão e no braço de Pedro com a outra e indagou:

— Posso lhe perguntar uma coisa, senhor Pedro? É rápido.

— Sim, podemos ficar aqui mais um pouquinho e depois seguirmos nós três —

respondeu Pedro.

O grupo, em fila, foi para a trilha. Nadir falou, expressando-se rapidamente.

— Senhor Pedro, quando jovem, fui estudar em outra cidade e lá tive um namorado. No começo do namoro, pensava que o amava, depois entendi que não; namoramos por três anos. Numas férias, interessei-me por alguém aqui da cidade;

anos depois, casei-me com ele, e nosso casamento deu certo. Quando voltei, depois dessas férias, para a cidade em que estudava, terminei o namoro, e ele ficou arrasado, me procurou várias vezes para reatarmos, mas eu não quis. Passei a vir quase todos os finais de semana para cá para namorar. Esse moço, meu ex-namorado, ameaçou suicidar-se, mas não

acreditei, ou melhor, não acreditamos, nossos amigos e eu. Então contei a ele que estava namorando; pensei que, sabendo que estava me relacionando com outro e apaixonada, fosse desistir, porém me enganei: esse jovem se desesperou e de fato se matou. Fiquei muito triste, tive até de fazer, na época, um tratamento. Todos os amigos

me consolaram, diziam que não tivera culpa.

Pedro as convidou a ir pela trilha e, andando devagar, Nadir continuou a contar.

— Casei, tive filhos, mas não me esqueci desse fato; orei muito por ele, mandei celebrar missas, roguei pelo seu perdão. Com os filhos crescidos, quis fazer um trabalho voluntário.

Fui a uma cidade vizinha e me ofereci para trabalhar na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae), entidade que ajuda crianças especiais, com deficiências. Vou às terças-feiras pela manhã, quartas-feiras à tarde e fico nos sábados o dia todo. Eles não abriam aos sábados, mas, como me propus a ser voluntária nesse dia, a entidade recebe alguns alunos e

eu tomo conta deles. Meu marido me acompanha, levamos almoço e lanches. Lá conheci um garoto, agora com onze anos, que também vai aos sábados. Assim que vi esse menino, senti por ele algo diferente. Ele gosta muito de mim, me abraça e procura sempre estar comigo. Eu, ao olhá-lo, senti um sentimento estranho, demorei para

entender que é remorso. Sempre ouvi falar da reencarnação, mas não tinha ainda pensado sobre o assunto. Agora sinto, dentro de mim, que nossa volta, a de nosso espírito em corpos diferentes, é prova da imensa misericórdia de Deus. Será esse garoto o mesmo espírito reencarnado que foi o meu ex-namorado?

— Se você — respondeu

Pedro — me der mais detalhes e, se for permitido, poderei lhe dar essa informação. Porém, aconselho-a a continuar a orar por essa pessoa, seu antigo afeto, porque a oração sincera e carinhosa encontra o alvo, esteja reencarnado ou no plano espiritual. Não sinta mais remorso. Você realmente não teve culpa do ato imprudente dessa pessoa. Temos o livre-

arbítrio, somos livres para fazer o que queremos e somos responsáveis por esses atos. Talvez esse garoto seja seu antigo namorado reencarnado. Sentimos muitas coisas pelo espírito, às vezes em forma de sensações e intuições. Embora exista a bênção do esquecimento, o cérebro físico não sabe, não conhece que vivemos outras existências, mas

a alma sabe. Penso que se reencontraram, se reconheceram. Continue, Nadir, a fazer esse trabalho voluntário e a retribuir o carinho desse garoto. Não importa se ele é ou não seu ex-namorado, esse garoto agora é uma pessoa que necessita de auxílio para se desenvolver.

— Suicidas reencarnam com

deficiências? — perguntou Nadir.

— Cada caso é um caso, e todos são especiais — respondeu Pedro. — A maioria dos que recorrem ao suicídio pensa em se livrar de uma situação difícil que, naquele momento, parece insuportável, e a decepção é muito grande depois do ato cometido, porque se vê no plano espiritual muitas

vezes com seu sofrimento agravado. Normalmente o suicida padece muito. E, ao matar seu próprio corpo físico, o que recebera para viver num período encarnado, pode não se recuperar na espiritualidade, reencarnar e trazer ao seu novo corpo carnal alguma enfermidade, por ter ele mesmo danificado sua vestimenta sadia anteriormente. E essas

deficiências não são iguais, nem todos os deficientes mentais ou físicos o são pelo suicídio. São muitas as causas que podem fazer um espírito reencarnar com alguma deficiência.

— Ao pensar — Nadir se emocionou — nesse garoto, principalmente agora, sinto que ele foi meu ex-namorado, que, por ter se suicidado, com certeza deve ter sofrido muito. E

esta sua reencarnação não está sendo nada fácil. Entendi sua explicação e agradeço. Vou me dedicar mais ainda para ajudar não somente ele, mas todos os demais na Apae. Quero ser amorosa e orientá-los com amor.

— Pode ocorrer de um demônio interferir na vida de uma pessoa e levá-la ao suicídio? — perguntou Valéria.

— Demônios — Pedro

respondeu explicando — são espíritos que ainda estão plantando a má semente, que cometem erros, maldades, porém são suscetíveis de regeneração. O espiritismo nos ensina que esses seres são espíritos que já viveram encarnados e que não são diferentes, somente estão em estágios inferiores. Com certeza

eu já fui um imprudente e não me recusei a melhorar. E para esses espíritos chegará um dia em que se cansarão da forma como vivem, ainda mais se si compararem com os bons espíritos. Desencarnados podem tentar nos influenciar, porém temos o livre-arbítrio e escutamos a quem queremos, bons ou maus. Um encarnado

pode receber influências para se suicidar. Pode ocorrer até uma obsessão, porque o obsessor sabe que o suicida irá sofrer e, se for escutado, não precisará fazer mais nada, verá seu desafeto padecer. Porém, é muito difícil um espírito influenciar uma pessoa se ela não tiver tendência para fazer algo como se suicidar. Normalmente o desencarnado

tenta o que acha que irá conseguir. Pode tentar fazer uma pessoa não ir ao centro espírita ou não fazer um trabalho voluntário, porque sabe que certas atitudes benéficas ajudarão seu desafeto. Pode incentivar o outro a mentir, a roubar e até a assassinar. O ato é de quem o faz, mas certamente o desencarnado fez uma má ação

e será responsável por isso. Um suicida que cometeu essa ação pela perseguição de um obsessor tem atenuante, mas não anula seu ato. Podemos muito bem escutar bons conselhos. Somos nós que nos afinamos com bons ou maus.

Chegaram à cachoeira e se reuniram ao grupo, que olhava admirado as belezas do lugar. Resolveram não entrar na água

por estar muito fria. Sentaram-se nas pedras para observar a mata e a água que caía, para ouvir o barulho desta batendo nas pedras e os pássaros cantando. Guilherme explicou o que fez, o que faria ali e terminou exclamando:

— Amo este lugar! Amo a natureza!

— Lugares assim — falou Cláudio — mostram a

influência de quem o habita. Continue, Guilherme, a cuidar deste recanto. É lindo!

— A natureza — opinou Sívio — é o poema de louvor a Deus, verdadeira prova de Sua existência, de Sua presença. Sinto o amor do nosso Criador observando lugares lindos como esse.

— Como é bom estar aqui — exclamou Silmara —, ficar

receptivo e receber as energias benéficas da natureza. Sinto-me renovada!

— Deus Pai, obrigado pelos meus olhos poderem ver tantas belezas! — Pedro estava emocionado.

Valéria inspirou várias vezes compassadamente e expirou, pensando soltar todo o ar de seus pulmões. Voltaram

caminhando devagar, não conversaram até chegar às pedras, todos estavam usufruindo das energias benéficas da natureza.

— Gostaria de participar de um grupo espírita — falou Valéria.

— Vocês não poderiam nos orientar? Gostaria de formar um grupo para estudar a Doutrina Espírita, quem sabe ajudar

peessoas. Mas como fazer isso?

— perguntou Guilherme.

— Podemos nos reunir no domingo pela manhã. Convidem todos os que desejarem. Organizaremos para que estudem em grupo — falou Cláudio, expressando contentamento.

— Quero fazer parte! — afirmou Nadir.

— Eu desejo muito fazer

parte de um grupo espírita —  
Guilherme realmente queria. —  
Ficarei muito agradecido se nos  
orientarem.

— Agora entendo — disse  
Valéria — o porquê de o senhor  
Cláudio dizer que vocês, vindo  
aqui, ajudariam muitas pessoas.

— Vivos e mortos! — Soares  
riu.

Todos riram.

— Sim — concordou Cláudio

—, recebemos a orientação de que deveríamos vir aqui. Com certeza um novo grupo de estudos surgirá.

— Que esse grupo seja um ponto de luz a clarear mentes, caminhos! — desejou Pedro.

— E que possamos ajudar como estamos sendo ajudados! — exclamou Guilherme.

— Vocês não poderiam, antes de ir ao hotel, ir à escola?

Fazer-nos uma visita? Temos tempo — convidou Nadir.

— Sim, podemos ir — decidiu Silmara.

Chegaram ao estacionamento, entraram nos veículos e voltaram à cidade. Todos acharam que o passeio fora muito agradável. No carro, Nadir comentou com a professora de inglês:

— Irei à noite na reunião e

levarei meu esposo — falou Nadir.

— Quero — decidiu Valéria — conhecer mais sobre a religião espírita. É diferente compreender o que se acredita. Sinto-me bem com o grupo.

Pararam em frente à escola, descendo a diretora, Valéria e o grupo. Nadir os convidou a entrar. A diretora foi mostrando

as dependências da escola.

— Por favor, quero que depois vocês vejam os banheiros!

O grupo se admirou com o tamanho do prédio, com sua limpeza e repartições. Estavam para terminar as aulas, e, ao perceberem que estavam recebendo visitas, as crianças saíram das salas para vê-los.

— A Moça de Branco não irá

mais nos assustar, não é? —  
perguntou uma garotinha.

— Não, meu bem, ela não  
assustará mais ninguém —  
respondeu Silmara.

— Entraram num banheiro.

— Olha! — mostrou uma  
garota. — Vi a assombração  
bem ali.

Silmara lhe fez um agrado.

— Está tudo bem aqui —  
afirmou Pedro.

— Graças a Deus! —  
exclamou Nadir, agradecida.

Elogiaram a escola, entraram na sala dos professores, tomaram café. A aula terminou, ouviram as crianças saírem. Algumas colocaram a cabeça no vão da porta para espiá-los. Os cinco as cumprimentaram sorrindo.

— Temos de ir — falou Silmara.

Nadir os acompanhou até o portão, despediram-se. Eles foram para o hotel. Valéria foi para seu apartamento, tomou banho, se arrumou, lanchou, sentou no sofá para esperar a hora de ir e, enquanto aguardava, orou, pensou na cachoeira e se sentiu tranquila. Às dezoito horas saiu e, andando devagar, foi para o local da reunião.



# 10

## Novamente reunidos

Valéria chegou ao local da reunião junto com o grupo. Sílvio abriu a porta e acendeu as luzes. Logo após, chegou a família que viera na noite

anterior em busca de auxílio para o filho.

— Sentem-se aqui — pediu Pedro à família.

Os três se acomodaram num canto atrás da mesa. Os cinco membros do grupo se aproximaram com as mãos estendidas e lhes deram passes.

— Melhoramos muito. Agradeço-lhes — informou a mulher.

— Convido-os — falou Cláudio — a ficar na primeira parte, na qual leremos o Evangelho e, após, faremos uma rápida explanação do que foi lido. Por favor, sentem-se ali — mostrou as cadeiras à frente. — Silmara irá conversar um pouquinho com a senhora e logo Alice irá ler mensagens. Conversarei com o senhor por alguns instantes e, depois, ele

irá se juntar à senhora.

Mãe e filho foram com Silmara e se acomodaram nas cadeiras à frente. Valéria não sabia se ia ou ficava porque, desde que entrara no salão, Cláudio pegara em seu braço e a conduzira para estar perto dele. Enquanto os cinco davam passes na família, ela ficou ao lado de pé e orou.

— Fique, Valéria — pediu

Cláudio. — Gostaria que ficasse perto de mim e prestasse atenção em tudo — Virando-se para o homem, que continuava sentado, falou: — Senhor, estavam em seu lar, perturbando seu filho, dois desencarnados. Um deles se sentia injustiçado, disse que ficou com uma parte da herança que cabia aos filhos dele.

— É meu cunhado! —

interrompeu o homem. — Não quero justificar, mas penso ter tido motivos. Vou contar ao senhor, resumindo, o que aconteceu. Minha esposa tinha um irmão e uma irmã. Meu sogro faleceu, era rico: cinquenta por cento do que ele possuía ficou para minha sogra, e os outros cinquenta por cento para seus três filhos. Meu cunhado, em três anos, perdeu

tudo em farras e por não trabalhar. Fomos morar, minha esposa e eu, com minha sogra e minha cunhada, que era solteira. Eu trabalhei duro e multipliquei a herança que minha esposa recebeu. Minha sogra e cunhada davam muito dinheiro para meu cunhado, que teve dois filhos que também são desajuizados. Passei, desde que

fomos morar juntos, a tomar conta dos bens de minha sogra e cunhada por elas não entenderem nada de negócios, e, quando elas faleceram, estava tudo em meu nome.

— Isso lhe foi cobrado —  
Cláudio falou calmamente.

— Penso que foi —  
concordou o homem —, porém,  
se tivesse dado a eles, teriam  
feito como o pai, gastado tudo.

— O que seria problema deles.

— Não justifica, não é?

— Senhor, por que não dá o que é devido para os sobrinhos de sua esposa, para os filhos dele?

— Eles gastariam tudo de imediato.

— Poderia encontrar uma solução. Comprar casas para eles morarem ou deixar tudo

em seu nome com a condição de só receberem quando você desencarnar — opinou Cláudio.

— Viveria com medo, penso que eles são capazes de me assassinar para receber o dinheiro.

O homem pensou por uns instantes e encontrou a solução.

— Vou fazer isso: comprar casas para eles, porém meus sobrinhos não saberão,

pensarão estar morando em propriedades minhas sem pagar aluguel. Comprarei casas no mesmo bairro, mas distantes uma da outra, para eles não estarem muito perto. Eles são mecânicos, têm uma oficina onde consertam veículos. Vou comprar equipamentos para eles. Porém não quero me aproximar deles.

— Isso com certeza basta —

falou Cláudio. — Estou vendo agora que seu cunhado está aqui nos escutando, ele pede desculpas e diz que, se você fizer o que está dizendo, ficará tudo bem.

— Não nos perseguirá mais?

— o homem quis saber.

— Ele afirma que não — respondeu Cláudio.

— Dou minha palavra de honra que na semana que vem

farei isso, e que meu cunhado dê a sua também — falou o homem.

— Ele disse que fará o combinado — Cláudio deu o recado que escutou do desencarnado e depois o aconselhou: — Senhor, procure saber se na cidade em que mora há centro espírita; se tiver, vá com a família receber a

orientação das palestras e o passe. Agora, sente-se ao lado de sua esposa.

Alice, com voz harmoniosa, passou a ler mensagens edificantes.

— No nosso centro espírita, ou seja, no que frequentamos, e também em muitos outros, para conversar com as pessoas o fazemos numa sala reservada, num local apropriado para

assuntos particulares — explicou Cláudio à professora de inglês.

Cândida entrou na sala acompanhada de um casal. Valéria julgou que aquela era Bernadete, foi recebê-los e os trouxe para o canto onde Cláudio estava. Após apresentações, o dirigente os convidou a sentar, ali estavam três cadeiras. Com o olhar, o

orientador pediu para a professora ficar.

— O que se passa? — perguntou Cláudio.

Os três olharam, e foi Cândida quem falou:

— Senhor, o filho deles se suicidou. Viemos aqui pedir, por piedade, para ajudá-lo.

— Estive pensando — falou Bernadete — e concluí que Deus perdoa a todos e deve perdoar

também Jairo, meu filho. Nego-me a pensar que ele ficará no inferno para sempre.

Bernadete enxugou o rosto, pois as lágrimas escorriam pela face; o marido também o fez.

— A senhora tem razão — confirmou Cláudio tranquilamente —, nenhum sofrimento é eterno. Todos os que pedem perdão com sinceridade, com o propósito de

não repetir o mesmo erro, são perdoados.

— Vocês podem ajudá-lo? Por favor! Por piedade! — rogou Bernadete.

— Sim, podemos, e vamos auxiliá-lo — afirmou Cláudio. — Diga o nome dele, a data em que desencarnou e se foi aqui na cidade.

Bernadete o fez.

— Vocês o perdoaram? —

indagou Cláudio.

— Como? — Bernadete não entendeu a pergunta.

— Jairo, mesmo sem querer, os fez sofrer; ele necessita do perdão de vocês.

— Eu — respondeu Bernadete — me revoltei no começo com Jairo; meu marido, mais ainda; depois tentamos entender, embora pensemos

que ele não deveria ter feito o que fez. Mas perdoar?

— Sim, perdoá-lo de coração e com amor, pedir a ele para que peça perdão a Deus.

— Faz sentido — intrometeu-se Cândida. — Jairo necessita se sentir desculpado.

— Se perdoá-lo de coração, ele se sentirá melhor — afirmou Cláudio.

— O senhor garante que ele

não ficará mais no inferno? — perguntou Bernadete.

— Senhora, nós, que somos imperfeitos e amamos nossos filhos, não os castigamos para sempre e, quando os castigamos, não é um castigo punitivo, mas educativo, para ensiná-los a não cometer atos equivocados. Consegue imaginar o imenso amor de Deus, nosso Criador, para com

todos nós, seus filhos? Deus não nos pune. Somos responsáveis pelos nossos atos bons ou errados; é justo que nossos atos imprudentes, que nos desequilibram, sejam reparados, e muitas vezes nos equilibramos pela dor. Esse sofrimento não é punitivo, mas para que se aprenda a acertar. Para nós, espíritas, há, sim, no plano espiritual, lugares em que

um espírito estagia, por algum tempo, nunca para sempre, em que sofre. Isso ocorre para fazê-lo entender que não é bom ser causa de sofrimentos a outros.

— Achei que não precisava perdoá-lo. Embora tenha sofrido muito, e ainda sofro, não quero que ele sofra. Não quero mesmo! — exclamou aquela mãe sofrida.

— Vocês devem lembrar de

Jairo — aconselhou Cláudio — com carinho, amor, querer que esteja bem, vivendo no plano espiritual, num local bonito, é isso que devemos desejar para aqueles que amamos e que desencarnaram. E vocês, mais ainda: devem pensar em Jairo quando era jovem, feliz, risonho, imaginá-lo sadio e em paz.

— Penso sempre nele morto.

Ele atirou em seu próprio peito  
— contou Bernadete.

— Não pense mais nisso —  
pediu o orientador. — Quando  
essas imagens vierem à sua  
mente, tente substituí-las por  
outras agradáveis. Pense no seu  
filho sempre com muito amor.

— Prometo a mim mesma  
que me esforçarei — Bernadete  
suspirou.

— Ele assim ficará bem —  
afirmou Cláudio.

— Será que minha mãe que  
faleceu há muitos anos pode  
ajudá-lo? — perguntou  
Bernadete.

— Estamos sempre nos  
mudando: ora para lá, no plano  
espiritual; ora aqui, no plano  
físico. Devemos pedir favores,  
clamar por auxílio a Deus,  
Jesus, Maria, santos, e nós,

espíritas, pedimos também para os bons espíritos. Às vezes, ao pedir para algum familiar favores, se ele não pode nos atender, porque pode ser que tenha reencarnado ou não esteja em condições, ele sente e pode ficar triste.

— Vou orar e pedir ajuda a Jesus! — decidiu Bernadete.

— Em toda parte, são os bons espíritos que atendem pedidos

feitos com sinceridade e fé. Agora fiquem na sala e esperem pela primeira parte, depois devem ir embora — falou Cláudio.

— Agradeço-lhes! Sinto-me aliviada! — Bernadete estava de fato agradecida.

— Obrigado! — falou o marido de Bernadete pela primeira vez. — Ainda bem que vim, confesso que não queria

procurar por mais essa ajuda. Era preconceituoso em relação ao espiritismo e estava com medo de escutar que para meu filho não tinha salvação. Estou agora me sentindo diferente, aliviado, confiante e esperançoso.

Os três se levantaram e foram se sentar nas outras cadeiras para ouvir Alice, que continuava

lendo. Valéria olhou para as pessoas, viu Guilherme, e sorriram um para o outro. Viu Florsinda sentada, parecia estar encolhida. A professora aproximou-se, pegou na mão dela e a puxou.

— Venha comigo!

Foram para o canto. Florsinda cumprimentou Cláudio, que lhe sorriu e a convidou a sentar.

— Sentemo-nos nós três.

Valéria se sentou perto da colega de trabalho e sorriu, lhe dando confiança. Explicou:

— Senhor Cláudio, esta é Florsinda, funcionária da escola. Para mim, pelo que ela me contou, é médium. Está muito aborrecida porque todas as vezes em que o espírito da Moça de Branco aparece na escola, ela está por perto, a vê e escuta.

Florsinda estava se segurando

para não chorar e exclamou sentida:

— Sinto-me culpada!

O orientador sorriu, lhe dando confiança, e falou calmamente:

— Culpa?! Não, por favor! Nós cinco temos mediunidade e aprendemos a lidar com ela, ajudamos como fomos ajudados, somos pessoas equilibradas e alegres. Conte o que acontece.

— Desde pequena — falou Florsinda —, vejo pessoas que já morreram. Alguns me pedem para dar recados; outros, orações. Meu pai não acreditava, dizia que eu mentia, mas minha mãe, sim, sabia que eu dizia a verdade. Mamãe me levou a uma pessoa que benzia, dona Chiquinha, e melhorei muito. Essa senhora me falou que, quando adulta, teria de

procurar ajuda. Quando a Moça de Branco vai aparecer, sinto que me puxa, que é sugado algo de mim, e ela aparece. Depois, sinto fraqueza e tristeza. Tenho medo de que, por isso, seja demitida da escola, preciso do emprego.

Florsinda falou olhando para Cláudio, foi se acalmando e até sorriu.

— Você é médium —

afirmou o orientador —, aconselho-a a aprender a lidar com sua mediunidade. A Moça de Branco, a senhorita Carmélia, não ficará mais vagando, então não aparecerá para mais ninguém e não sugará mais suas energias. Nada mais de sobrenatural ocorrerá na escola.

— Sinto muita vontade de

benzer, não o faço porque não sei, e tenho lembrado tanto de dona Chiquinha — Florsinda agora estava tranquila.

— Vejo, ao seu lado, uma senhora desencarnada que está me dizendo que, quando estava encarnada, benzia, ajudava pessoas, que tinha mediunidade e não teve oportunidade de aprender, mas, mesmo assim, fez o bem. Benzia e depois

entendeu que dava passes. Essa senhora quer auxiliá-la, ser sua protetora, trabalhar junto fazendo o bem. Chama-se Francisca, dona Chiquinha.

— Nossa! Meu Deus! — exclamou a funcionária da escola.

— A senhora Francisca — disse Cláudio — pede para você não comentar com outras pessoas que ela a protegerá,

isso até que vocês duas estejam realmente prontas para trabalhar fazendo o bem. No momento, diga somente para sua mãe e esposo e peça para eles não falarem. Ela terá permissão para auxiliá-la se você aprender e trabalhar ajudando quem precisa. Roga para você aproveitar essa oportunidade e aprender a lidar com sua mediunidade. Para não

ter medo e que tudo acontecerá normalmente.

— Quero aprender, minha vida não tem sido fácil — lamentou Florsinda.

— Ficaré para os trabalhos que realizaremos depois da palestra e venha amanhã. Estamos combinando de nos reunir no domingo pela manhã para organizar um trabalho de estudos e juntos marcaremos

dia e hora para realizá-lo.

As pessoas foram chegando. Foram muitas e não havia mais cadeiras para sentar. Cláudio colocou à frente as três cadeiras que estavam no canto e pediu para Valéria e Florsinda se sentarem. A porta foi deixada aberta. Todos estavam em silêncio ouvindo a leitura de Alice. A jovem professora observou as pessoas, todas

prestavam atenção. Não viu Edney.

“Talvez ele esteja envergonhado por concluir que todos os que estavam aqui ontem à noite perceberam que a esposa dele que desencarnou estava ao seu lado impedindo que namorasse, que se casasse novamente. Coisas de cidade pequena! Devia pensar que foi

difícil para ela deixá-lo e aos filhos. Não deve ter sido fácil fazer essa mudança, que é a desencarnação, sozinha, e ir para um local diferente. Mesmo esse lugar sendo agradável, lindo, ela preferia seu ex-lar, perto daqueles que ama. Tomara que ela dessa vez entenda e aceite a ajuda que está lhe sendo oferecida”, desejou a jovem professora.

Pontual, Alice terminou a leitura. Silmara abriu o *Evangelho Segundo o Espiritismo*, na parte onde estava um marcador, abriu e leu:

— Capítulo 10, “Bem-aventurados os que são misericordiosos”.

Silmara leu, por dez minutos, o capítulo citado; o que Valéria gravou foi:<sup>1</sup> “Bem-aventurados os que são misericordiosos

porque eles próprios alcançarão misericórdia. (Mateus 5:7) [...]

A misericórdia é o complemento da doçura; porque aquele que não é misericordioso não será também dócil nem pacífico. Ela consiste no esquecimento e no perdão das ofensas. [...] O esquecimento das ofensas é próprio da alma elevada, que está acima do mal que lhe quiseram fazer”.

A leitura fala muito do perdão, da necessidade de se reconciliar. Valéria prestava muita atenção e se emocionou quando Silmara leu um texto de Mateus 5:23-24. Ela entendeu que antes de fazermos nossa oferta a Deus, seja um trabalho de ajuda ou oração, devemos nos reconciliar primeiro.

Silmara terminou a leitura. Cláudio falou sobre o que fora

lido.

— O texto lido foi tirado do Evangelho de Mateus, o Sermão da Montanha ou do Monte. São ensinamentos proferidos por Jesus nas colinas de Kurun Hattin, ao sudeste do lago de Genezaré. Allan Kardec fez *O Evangelho Segundo o Espiritismo* contendo as explicações dos ensinamentos morais de Jesus. São vários os capítulos tirados

desse famoso sermão. Esses ensinamentos de Jesus, se fossem seguidos pelos cristãos, com certeza nosso planeta estaria em melhores condições, rumando mais rápido ao progresso. Quando aprendemos a amar a todos, os enfermos e fracos, encarnados e desencarnados, e procurar aliviá-los dos seus

padecimentos, estamos agindo com misericórdia. Não somente dar materialmente, mas dar de si, seu conhecimento, tempo. Misericordiosos receberão misericórdia. Lei do retorno? Sim, Jesus afirmou isso. Como tratamos o próximo seremos tratados. Assim sendo, quando agimos com misericórdia, fazendo o bem aos nossos semelhantes, construímos em

nós a condição, a receptividade para receber a misericórdia de Deus. Quando esperamos, pelo bem que fazemos, receber recompensas, pagamento, agimos com egoísmo, mesmo que este seja o desejo de gratidão daqueles que beneficiamos. O beneficiado tem obrigação de ser grato, mas o benfeitor não deve esperar gratidão. Devemos ser

caridosos, agir em muitos casos de ajuda com sabedoria, colocando sempre em mente: fazer ao outro o que gostaria que me fizesse; ter o firme propósito de sempre fazer o bem. Jesus finaliza o Sermão da Montanha com os dizeres: “Quem ouve estas minhas palavras e as realiza assemelha-se a um homem sábio que edificou a sua casa sobre a

rocha. Quando a construimos sobre a areia pode até resistir em bons tempos, mas não fará com as decepções e sofrimentos. Quando temos firmeza no controle de nossa vida, nada, tempestades, tormentas, nos impedirá de sermos misericordiosos. E esses alcançarão a misericórdia, esses bem-aventurados”.

Cláudio emocionou a todos.

Pedro se levantou e convidou:

— Vamos orar. Farei a oração em voz alta e vocês me acompanharão: Jesus, Mestre Amigo, nos ajude a agir em todos os momentos de nossa existência com misericórdia, com caridade. Dai-nos sabedoria para conduzir-nos ao progresso. Dai-nos força para não desistir diante das tempestades. Orienta-nos para

que possamos construir nossa casa sobre a rocha e que nunca desistamos de fazer o bem. Porque é fazendo e fazendo que um dia poderemos afirmar que está feito e poderemos receber a misericórdia. Assim seja!

Uma senhora levantou a mão, queria fazer uma pergunta. Com consentimento de Pedro, ela indagou:

— Os senhores fazem mensagens de pessoas que faleceram, que desencarnaram?

— Não — respondeu Pedro —, nosso trabalho é o que estamos fazendo: orientar encarnados por meio de grupo de estudos e desencarnados em trabalhos de doutrinação.

— Será que posso receber uma mensagem? — insistiu a senhora. — Há dois anos meu

sobrinho de oito anos  
desencarnou depois de meses  
doente. Minha irmã com certeza  
iria se consolar se recebesse  
uma mensagem dele.

— Compreendo — Pedro  
explicou. — No nosso grupo  
não tem nenhum médium no  
momento que faça esse  
trabalho. E não sei lhe informar  
onde pode pedir por essa  
psicografia em que o

desencarnado traz notícias suas a encarnados. Médiuns que fazem esse trabalho devem ter muitos anos de estudo e treino, ser dedicados e amar o que fazem. Quanto mais trabalhamos com a mediunidade, mais aprendemos e a compreendemos. Para recebermos favores do plano espiritual temos de ser receptivos. Às vezes pedimos

para o outro. Vou dar um exemplo: achamos que o outro necessita de um prato de arroz e feijão. Este não surge do nada, tem de ser feito e, às vezes, é preparado com muito trabalho e, ao ofertarmos ao necessitado o que julgamos necessitar, ele não quer o arroz e feijão, mas sim macarrão. Você pede para sua irmã, julga

por você o que ela quer receber, mas pode estar enganada. Por isso, o melhor seria ela pedir, ficar receptiva para receber. Para tranquilizá-la, pelo que estudamos, crianças, ao desencarnar, são auxiliadas, levadas para locais muito bonitos e aconchegantes, e lá são muito bem tratadas. Se você pensa que os pais desse garoto podem se consolar, repita a eles

o que ouviu.

A mulher agradeceu, e outra senhora perguntou:

— Vocês oram por quem pede? Poderei escrever meu endereço e pedir orações para mim e minha família? Estamos, por vários motivos, tendo desavenças.

— Sim — respondeu Pedro.

— Normalmente, nas casas espíritas, há cadernos nos quais

as pessoas colocam nomes e endereços e, na medida do possível, recebem visitas dos bondosos trabalhadores desencarnados, que tentam melhorar as energias do local e ajudar os moradores ou aquele que pediu. Para receber algo dos bons espíritos, é necessário que queiram realmente receber o que eles, bons espíritos, têm para doar.

— Não devemos nunca pedir para ganhar na loteria, não é?

— perguntou um senhor.

— Não — Pedro sorriu —, nossos pedidos devem ser para que consigamos nos equilibrar, ter discernimento para agir corretamente, termos paciência diante das dificuldades, nos melhorarmos fisicamente e moralmente, acertarmos nos tratamentos para doenças.

Penso que, ao receber boas energias, encontramos nós mesmos soluções para inúmeros problemas.

— Não vejo caderno aqui — falou Nadir.

— Podem trazer amanhã e marcar nomes e endereços. Todas as terças-feiras nos reunimos para orar por aqueles que nos pedem. Quem marcar e de fato quiser a ajuda que

podemos dar, às vinte horas faça uma leitura edificante, ore, junte-se a nós em pensamento para que todos possam ser beneficiados.

— Os trabalhos que os senhores fazem na cidade em que moram são iguais aos que estão fazendo aqui? — perguntou Soares.

— Lá, o centro espírita que

frequentamos está estruturado — respondeu Pedro. — Aos poucos, fomos o adaptando para o melhor funcionamento. Nos dias de palestra, em que recebemos muitas pessoas, temos uma televisão na qual passamos mensagens como essas que Alice leu. Não são feitas perguntas após as palestras. Dúvidas são esclarecidas em grupos de

estudo. Temos salas para atendimento e um salão onde ficam as pessoas. Tudo simples, mas acolhedor. Um centro espírita não precisa de muitas coisas para funcionar. Aqui, nesta sala, está bom. Tenho certeza de que vocês, aos poucos, poderão se organizar.

— Como fazem para custear despesas, como pagar aluguel, comprar cadeiras, pagar água e

luz? — Soares quis saber.

— Não pedimos nada — afirmou Pedro. — Para essas despesas, os frequentadores, os mais assíduos, aqueles que sentem mesmo ao dizer “meu centro espírita”, contribuem com uma quantia por mês. Há casas espíritas que costumam fazer bazares de artesanatos feitos pelos frequentadores e outras fazem jantares, chás ou

pizzas para custear essas despesas. Temos, para o bom funcionamento, pessoas que a dirigem, e uma delas cuida do financeiro. Dando o que podemos, pagamos o aluguel, todas as despesas e ainda sobra para a assistência social. Visitamos favelas e ajudamos com alimentação e roupas diversas famílias.

Ninguém mais fez perguntas.

As pessoas foram saindo após se despedirem do grupo.

— Por favor — pediu Cláudio —, permaneçam conosco somente os que foram convidados, os que ficaram ontem, os que não se sentem impressionados e aqueles que podem ajudar com orações.

Quando saíram, Cláudio e Guilherme fecharam a porta, e o restante se acomodou perto da

mesa.

# Socorro aos necessitados

— Jesus — orou Silmara —, nos oriente e esteja conosco durante esse período em que aqui estamos para auxiliar. Que possamos agir sempre com

caridade e amor. Assim seja!

— *Embora não esteja entendendo* — falou Sívio através da sintonia mental com um desencarnado que estava próximo —, *estou gostando daqui; achei coerentes as explicações da leitura do Evangelho. Mas não sei onde estou.*

— Boa noite! — cumprimentou Cláudio.

— *Desculpe-me, boa noite!*

— Estamos reunidos para estudar o Evangelho, os ensinamentos de Jesus e orientar os necessitados, ter um diálogo, nós, encarnados, que vestimos um corpo de carne, com os desencarnados, que fizeram a mudança para o plano espiritual — Cláudio tentou explicar.

— *Hum!*

— Não está achando estranho

as pessoas não lhe darem  
atenção, conversarem com  
você?

— *Ultimamente, ninguém me dá atenção, é difícil ter paciência com idosos. Não ligo!* — o desencarnado expressou se lastimando.

— Observe seu corpo. Agora olhe bem para esse homem que está ao seu lado. Nota a diferença?

— *Sim, somos diferentes. Por quê? Nossa! Eu falo e tem um eco na sala. Ou é ele quem repete? Que brincadeira é essa?* — o desencarnado realmente queria entender.

— Não é brincadeira, senhor. Não conseguiríamos conversar se não fosse por esse processo. O senhor pensa, diz e, por estar perto desse moço, médium, ele capta e fala para que nós

possamos escutá-lo.

— *O que é isso? Algum truque de mágica?*

— Não. Somos pessoas religiosas e sérias. Já pensou na morte? — perguntou Cláudio.

— Já, muitas vezes. *Recentemente, estive tão doente que pensei que ia morrer; de repente, melhorei.*

— Vamos pensar nessa sua melhora? — pediu o

doutrinador. — Você estava no hospital. Lembra-se? Sentia falta de ar.

— *Parei de respirar, mas depois continuei respirando bem melhor; cansado, dormi; acordei em outro hospital, estava bem e fui para minha casa.*

— Se pensar, entenderá que sua vida já não é mais como antes. Se observar, notará que

seu corpo não é o mesmo.

— *Tudo isso é estranho! O que você está tentando me dizer?* —

Sílvio repetia o que o desencarnado falava.

— Que quando você melhorou naquela noite, seu corpo carnal faleceu, e você, espírito, continua vivo, mas agora veste outro corpo, o perísprito, e está aqui conversando conosco.

— *Vejo meu velório! Meu irmão veio para se despedir de mim! Tem flores! Estou no caixão! Morri mesmo!* — Sílvio, médium estudioso, treinado, servia de boa vontade de intercâmbio, repetia expressando fielmente os sentimentos do desencarnado.

— Isso lhe está sendo mostrado para que compreenda que fez uma mudança

importante.

— *E agora? Não conseguirei mais voltar para minha casa sabendo que morri.*

— Fique conosco — convidou o doutrinador. — Olhe pela sala e verá muitos como você, desencarnados, que o ajudarão. Irá para um local onde muitos que fizeram essa mudança vivem.

— *Vejo muitas pessoas como eu.*

*Ai, meu Deus! A Moça de Branco está ali! Jesus, me socorra! Tenho medo dela! Ajudem-me, por favor!*

— *Calma, a Moça de Branco não lhe fará nada de mal. Como você, ela está desencarnada — Cláudio tentou acalmá-lo.*

— *Bem... Sempre tive medo dela, nunca fui na casa do morro. Ela está rindo para mim ou de mim. Continuo com medo. Prefiro ficar longe desse fantasma, ou seja,*

*desencarnada.*

— Não precisa ter medo dela nem de ninguém.

— *É melhor eu ir com vocês. Não posso recusar seu convite. Vou e agradeço.*

— Vá com Deus e ore sempre. Boa noite! — Cláudio desejou com carinho que aquele desencarnado ficasse bem.

— *Boa noite!*

Sílvio se calou e Silmara

falou. Novamente, manifestava-se uma desencarnada que não sabia que tinha feito a mudança para o plano espiritual, e a doutrinação foi parecida. Sílvio foi instrumento novamente de um desencarnado que Cláudio tentou, com delicadeza, fazer entender que desencarnara. Ele entendeu, mas se preocupou:

— *Morri! Mas não posso ir para*

*lugar nenhum. Se não os oriento e os incentivo a fazer as coisas certas, eles perderão em pouco tempo o que juntei com muita perseverança e inteligência. Como posso deixar que isso aconteça?*

— Senhor — falou Cláudio —, tudo tem seu tempo. Trabalhou, adquiriu bens, porém nada de material nos pertence de fato. É somente nosso aquilo que podemos levar

conosco na mudança para o plano espiritual, ou seja, nossas ações boas ou más e o conhecimento que adquirimos pelo estudo e trabalho. Somos administradores das coisas materiais por um tempo, e esses bens mudam de administração. Cada um de nós tem, em cada encarnação, um aprendizado. Que bom que trabalhou, foi honesto, mas esse

período acabou. O que administrou mudou de mãos, outros farão o que fazia. Não deve se preocupar se o farão bem ou não. Não fique preso a isso. Deixe os que receberam a herança agirem como querem. Você, sem preparo, não conseguirá auxiliá-los, poderá até prejudicá-los.

— *E se eles perderem tudo?* —

perguntou o desencarnado

usando da sintonia mental do médium.

— Se isso ocorrer, você não poderá fazer nada. Com certeza será para eles um aprendizado.

— *Você está me dizendo que devo seguir minha vida sem me preocupar com eles, filhos e netos?*

— Estou tentando explicar que não deve interferir — Cláudio tentava esclarecer esse espírito. — Poderá orar por

eles, mas deixe agirem como  
querem. Como disse, nada  
material é de fato nosso. Não é  
mais seu e poderá ser ou não  
deles.

— *Isso é triste!*

— Desapegue-se! —

aconselhou o doutrinador. —  
Deixe o que administrou para  
outros o fazerem. A vida  
continua, e a sua continuação  
não é mais na matéria física.

Venha conosco e, para onde irá, aprenderá outro modo de trabalhar.

— *Estou pesaroso! Compreendi o que me falou. Não é fácil deixar tudo de que gostava e ainda gosto. Vou com vocês por ser a melhor opção. Agradeço a sua atenção e o carinho com que me trataram. Obrigado! Deus lhes pague!*

— Boa noite, senhor! Que

Deus o abençoe!

Alice começou a fazer um barulho estranho.

— Calma! Pense em Jesus o abençoando e calma, por favor!

— pediu Pedro.

O desencarnado que estava perto de Alice parecia desesperado, não conseguia falar. Pedro e Cláudio se aproximaram de Alice com as mãos estendidas e auxiliaram o

espírito, que se acalmou e falou com dificuldade.

— *Sinto-me um pouco melhor!*

— Observe onde está, amigo — pediu Pedro, que orientaria esse desencarnado necessitado.

— Está num local de orações e estamos orando por você.

Converse conosco.

— *É uma reunião espírita?* — o desencarnado continuava com dificuldades de se expressar.

— Sim, somos espíritas, e você conversa comigo usando o intercâmbio mediúnico.

Conhecia o espiritismo?

— *Fui a algumas reuniões, mas infelizmente não prestei atenção.*

— O que acontece com você?

— perguntou Pedro em tom carinhoso.

— *Suicidei-me! Matei meu corpo pensando que acabaria com tudo e só piorei a situação. Sofro*

*muito!*

— Por favor — Pedro estava tranquilo —, lembra-se de quando era jovem? Vamos, pense em você quando moço e sem problemas. Estou ajudando-o! Pense!

— *Sinto-me bem! Estou jovem! Passou a dor forte do meu peito! Meu Deus!*— o desencarnado deu um longo suspiro de alívio.

— Sim, você está com seu

perísprito, o corpo que usamos quando desencarnamos, com aparência de quando era jovem, quando não tinha problemas e estava bem. Aceite esse estado e vamos conversar — pediu Pedro.

— *Sinto papai e mamãe orando por mim. Eles dizem que me perdoam por tê-los feito sofrer e que é para pedir perdão a Deus. Estou emocionado.*

Chorou. Dessa vez seu choro era sentido, mas sem desespero.

— Faça isso, irmão! — rogou o doutrinador. — Sinta-se perdoado por seus pais, peça perdão a Deus.

— *Deus, por piedade, me perdoe!* — rogou ele pela voz da médium. — *Se soubesse que pelo meu ato iria sofrer tanto, não teria feito o que para mim, agora, é um*

*absurdo. Meu arrependimento é sincero; se voltasse no tempo, não o faria. Meus pais! Eles sofreram por mim. Estão orando e pedindo a Deus para que eu fique bem. Como o amor deles me dá forças. É isso o que quero, ficar bem.*

— Você arrependendo-se, pedindo perdão e pelo pedido de seus pais, será levado para um local de socorro onde será orientado. Não esquecerá o que

fez nem o que sofreu. Ficará com essa aparência enquanto se recupera, depois poderá escolher se irá reencarnar ou estudar para aprender a ser útil.

— *Queria contar o que aconteceu comigo, talvez possa servir de exemplo para quem está planejando se suicidar, para que procure soluções para seus problemas e não os agrave suicidando-se.*

— Sim, o escutaremos.

— *Estava depressivo* — a voz da médium dava passividade à manifestação daquele desencarnado que, por determinado tempo, sofrera muito —, *não tinha planos nem esperanças. Resolvi me matar, e o pior foi que planejei. Sabia onde meu pai guardava a arma. Foi um momento confuso, de medo, revolta, tristeza e coragem. Agora*

sinto que foi covardia. Todos nós temos como resolver nossos problemas. Deveria ter escutado meus pais, ter orado, sentido Deus em mim, procurado ajuda. Preferi acabar com tudo. Assim que atirei, senti a dor que a bala provocou no meu peito. Dor muito forte. Pensei que havia me ferido, mas logo percebi, pelo que ouvi, que tinha morrido. Gritei desesperado que não morrera. Vi-me no caixão, ouvi

*choros e escutei conversas. Entendi que meu corpo morrera e que verdadeiramente continuava vivo. A dor forte, o escuro e o frio que senti por terem enterrado meu corpo me perturbaram. Não sei por quanto tempo fiquei ali. De repente, senti-me arrancado e fui para um local onde outros, como eu, sofriam. E muito.*

— Você, meu amigo — Pedro o orientou —, foi de fato

retirado, isto é, socorristas desencarnados, que trabalham fazendo o bem, tiraram seu espírito do túmulo, separando-o do corpo físico morto. Foi para um vale, um local no plano espiritual onde os deserdados, os que imprudentemente cometeram crime contra si mesmos, ficam por um tempo até que se arrependam de fato e

clamem por socorro. Chamamos esse lugar de Vale dos Suicidas.

— Embora nesse vale tenha ficado melhor, pois junto ao corpo apodrecendo padeci muito, estava muito infeliz, meu peito doía, sentia a dor do meu ato insensato. Porém não pensei em pedir perdão, até momentos atrás. Agora quero todos os dias pedir perdão. Desejo melhorar, tornar-me uma pessoa boa. Se um dia eu puder, quero

ajudar, como vi desencarnados ajudando, ir a esse vale e lá socorrer os que padecem ali. Estou bem nesse corpo jovem, era assim com vinte anos. Que alívio não sentir dores. Lembro-me de tudo, não quero esquecer como também não quero voltar a sentir aquelas dores. Vou com vocês como um aluno disposto a aprender e serei eternamente grato. Deus lhes pague! Nunca mais irei me

*suicidar!*

— Vá em paz e que Jesus o abençoe!

— *Obrigado!*

— Amigos — disse Pedro olhando para as pessoas presentes —, vou explicar o que aconteceu aqui esta noite. Encarnar e desencarnar é algo natural, e deveríamos entender e passar por essas mudanças com maturidade. Devemos estar

preparados para essa mudança tão importante. Pensar que iremos continuar vivendo em outro local após o corpo físico parar suas funções. Quando sabemos para onde iremos, como é viver no plano espiritual, tudo fica mais fácil. Mas, para sermos levados para bons lugares quando desencarnarmos, é necessário merecê-lo. Levar na bagagem

boas ações, ter conquistado bons amigos, receber gratidão de outros pela ajuda prestada. A desencarnação é um acontecimento simples, e talvez por isso muitos que fazem essa mudança nem a percebem e se iludem, continuando a viver como se estivessem encarnados. Normalmente, quando isso se dá, o desencarnado se perturba, sofre, sente-se isolado porque

ninguém os vê ou lhes dá atenção. Também acontece de o desencarnado, nesse caso, se perturbar e pode, sem perceber ou querer, prejudicar o ambiente onde está e as pessoas. Os desencarnados que aqui recebem ajuda são levados para locais próprios em postos de socorro, colônias onde passam a viver e a conviver com

outros desencarnados. Aquele que imprudentemente se suicidou, a pedido dos pais, foi trazido para cá para que pudéssemos ajudá-lo. Em todos os locais, todos nós, que no momento estamos encarnados ou desencarnados, podemos pedir ajuda e seremos atendidos ou, pelo menos, os bons espíritos tentarão nos auxiliar. A maioria dos suicidas quer se

livrar dos sofrimentos. Quando entendem que morreram e que seus padecimentos aumentaram, sofrem, e muitos se desesperam. A maioria se perturba, e outros acreditam que seus sofrimentos serão para sempre. Encarnados os ajudam muito se os perdoarem e pedirem a eles que peçam perdão e que queiram um socorro. O corpo que nosso

espírito usa quando está desencarnado se chama “períspírito”, e este é modificável, modifica-se aquele que sabe, e esses podem fazer esse processo em outros ou para outros. O conhecimento pertence a quem estuda e trabalha, mas infelizmente não pertence somente aos bons espíritos: desencarnados maus podem também fazer essas

modificações em si e em outros. Isso o que fizemos foi uma maneira caridosa de socorrer: modificar o perísprito de um desencarnado desesperado, fazendo-o ter a aparência de como era antes de ter problemas. Esse espírito que aqui esteve estava passando por dificuldades, suicidara-se e sofria. Com seu perísprito modificado para a aparência de

quando estava bem, o desespero se amenizou, e ele pôde conversar conosco e receber orientação. Tem dado certo usar desse processo na doutrinação de necessitados desesperados, os que se suicidaram e também aqueles que tiveram o corpo físico morto pelo abuso de tóxicos e que ainda se sentem agoniados para usufruir das drogas. Modificado, ele não se

esquece do que aconteceu, sabe o que passou, mas não sente mais dores nem vontade de se drogar. Do centro espírita são levados para um local onde receberão orientação e ajuda. São espíritos que erraram, sofreram e que terão outras oportunidades para o acerto.

— *Parem com isso!* — falou Sílvio em tom alto, e deu um

tapa na mesa.

— Calma! — pediu Pedro. — Não se exalte, você está num local onde as pessoas se respeitam.

— *E se intrometem na vida das pessoas! Estava bem lá, tudo sob controle. Não sei por que me trouxeram aqui. Como não são intrusos? Eu dei ordem a ela para não vir. À tarde, ela pensou em vir, fiquei tonto e de repente estou aqui.*

*Mas que espere! Não escapará de  
minha ira. E vocês também, acabo  
com todos!*

— Julga-se tão importante  
assim? — perguntou o  
doutrinador.

— *Muito mais do que pensa.  
Sou temido.*

— Não teme ninguém? Deus?  
Outros espíritos como você?

— *O que importa é que posso  
acabar com vocês — o*

desencarnado estava confiante, prepotente.

— Não o estamos desafiando, veio aqui para conversar conosco. A pessoa que persegue nos pediu ajuda e, para auxiliá-la, teremos de afastá-lo dela. Por que não tenta sair desta sala?

— *Saio fácil!* — o desencarnado fez barulho de quem fazia esforço. Como não

conseguiu, argumentou: —  
Pensando melhor, estou curioso. O  
que querem de mim? Alerto que  
essa afronta não ficará por isso  
mesmo. Sou maligno, chamado por  
muitos nomes, sou trevoso.  
Infelizmente, tive de ficar neste  
recinto; embora zozzo, ouvi vocês  
falarem de reencarnação, mas a  
persigo por algo que me fez nesta  
vida mesmo.

— Você não errou também?

Nessa sua última existência,  
quando estava encarnado?  
Preste atenção no que estão lhe  
mostrando.

— *Não quero ver isso* — o  
desencarnado mudou o tom de  
voz e falou mais baixo.

— Terá de ver. Você fez algo  
muito grave. Recebeu uma  
ofensa e julga que a pode  
cobrar. Foi cobrado de você?

— *Não gosto de lembrar desse*

*episódio.*

— Não gosta de lembrar do que fez, porém não esquece o que lhe fizeram. Se analisar com sinceridade, você agiu com mais maldade — Pedro queria que aquele espírito se lembrasse de suas ações.

— *Você sabe o que eu fiz?*

— Não. O que vê está em sua mente.                      Esses                      dois

desencarnados que conosco trabalham estão tentando auxiliá-lo fazendo você se recordar. Estou sendo orientado por esse amigo que está ao seu lado. Para mim, não importa o que fez, mas sim orientá-lo.

— *Talvez não falasse assim comigo se soubesse o que fiz* — o médium repetiu o que o desencarnado falou.

— Faria, sim; esses dois

amigos sabem e estão tratando  
você bem.

— *É... não sei o que fazer!*— o  
espírito suspirou.

— Pense em mudar de  
atitude e não perseguir mais  
ninguém. Perdoe para ser  
perdoado. Cuide de você. Nós o  
convidamos a vir conosco e o  
levaremos para um local onde  
terá um lar, um Posto de  
Socorro, uma casa de auxílio,

morada no plano espiritual para desencarnados. Porém lá, para que tudo funcione, tem de seguir normas.

— *Por que não consigo parar de pensar no que fiz?* — perguntou o que estava sendo doutrinado.

— Arrepende-se?

— *Penso que tenho mais de ser perdoado do que perdoar. Era jovem quando cometi essa maldade.*

— Ela também era jovem quando o ofendeu — lembrou o doutrinador.

— *Quero falar o que fiz. Penso que me sentirei melhor. Posso?* — pediu o espírito.

— Se é para você se sentir melhor, o escutaremos.

— *Estava com dezessete anos — o médium deu passividade à manifestação dele. — Via sempre uma garota, que era cega, ir à praia*

sozinha. Sentava-se na areia, brincava, ela devia ter dez ou onze anos. Não tentem vocês, encarnados, descobrir quem é ou era, não foi nesta cidade. Um dia, não vendo ninguém por perto, a estuprei. Os familiares e as pessoas do lugar, indignadas, procuraram pelo agressor pensando que fora alguém de outra localidade. Com medo, dois meses depois, com a desculpa de que arrumara

*emprego, fui embora dali. Anos depois, conheci a pessoa que persigo. Namoramos, estava apaixonado, mas ela me traiu, me trocou por outro. Fui embora novamente. Não consegui esquecê-la. Desencarnei, fiquei perturbado e, quando melhorei, vim atrás dela e resolvi castigá-la.*

— Por favor — insistiu Pedro —, pense no que fez de sua vida

e no que continua fazendo.  
Mude suas atitudes, e para  
melhor.

— *Não os escandalizo? Fiz  
outras coisas, ruins também. Sinto  
agora a gravidade dos meus atos.*

— Por isso que insisto,  
mude!

— *Vou tentar!* — exclamou o  
médium, repetindo o que aquele  
desencarnado no momento  
sentia. — *Porém, afirmo, não*

*volto mais para perto dela. Analisando, ela não merecia me ter como marido. Com certeza a teria feito infeliz. Vou com esse senhor. Agradeço-lhes. Boa noite!*

— Boa noite! Vá com Deus e se sinta abençoado por Ele.

Pedro olhou para aqueles que estavam na sala e explicou:

— Ameaças e chantagens são armas de quem não tem argumentos. Não tememos

nenhuma. Usamos o amor para entender os desencarnados que conversam conosco. Esse espírito irá embora e, como todos os que levamos, ficará se quiser; todos nós temos o livre-arbítrio para fazer o que queremos e, no caso, aceitar ou não a ajuda oferecida. Este que acabamos de orientar entendeu que agiu com maldade, e espero que continue pensando nos seus

atos equivocados para compreender os erros alheios. Agora vamos receber mais uma desencarnada. Boa noite, senhorita Carmélia!

— *Não precisa mais de me chamar de “senhorita”. Pode ser de “você”* — falou Silmara, repetindo o que Carmélia, a Moça de Branco, falava.

— O que achou do que ouviu e viu aqui?

— Vim aqui ontem —  
respondeu Carmélia —, fiquei  
olhando e ouvindo, depois me  
levaram para um local limpo e  
perfumado; lá escutei músicas e  
alguém lendo o Evangelho. Fiquei,  
esta noite, surpresa; vejo aquela  
tola, digo, a funcionária da escola,  
aqui. Roubava energia dela!  
Falaram-me que não poderei fazer  
mais isso, nem dela nem de  
ninguém. Pena! Era fácil sugar

energias dela. Essa senhora afirmou que ela, vindo aqui, terá um espírito bom para protegê-la e doará energias para os necessitados, não terá mais em excesso para que possam ser roubadas. Fiquei impressionada com aquele homem que se suicidou. Chegou aqui num estado lastimável e foi embora bem. Ri daquele que ficou com medo de

mim e pelo fato de ele não saber que já tinha morrido. Entendo que muitos desencarnados temem outros mais maus piores do que eles. São como os encarnados, que receiam outros. É prudente. Não é nada agradável ver espíritos maus, os que se intitulam “trevosos”. Uma vez vi um e senti pavor. Essa senhora desencarnada que está perto de mim está me dizendo que amanhã poderei falar mais com

*vocês. E que é para eu pensar no que quero dizer. E que não poderei mais assustar. Meu reinado de assombração deve ter mesmo terminado. Lamento! Boa noite!*

— Que Jesus a abençoe! — desejou Pedro. E convidou: — Vamos orar! Agradeço por tudo, Deus Pai. Rogamos sempre por Sua proteção. Que possamos dormir bem, descansar e tirar proveito de tudo o que vimos e

ouvimos. Assim seja!

Cláudio abriu a porta.

Despediram-se.

— Valéria, vou acompanhá-la — disse Guilherme.

Os dois andaram devagar. A noite estava muito bonita, estrelada.

— Guilherme, estou gostando demais desses encontros.

— Eu também. Vou fazer de

tudo para continuar esse trabalho.

Comentaram sobre as doutrinações. Chegaram em frente à escada.

— Boa noite! — despediu-se Guilherme.

Mas não foi embora, aproximou-se e a beijou. Um beijo carinhoso. Afastaram-se e sorriram. Valéria subiu as escadas correndo, com o coração

disparado, e entrou em seu apartamento.

“Com tantas coisas importantes acontecendo, vou dormir pensando, além de no seu sorriso, no seu beijo!”  
Adormeceu contente.

# Encontro com crianças e jovens

Sábado, Valéria acordou mais tarde, não daria aula; levantou-se, arrumou seu apartamento, lavou roupas e pensou em Guilherme.

Resolveu almoçar e foi para a cantina. Encontrou Marinalva e Cândida conversando, e as duas a convidaram para se sentar à mesa que ocupavam.

— Valéria — falou Marinalva —, estava dizendo para Cândida que não fui às reuniões espíritas porque tenho medo; depois, sou muito católica. Porém desejo muito que resolva o problema da Moça de Branco e ela não

assombre mais.

— Isso será resolvido — afirmou Cândida. — O que você acha, Valéria?

— Com certeza será. Hoje à noite eles irão conversar com Camélia, que poderá aceitar ou não o socorro oferecido. Porém, uma coisa é certa: ela não poderá mais assustar, não poderá voltar para o casarão nem ir à escola.

— Nossos problemas estarão resolvidos, e eu poderei fazer planos e aumentar minha loja!

— Marinalva estava aliviada.

Marinalva terminou de almoçar, ia embora, despediu-se. Cândida continuou sentada e comentou:

— Bernadete e o marido sentiram-se muito consolados, disseram que anteriormente procuraram por diversas ajudas,

mas foi ontem que realmente a receberam. Ficaram tranquilos, sentiram-se em paz. Minha cunhada afirmou que pela primeira vez pensou no filho e o sentiu bem. Telefonou para os netos, a ex-nora a atendeu, tratou-a bem; convidou os netos para passarem as férias aqui em Morro dos Ventos. Eles ficaram contentes; desde que o

pai faleceu, desencarnou, eles não vieram mais aqui e não viram mais os avós. Bernadete disse que irá agradá-los, fazer de tudo para que seja agradável a estadia deles na casa dela. Confessou para mim que guardava rancor da ex-nora e que, depois que escutou o senhor Cláudio, do passe que recebeu, compreendeu que não pode mais ter mágoa; perdoou o

filho, a nora e todos os que ela pensava terem agravado os problemas de Jairo. Também pediu perdão a Deus por ter alimentado sentimentos ruins. Quer se aproximar dos netos e passar a conversar com a ex-nora. Fiquei contente com a atitude deles, sentia por vê-los sofrer. Hoje à noite nós vamos, meus cunhados, meu marido e eu, na primeira parte. Vou

agradecer ao senhor Cláudio.

Valéria ia almoçar quando o telefone tocou. Cândida atendeu e a chamou:

— Guilherme quer falar com você.

A moça foi rápido para perto do aparelho.

— Oi — disse ela.

— Valéria — falou Guilherme — o grupo resolveu atender crianças e jovens à tarde

no mesmo lugar. Começará às quinze horas. Poderá ir?

— Sim.

— Depois conversaremos.

Tchau.

Voltou para almoçar, mas, antes de acabar, escutou comentários do passeio que o grupo fez na Praia Brava: que passearam de barco e estavam naquele momento almoçando no restaurante da praia e que, à

tarde, atenderiam, na sala, crianças, das quinze às dezesseis horas, e, depois, falariam com os jovens.

A professora, após o almoço, foi para seu apartamento e, às quatorze horas e quarenta e cinco minutos, foi para a sala. Chegou junto com Guilherme.

— Oi, estou com saudades! Como está? — O moço sorriu.

— Estou bem.

Guilherme abriu a porta.

— Vamos dar uma arrumada por aqui. Penso que logo chegarão pais com crianças e também o grupo. Foi muito bom o passeio hoje pela manhã. Pena que não foi. Estar com o grupo é estar aprendendo. Todos gostaram do passeio. Eles, como eu, gostam de estar em locais onde podem sentir a

natureza. Silmara disse que, em locais assim, se recompõe. No barco, ela fez em voz alta uma linda oração de agradecimento e pediu para que as forças benéficas da natureza inundassem sua alma, seu corpo. Aprendi que nosso espírito, quando está encarnado, é chamado de alma. Fiz, fizemos, o grupo todo, o que ela ensinou. Parados,

fechamos os olhos. Foi maravilhoso, senti-me leve, feliz e em paz. Essas energias são puras. Penso que sempre recebi esses benefícios por amar a natureza e querer protegê-la.

— Você me ensina? Quero aprender para receber esses benefícios da natureza. Também gosto de lugares simples: ver água, mata e desfrutar do sol.

— Ensino, sim, porém penso

que esse processo é algo que deve ser espontâneo, de cada um — Guilherme estava realmente tranquilo e em paz.

Rápidos, os dois organizaram as cadeiras, varreram o chão, colocaram lixos na lixeira. Verificaram se tinha água no pote e copos plásticos.

— Tudo pronto! — exclamou Guilherme.

Todas as vezes que se

olhavam, sorriam.

O grupo foi pontual, e logo foram chegando pais com filhos pequenos. Guilherme e Valéria os acomodaram. Cláudio explicou que fosse somente ao canto conversar com ele quem precisava pedir algo; senão, que permanecessem sentados escutando Silmara. Que todos seriam beneficiados por boas energias.

Pedro e Cláudio foram para o canto e chamaram Valéria. Alice e Sílvio também ficaram à disposição para conversar, foram para outro canto. Silmara, em voz alta, narrou a vida de Jesus. A professora até quis ficar ouvindo-a, pois Silmara tinha um jeito especial para narrativa que encantava a todos. Falava de Jesus com amor: começou pelo

nascimento, focando nos seus principais ensinamentos e no amor que Jesus sempre demonstrou para com todos nós. Não falou nada de triste, disse somente que Jesus morreu e que, no Plano Espiritual, continua nos amando, orientando e ajudando.

Valéria ajudou uma mãe com o filho deficiente físico e

mental. O garoto de dez anos, ao olhar para Pedro, sorriu contente e bateu palmas. No colo da mãe, o grupo orou por ele, que, quieto, ora olhava para um, ora para outro e retribuía sorrisos. Depois de receber passes, a mulher, com o menino, voltou para seu lugar.

Valéria perguntou a Pedro:

— Será que ele foi um suicida?

— Quando ajudamos, não devemos pensar no que o outro fez ou deixou de fazer — elucidou Pedro. — Não devemos pensar no porquê de ele estar assim nesta encarnação. Cabe a nós auxiliar sempre. “Quem julga será julgado”, disse Jesus. Com certeza há motivos para esse espírito vestir, nesta encarnação, uma roupagem física deficiente. Mas o que isso

importa? Nada, com certeza. Agora é necessitado e veio até nós para receber um alento. Sinto ao vê-lo assim, porém sinto muito mais por aqueles que, neste momento, agem errado, fazem maldades, aqueles que plantam de más sementes, porque, como vimos, a colheita é obrigatória. Felizmente, muitos, na colheita, buscam socorro e, nos

momentos de dores, se lembram que são filhos de Deus e rogam por seu amor e misericórdia.

— O garoto sorriu quando recebeu o passe, parecia estar em paz! — observou Valéria.

— Também percebi isso — concordou Pedro —, ele sentiu alegria em estar aqui. Desejo a ele, de coração, que fique bem e em paz.

Valéria sorriu e pensou: “Guilherme tem razão, como se aprende com esse grupo. Não vou mais pensar no que o outro possa ou não ter feito. O que deve me interessar é o que planto no presente”.

— Valéria — disse Pedro —, conforme for estudando, compreenderá que nem todos os sofrimentos são reação de uma má ação. Existem provas. O

planeta Terra passa por um período que chamamos de Provas e Expições. Provas são como na escola: se você estudar sempre, deixar as matérias em dia, não precisará, nas vésperas dos testes, ficar em agonia, sem dormir para fazer o exame. O recomendável é viver de tal modo que aprendamos, dia a dia, seja perdoando, seja

fazendo o bem, seja trabalhando  
ou estudando... assim,  
passamos nas provas sem  
necessitar de nos apavorar  
diante de um teste maior.  
Exemplo: Se perdoarmos  
sempre, não guardarmos  
rancor, somos como um aluno  
que estuda diariamente, sabe a  
matéria e passa na prova. Quem  
perdoa sempre não precisa fazer  
o teste difícil do perdão. Às

vezes um espírito sabe, na teoria, tudo sobre o perdão, mas, não fazendo as tarefas diárias, sente que precisa provar a si que é capaz de desculpar. Muitas vezes, para concluir que é capaz, terá de passar por uma ofensa grande, que normalmente lhe causará uma dor imensa.

— Como o casal de que o filho se suicidou? — perguntou

Valéria.

— Penso que, nesse caso, não foi uma prova escolhida. Ninguém reencarna com o intuito de se suicidar ou ser homicida. Talvez Jairo tivesse essa tendência e a prova dele fosse vencê-la. Tendência, talvez por ter se suicidado em outra existência. Infelizmente falhou, terá de repetir a prova no futuro.

— Estou entendendo; Jairo irá sofrer, ficar firme na fé e não se suicidar; se fizer isso, provará a si mesmo que é capaz de passar por padecimentos e não procurar a morte. Muitos se saem bem nessa prova, não é? Tenho visto tantos sofrimentos.

— Isso acontece — respondeu Pedro. — Porém, professora, não podemos generalizar. Sofre-se, sim, por

provas, mas também pelas reações de atos indevidos, e sei que alguns suicidas cometeram esse ato por não aguentar as reações, o peso da colheita. O importante é aceitar as dificuldades, tentar solucionar os problemas e ter certeza de que tudo passa.

— Isso é muito consolador!

— exclamou Valéria.

— Tenho um cunhado, irmão

de minha esposa, que passou recentemente por situação parecida com a que Jairo passou. Sua esposa faleceu. Os dois se amavam muito. Ele foi demitido do emprego onde trabalhou por muitos anos e ficou doente. Aceitou ajuda de parentes e amigos, até financeiramente. Quanto mais problemas, mais ele orava, e

reagiu. Fez o tratamento tomando certinho as medicações, aceitou conselhos, recebeu visitas, não se isolou, foi atrás de outro emprego; não foi fácil, mas conseguiu. Fez de seu lar um local agradável, filhos e netos continuaram indo lá. Passou a fase difícil. Atualmente, frequenta o centro espírita, auxilia nos trabalhos da assistência social, voltou a

sorrir e está bem.

— Cada um enfrenta o sofrimento de uma maneira — concluiu Valéria.

— Sim, e bons exemplos não nos faltam. Quando procuramos, achamos; e quando necessitamos de auxílio, encontramos. Nada dura para sempre. Por isso, Valéria, é difícil termos justificativas para nossos erros.

— Não aceitar o pecado, mas entender o pecador! — Valéria deu um triste suspiro.

A jovem pensou na sua mãe.

— Sim, é isso! — Pedro a olhou com carinho. — O melhor é compreender as pessoas, repelir o erro e amar aquele que está errado.

Os pais com as crianças foram embora, com a chegada de muitos jovens. Estes

entraram curiosos, olhando tudo. Novamente, Cláudio explicou o que é um centro espírita, quem foi Allan Kardec e no que consistia o auxílio que prestavam. Eles fizeram muitas perguntas sobre a Doutrina, e Cláudio as respondeu, satisfazendo a todos.

Silmara contou, novamente, uma narrativa sobre Jesus, enfatizando seus ensinamentos.

Pedro orou e convidou os jovens a fazerem orações. Três deles oravam, orações bonitas, simples, de rogativas e agradecimentos.

Antes de irem embora, cinco jovens se aproximaram de Cláudio para fazer mais perguntas.

Valéria ficou olhando-os. Muitos jovens que estiveram ali eram seus alunos. Emocionou-

se ao ouvir Alice, que se aproximou de Cláudio e Pedro e agradeceu:

— Sou a menina que viu a Moça de Branco na escola. Senti muito medo, apavorei-me. Agradeço-lhes por ela não aparecer mais lá e eu não vê-la mais. Não gosto de assombrações. A Moça de Branco apavora mesmo!

Pedro lhe fez um afago.

“Preciso pensar muito no que escutei de Pedro”, pensou Valéria. “Será que ele sabe de meus problemas? Penso que talvez um bom espírito o tenha intuído para me falar o que eu necessitava ouvir. Perdão! Será que não perdoei minha mãe? Nunca pensei em perdoá-la. Não senti necessidade. Será que o não perdão era agir como

fazia? Culpá-la de tudo de ruim que acontecia comigo? Tratá-la de modo rude e dar respostas malcriadas? Vou prometer a mim mesma nunca mais tratar mal minha mãe. Responderei educadamente e nunca mais vou ser rude. Gosto dela, porém gosto mais da vovó. Vou amar você, mamãe! Vou, sim!”

Os jovens saíram, o grupo também; três pessoas passaram

organizar o local. Guilherme chamou Valéria para irem embora. De mãos dadas, foram andando devagar. Comentaram sobre o ocorrido.

— Valéria, estou me sentindo bem, leve! Você já sentiu paz no seu íntimo? A certeza de que está bem? Penso que meu espírito está em paz por ter encontrado a religião que me fará ser uma pessoa melhor.

Concluí que tudo nos é mais fácil quando entendemos.

Sentaram-se num banco da praça.

— Vamos ficar aqui um pouquinho? — pediu o moço.

— Meus pais, minha irmã e cunhado virão à noite assistir à primeira parte dos trabalhos. Convidei-os, e eles, me vendo entusiasmado, quiseram vir.

Apresentarei você a eles, mãe quer conhecê-la.

Valéria não falou nada, mas não gostou, não queria conhecer os pais de Guilherme porque sentia que eles, ao saberem o que sua mãe fazia, seriam contra o namoro.

“Está tão bom receber atenção de Guilherme, olhá-lo e ele sorrir para mim. Não quero perder isso”, pensou a jovem.

Ficaram por uns vinte minutos conversando; entusiasmados, perceberam que tinham muitos gostos em comum. Ele a deixou em frente à escada. Valéria subiu devagar.

“O que importa é o momento. Estou feliz por estar com Guilherme e por estar conhecendo o espiritismo.”

Foi passar roupas e escutou uma discussão. Pelas vozes,

reconheceu serem Cândida e o marido. Não havia, antes, escutado nada dos vizinhos.

— Não quero que vá a essas reuniões — o marido estava exaltado. — Bernadete ir é uma coisa: a coitada nunca mais ficou bem depois da morte do filho. Mas você não!

— Por que não? Posso saber?

— Cândida também estava exaltada, falou em tom alto.

— Sempre escutei que os espíritas mexem com os demônios.

— Escutou, mas não foi verificar. Por favor! Será que é preciso lugar próprio ou determinadas pessoas para mexer com os demônios? Eles tentaram até Jesus. Pelo que sei, são eles que mexem com a gente.

— Sou católico. Somos!

Esqueceu disso? — perguntou o marido.

— Não esqueço porque você faz questão de me lembrar. Você sabe que sou uma pessoa crítica, objetiva e que presto atenção em tudo. Por isso digo e repito: gostei desse grupo pelo que escutei e vi. Por favor, raciocine! Se Deus quisesse acabar com as religiões, Ele o faria e deixaria uma somente.

Jesus disse que são muitas as moradas na casa do Pai. Todas Dele! O Mestre Jesus também ensinou o que é preciso para ser salvo, disse que separará uns dos outros como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. Ele afirmou que uns serão abençoados e outros, não. E, pelo que ensinou, perguntará somente: fez a caridade ou não?

Como me deu de beber, me visitou, me deu o que comer? Ou seja: ajudou o próximo ou não? E completou que todas as vezes que deixamos de dar assistência, deixamos de fazê-lo a Ele mesmo.<sup>1</sup> E nessa reunião espírita não vi outra coisa que não seja caridade. Se você se recordar do texto da Bíblia que citei, verá que Jesus não perguntou se acreditavam

em Deus, se oravam, se seguiam alguma religião. Penso que aqueles que fazem o bem acabam por sentir Deus dentro de si e de alguma maneira serão religiosos. Os espíritas fazem muitas caridades. Ter auxiliado seus parentes não foi uma?

— Está bem. Não vamos brigar por isso. Se você quer ir, pois vá e pode até ser espírita — ele falou com voz mais baixa.

— É bom pensar no ensinamento de Jesus que citei e começar a fazer algo de bom.

Valéria não os escutou mais.

“Com certeza se entenderam. Isso deve acontecer muito: casais brigarem, discutirem, por causa de religiões. O importante é se respeitarem e não impedirem o outro de seguir o que quer.”

A jovem pensou na mãe.

“Tenho de pensar muito no que tenho escutado e colocar em prática esses ensinamentos. Deve ter um motivo para que tanto o senhor Pedro como o senhor Cláudio tenham pedido para que eu ficasse perto deles escutando problemas, as soluções e os conselhos. Penso que eles não sabem, mas os bondosos espíritos que são seus companheiros de trabalho

devem saber e estão tentando me esclarecer. Não compartilhar dos erros, mas tentar auxiliar e orientar aquele que erra. Eu tenho repellido os erros de mamãe com ela junto. Nunca quis saber de seus motivos. Vou mudar. Irei tratá-la bem, vou amá-la. Somente querer que ela fosse diferente, ser como eu gostaria, não basta, tenho de ajudá-la. Não sinto vontade,

realmente não quero conversar com os pais de Guilherme. Preferia não conhecê-los. Com certeza não serei a namorada ideal para o filho deles. Por que isso me pesa tanto? Será que sempre fugirei dessa situação? Mas como dizer sobre minha mãe a ele? Tenho medo de ver no rosto dele ou no de seus familiares a decepção e ser

repelida. Não sei o que faço. É melhor não pensar nisso agora.”

Arrumou-se, jantou e, bem antes do horário, foi para o local onde teria mais uma palestra e o trabalho de orientação.

# 13

## Carmélia, a Moça de Branco

Valéria foi a primeira a chegar. Por oito minutos ficou ali parada em frente à sala, sozinha. Chegaram mais pessoas e ficaram conversando,

comentando que estavam gostando, e alguns, sendo sinceros, disseram que antes tinham ideias errôneas sobre o espiritismo e que compreenderam o tanto que a Doutrina Espírita é uma religião cristã e revivia os ensinamentos de Jesus. Adolfo chegou e abriu a porta. A jovem professora entrou e foi verificar se tudo estava no lugar. Guilherme

chegou com a família e, com um gesto, pediu para ela se aproximar.

— Meus pais, irmã e cunhado — disse ele —, essa é Valéria!

Todos sorriam para ela. A mãe dele foi a primeira a cumprimentá-la, abraçou-a.

— Muito prazer! Tenho ouvido muito falar de você.

— Agora entendo o interesse

de meu filho. Você é muito bonita — elogiou o pai.

Valéria agradeceu, sentiu o rosto em brasa. Depois que cumprimentou os quatro, não sabia o que falar. Guilherme a socorreu.

— Vamos sentar. Vamos nos acomodar ali — mostrou um lado. — Ficarei com vocês. Valéria ficará mais à frente porque o senhor Cláudio sempre

pede para ela ajudá-lo.

Valéria rapidamente se sentou na frente. O grupo chegou e cumprimentou a todos. Logo o local lotou. Cândida foi com os cunhados e com o marido. A jovem entendeu que o esposo da dona da cantina deve ter ficado curioso, e, como muitos que ali estavam, fora conferir se os comentários que ouvira eram

verdadeiros. Muitos estavam ali para conhecer o grupo que focava nos ensinamentos de Jesus de forma diferente e que os livraria da Moça de Branco e da ameaça de o hotel não se concretizar. Muitas pessoas ficaram de pé, e os mais jovens deram lugar para os idosos. Não teve ninguém para conversar em particular com o grupo. No horário marcado, Pedro falou:

— Vamos começar, como sempre fazemos, com uma leitura, e, após, uma explicação, uma palestra. Nas palestras que fazemos na nossa casa espírita, não fazemos leitura. Sempre é um tema edificante, que orienta e consola. São oratórias otimistas que incentivam a fazer o bem, estar alegre e confiante. Temos muitos

oradores, e é sempre prazeroso participar dessas reuniões. Aproveito para convidar a todos para amanhã, às nove horas, estar aqui novamente, nesta sala, para organizar o grupo de estudo. Estamos o formando e amanhã, por escolha, determinaremos o dia e a hora para nos reunirmos. Estudarão juntos as obras de Kardec, lembrarão para melhor

compreender os ensinamentos de Jesus. Agora escutaremos uma leitura que nossa companheira fará.

Silmara abriu *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e leu o capítulo 11, “Amar o próximo como a si mesmo”.

A lição é realmente preciosa. Transcrevemos somente alguns textos: “Fazei aos homens tudo o que gostaríamos que eles nos

fizessem”, Mateus 7:12. “Tratai os homens da mesma maneira que gostaríeis que eles vos tratassem”, Lucas 6:31. Amar o próximo como a si mesmo, fazer aos outros o que gostaríamos que fizessem por nós, é a expressão mais completa da caridade, pois resume todos os deveres em relação ao próximo. Não há guia mais seguro sobre isso do que

ter como regra que devemos fazer aos outros o que desejamos para nós.

Quando Silmara terminou a leitura, Cláudio elucidou:

— Com esse ensinamento, entendemos que não podemos causar a ninguém prejuízo material e moral. Aconselha que se respeitem os direitos de cada um como cada um deseja que respeitem os seus. Esse

princípio estende-se ao cumprimento de deveres em relação à família, à sociedade e à autoridade, bem como a todos os indivíduos. Afirmo a vocês que ninguém consegue amar o próximo, irmão humano, sem amar nosso Pai Divino. E ninguém consegue ter esses dois amores sem amar a si mesmo. Não sentir por nós amor egoísta, mas o amor de

sentir Deus em nós, criaturas criadas por Ele. Que esse amor se estenda sempre a todos e que façamos ao outro somente o que gostaríamos que nos fizesse. Mas que o amor ao próximo seja realmente igual ao que sentimos por nós, nem mais nem menos. Se tratarmos pessoas com benevolência e amor, meus atos externos,

nascidos dessa minha atitude interna, só poderão ser bons, benéficos. Meus atos são o que eu sou. Conforme amamos, somos amados. Acreditai nestas sábias palavras: “Amai muito, para serdes amados”.

A palestra foi de trinta minutos. Pedro fez uma oração comovente, rogando a Deus, a Jesus, para que pudéssemos agir sempre com amor.

A primeira parte terminou. A maioria das pessoas que ali estavam iria embora; despediram-se uns dos outros e do grupo. Valéria aproximou-se dos pais de Guilherme. Abraçaram-na.

— Quero que vá almoçar em casa. Venha passar o dia conosco — convidou a mãe.

Valéria sorriu. Depois que saíram os que vieram para

assistir à primeira parte, Adolfo fechou a porta, e os que ficaram agruparam-se perto da mesa.

Logo após, Alice começou a falar, repetia o que uma desencarnada, a Carmélia, expressava.

— *Aqui estou para conversar com vocês.*

— Boa noite, Carmélia! — Cláudio a cumprimentou.<sup>1</sup>

— *Boa noite! Na primeira vez*

em que falei para o encarnado repetir, não entendi bem o que aconteceu. Não gostei que interferissem em minha maneira de viver. Aqui fiquei nas outras noites e, hoje à tarde, escutando, vendo-os trabalhar, também vi os desencarnados, uns socorrendo e outros sendo auxiliados. Fiquei impressionada com alguns que aqui vieram. Vi uns querendo se vingar e outros perturbados sem entender

que tinham morrido, ou seja, que o corpo carnal morrera e que eles continuavam vivos em espírito. Tudo isso me tocou. Não havia visto ainda espíritos que tinham sido pessoas boas; por duas vezes senti o espírito de minha mãe lá no casarão, isso foi tempos atrás. Porém, não sei se minha mãe era boa. Nunca defendeu os filhos. O fato é que, quando mamãe morreu, desencarnou, não vi seu espírito,

não ficou no corpo nem na casa. Foi embora. Gostei de ver pessoas educadas que ajudam outras sem cobrar. Penso que vocês quiseram que eu conhecesse outros desencarnados e visse outra forma de viver, agir. Traziam-me para cá para escutar, ver; depois me levavam para um local limpo, agradável, onde conversei, escutei palestras e dormi acomodada.

— Como está se sentindo?

— *Bem e mal* — respondeu

Carmélia.

— Como assim? —

perguntou Cláudio. — Não entendi. Por favor, explique.

— *Bem porque comecei a compreender que posso ser diferente e que existem lugares em que posso ficar sem incomodar e ser incomodada. Porque fui tratada como gente, com educação, não fui*

*repelida e me ofereceram ajuda. E mal porque estou sentindo remorso.*

*Agi errado, muito errado—*

*Carmélia deu um longo suspiro.*

*— Todos nós já erramos; o importante é, no presente, nos esforçarmos para não errar mais.*

*— Pensei, na primeira noite, depois que estive aqui, que tudo o que tentariam fazer por mim seria inútil, não mudaria de opinião,*

*continuaría assustando e ficaria no casarão. Mas meus sentimentos foram mudando. Uma coisa é certa, não quero ser mais a Moça de Branco e de outros adjetivos que me chamavam e dos quais até gostava. Não quero assustar mais.*

— Isso é muito importante — falou Cláudio com voz carinhosa. — Convido-a para que fique conosco, aprenderá muitas coisas e, depois de um

tempo, poderá escolher se irá reencarnar ou continuar no plano espiritual trabalhando, sendo útil. Essa escolha é para o futuro. Agora irá conosco. Primeiro ficará no Posto de Socorro onde estive esses dias, mas agora diferente: será moradora, participará das atividades do local.

— *Irei, sim, e agradeço, porém...*

— O que é, amiga? Posso chamá-la assim? O que a perturba ainda?

— “Amiga” é um termo forte — falou Carmélia pela voz da médium. — Penso que são poucas as pessoas que merecem ser chamadas de “amigos”. Tive uma somente, minha irmã, isso quando estava encarnada, apesar de esconder muitas coisas de Consuelo, porque ela era certinha e

medrosa. Depois, já não sei. Pelo que escutei aqui, entendi que a prejudiquei, pois sugava suas energias, deixando-a enferma. Soube que minha irmã desencarnou, mas não a vi; perguntei por ela a esses desencarnados que trabalham com vocês e me deram notícias de que Consuelo reencarnou e está bem. Se você quer me chamar de “amiga”, não me oponho, mas que fique

*claro que não lhe tenho amizade; você é, para mim, alguém que está tentando me auxiliar. Mas até isso acho engraçado. Sabe por quê? Não lhe pedi ajuda, nem a ninguém. Porém, no decorrer dos acontecimentos, quero essa ajuda. Estou confusa?*

— Não, está sendo coerente — respondeu o doutrinador. — Isso de fato ocorreu. Não pediu ajuda. Este auxílio está

ocorrendo porque outros pediram, e, para que pudéssemos atender ao pedido que nos foi feito, tínhamos de afastá-la.

— *Vocês poderiam ter feito isso, me afastado da escola e do casarão, mas quiseram que ficasse bem. Porém, nem sempre o que se dá é o que o ajudado quer receber. Já pensou nisso?*

— Sim, tenho pensado muito nisso. Gosto de estudar, aprecio um bom livro de estudo, meu lazer preferido é a leitura. Mas existem pessoas que não gostam. Por gostar, não devo querer que outros apreciem a leitura como eu.

— *Entendi* — Carmélia se manifestou por meio da sintonia mental da médium. — *De fato, vi você lendo nesses dois*

*dias, também o vi orar, não falou mal de ninguém e está sempre vendo o lado bom das pessoas. No primeiro dia achei monótono seu estilo de vida; depois comecei a sentir sua paz, sua boa energia, sua alegria em servir.*

— É isso que a convido a sentir. Mude! Melhore!

— *Começarei a ler* — Carmélia riu.

— Você entendeu? —

perguntou o doutrinador.

— *Sim, a comparação foi boa. Damos o que temos, porém devemos aprender a escutar o outro e ver o que ele quer, e não dar o que achamos que ele precisa. É necessário ter discernimento, não é? Alguém pode pedir para você participar de uma maldade e terá de negar. Como uma criança pedir para brincar com uma navalha afiada e você não dar.*

— Devemos aprender para ser úteis, dar o que o outro realmente precisa.

— *Por isso me deixou aqui para ver, ouvir, fiquei perto do grupo, vi outra forma de viver e comecei a me interessar.*

— Quero então saber: O que você quer, Carmélia?

— *Nem preciso dizer* — a voz da médium dava passividade à

manifestação de Carmélia —  
que antes queria ficar no casarão,  
tanto que usei da chantagem e fui  
assustar na escola. Como todos os  
habitantes de Morro dos Ventos  
estavam empenhados em que o  
hotel fosse construído e temendo  
que eu impedisse, procuraram  
ajuda. É certo: quem procura acha.  
Encontraram. Não vou mais  
assustar, não depois que vi e ouvi.  
Entendi que não posso continuar

*agindo como agia.*

— Isso é bom. Irá conosco?

— Cláudio queria realmente auxiliar aquele espírito.

— *Sim, irei, porém quero pedir desculpas a todos os que apavorei, desculpar-me também com aquelas duas ali da escola, pois pegava delas energias para me materializar. Vampirizava mesmo. Não sou vampiro que suga sangue, não preciso de sangue, mas de*

*energia. Aprendi a fazer isso com um desencarnado mau, que era obsessor de meu pai, a pegar energia da natureza e das pessoas sensitivas que vocês chamam de “médiuns”. Como me diverti! Agora me sinto mal em pensar que fiz tudo aquilo. Não estou gostando de sentir remorso.*

— *Você não assustando mais, tudo se resolverá, e penso que ninguém sentirá mais raiva de*

você e até farão orações para que fique bem — falou Cláudio.

— *Acredito. Recebi muitas orações, até das crianças da escola. Senti-me bem em recebê-las. Agradeço. Mas o remorso...*

— Você terá tempo e com quem conversar para entender seus atos e fazer um propósito sério para não cometê-los mais — aconselhou Cláudio.

— *Escutei muitos comentários*

sobre mim — contou a desencarnada que recebia orientação, pela voz de Alice. — Ria, achava graça. Agora alguns desses comentários estão me incomodando. Diziam que a Moça de Branco morreu por amor e, por não encontrar seu amado, ficou no casarão esperando-o voltar. Que no casarão tem um tesouro e tive de ficar lá para guardá-lo (nunca teve tesouro naquela casa, nada de

valor). Que fui amaldiçoada e teria de ficar nas ruínas, e falavam todo o tempo. O que me fez pensar foi: “Coitada! Foi obrigada pelo pai a casar com quem não amava, foi assassinada e ficou vagando. Não era somente para os maus ficarem vagando? Ou alguém muito apegado?”. Pensei e deduzi que sim, alguém muito apegado aos bens materiais, os que julgam que

*algo pertence a eles, podem ficar anos em lugares, esquecendo-se de que tudo muda de dono. Não foi o meu caso, gostava do casarão, mas nunca julguei ser meu, nem quando encarnada, pois nunca o foi. Quanto à outra opção, ser mau, foi o meu caso, não fui boazinha.*

*— Carmélia, não precisa falar de sua vida.*

*— Quero! Se não se incomodar, quero contar, pôr para fora tudo o*

*que me incomoda.*

— Se é assim, podemos escutá-la — concordou Cláudio.

— Porém esteja certa de que não a julgaremos, mas a compreenderemos. Porque

todos nós que aqui estamos neste planeta já cometemos erros. Muitos de nós os estamos reparando, e outros estão em condições de auxiliar os que reparam. Alguns sofrem por

receber o retorno de seus atos equivocados e por terem se recusado a repará-los fazendo o bem.

— *Sinto-me melhor escutando isso — disse Alice falando o que Carmélia queria. — Realmente não tive uma vida fácil. Meu pai era um tirano, mau, vagabundo, sempre tratou muito mal minha mãe e os filhos. É verdade o que falam: meu irmão mais velho,*

depois de uma briga em que foi  
surrado, saiu de casa e não mais  
voltou. O caçula também foi  
embora e desencarnou jovem num  
naufrágio. Eu ficava indiferente aos  
acontecimentos da casa, não me  
envolvia nas discussões e tentava  
ficar bem com todos. Adolescente,  
passei a fazer muitas coisas  
escondida. Namorei um moço que  
era pescador, achava-o bonito,  
porém sabia que meu pai não me

*deixaria ficar com ele por ser pobre. Tornamo-nos amantes. Gostava dele, embora o achasse rude; era um moço simples, que não poderia me dar nada do que estava acostumada, ele morava numa cabana na Praia Brava, distante das casas dos outros pescadores, era lá que nos encontrávamos. Queria ficar com Fausto, assim se chamava meu namorado, mas não desejava a vida que teria com ele. Nessa*

época, meu pai havia vendido muitas propriedades e tinha dívidas, porém continuávamos vivendo como sempre, como ricos. Minha mãe adoeceu. Teve, como dizíamos naquele tempo, paralisia, derrame, ou seja, um acidente vascular cerebral que a deixou deficiente, não andava, não falava.

Carmélia fez uma pausa para logo depois retornar a contar

sua história.

— Fiquei grávida, apavorei-me e decidi me livrar da gravidez. Sabia de uma mulher, que morava nas terras que pertenceram ao meu genitor, que fazia preparados, chás de certas ervas que provocavam aborto. Meu pai havia obrigado minha mãe a tomar esses preparados várias vezes. Sabia, por ter visto mamãe sofrer, que esse tipo de aborto causava muitas

dores. Arrisquei-me, procurei essa mulher, ela cobrava caro e eu lhe dei uma joia. Fiz o aborto e sofri calada. Fausto indignou-se, queria o filho e que eu fugisse com ele; para acalmá-lo, pedi que esperasse e que, no tempo certo, ficaríamos juntos e que não podia ser mãe solteira. Meu pai me arrumou um noivo. Ele era mais velho, talvez uns dezesseis anos a mais que eu. Era rico, havia comprado terras do

meu pai e meu genitor lhe devia dinheiro. Percival gostou de mim. Aceitei o noivado e planejei me casar e continuar tendo Fausto como amante. Só que Fausto não aceitou, não queria que eu me casasse e me ameaçou. Não acreditei em suas ameaças. Recordando-me, entendo agora como era fria, calculista e indiferente aos problemas alheios, até daqueles que conviviam

*comigo. Decidi e nem quis ouvir a opinião de Fausto, que com certeza nutria por mim uma paixão, não queria me perder nem que eu me casasse. Não pensei em Percival, ele não me amava, mas me queria para esposa.*

Carmélia fez uma pausa e chorou por segundos. Todos os que a ouviam continuaram em silêncio.           Recompondo-se, continuou sua narrativa.

— Tratava bem meu noivo, fingia estar contente com o casamento. Encontrava-me sempre com Fausto, à tarde, quando ele voltava do mar. Descia pela encosta em frente ao mar, era um caminho perigoso, mas, jovem, o fazia com facilidade, pois, desde pequena, brincava ali com meus irmãos. Num desses encontros, ao voltar, encontrei-me com Maria, filha de nossa cozinheira, ela tinha treze

anos. A garota riu, percebi que ela tinha visto meu encontro. Esforcei-me e não demonstrei estar sendo surpreendida. “Dona Carmélia encontra com Fausto. Seu pai sabe? E seu noivo? O senhor Percival não a irá querer mais e seu pai a castigará.” Maria parecia estar se divertindo. Pensei: “Não posso deixar essa garota me chantagear”. Fui subindo devagar, e ela, atrás de

mim. Já sabia o que ia fazer. Porém precisava estar em local mais alto. Perguntei: “Por que me seguiu? Alguém mais sabe que faz isso?”. Maria respondeu: “Não contei a ninguém. Mamãe não permitiria, ela não gosta, até proibiu que viesse aqui na encosta, diz que é perigoso. Tenho visto a senhora sair à tarde e resolvi segui-la. Vi que se encontra com Fausto”. “O que quer para ficar calada?”, perguntei e fui

subindo. “Ser sua dama de companhia, ir com a senhora quando se casar, ser muito bem tratada e remunerada”.” A garota era esperta. Pensei: “Nunca! Ela sempre me chantageará”. Parei, e Maria também parou, julgando que conseguira o que queria. Sorri para ela. Conhecendo bem o local, apoiei-me no paredão; com rapidez, segurei-me numa pedra e, com a mão direita, empurrei-a com

força, e a garota caiu. Surpreendida, nem gritou. Foi depois que observei se não tinha ninguém por perto. Onde estávamos, poderíamos ser vistas somente por alguém que estivesse na trilha ou em barcos em frente. Não havia ninguém, era difícil ter alguém nas trilhas, e não havia naquela hora barcos no mar. Olhei para baixo, o corpo de Maria estava nas pedras. Sabia que, na queda, só

*podéria ter morrido, e logo a maré subiria, e o corpo dela seria levado pelas águas. Rapidamente, voltei para a casa.*

Carmélia fez uma pausa e chorou. Respeitando sua dor, Cláudio nada falou. A desencarnada voltou ao seu relato.

— *Há tempos que não choro! Muito tempo!*

— Chorar faz bem.

— Não precisava ter feito nada disso — Alice repetia com fidelidade, expressando os sentimentos da desencarnada.

— Não devia ter namorado Fausto se não queria a vida que ele podia me oferecer. Depois, ao ficar grávida, podia ter ido embora com ele, não ter abortado e nunca ter assassinado a garota. Mas foi o que fiz! Estranho! Agora me sinto assassina, antes não me sentia.

Quando aconteceu, pensei que estava certa, tinha de me livrar dos empecilhos. Aquela garota não devia ter me seguido e tentado me chantagear. Na época e mesmo depois, sentia que me livrara de um problema. E nesses anos que fiquei no casarão, não me recordei desse fato. Estou sentindo uma dor forte no peito. Sou uma assassina! Que horror!

— Peça, irmã, perdão! A esse espírito que foi abortado, a essa garota e a Deus — pediu Cláudio.

— *Não sei quem seria meu filho. E a menina não voltou ao casarão.*

— Não tem importância. Peça perdão. Deus nos perdoa conforme perdoamos — afirmou o doutrinador.

— *Agora estou mesmo arrependida, daquele*

arrependimento que, se voltasse no tempo, não faria nada disso. Mas esta história ainda não acabou. Ao chegar a casa naquela tarde, depois que empurrara Maria, agi com naturalidade, como se nada tivesse acontecido. No outro dia, a cozinheira estava preocupada com a filha que estava sumida. Foi somente depois de três dias que seu corpo apareceu na praia. Não era costume de nossa família se

envolver com problemas dos empregados. Deduziram que ela fora nadar e se afogou, ninguém comentou muito o assunto. Pensando que tudo estava bem, relaxei. A data do casamento se aproximava e, numa tarde em que experimentava o vestido de noiva, Fausto fez o mesmo caminho que eu fazia pela encosta, entrou no meu quarto e me esfaqueou. Desencarnei. Não vi direito o que

acontecera. Olhava-me no espelho; a costureira, agachada, acertava o comprimento da barra. Sentindo-me observada, olhei para o lado direito e vi Fausto; no mesmo momento, ele levantou o braço, a faca brilhou e ele a enfiou no meu pescoço. Surpreendida, como Maria, nem gritei. Senti uma dor terrível e foi como se perdesse os sentidos. A costureira viu tudo e,

*quando conseguiu se equilibrar do susto, gritou, mas meu namorado já havia fugido. Não souberam mais dele, que também não voltou ao casarão. Foram os obsessores de meu pai que desligaram meu espírito da matéria morta. Do jeito deles, me ajudaram.*

Carmélia fez outra pausa para, logo em seguida, retornar a narrar sua vida.

— *Fiquei por anos perturbada,*

confusa, demorei para saber o que havia acontecido. Lilico, um desencarnado que odiava meu pai e o obsediava, que me contou o que ocorrera. Não acreditei; depois pude perceber que havia realmente feito essa grande mudança, de um estado para outro, ou seja, desencarnado. Minha irmã Consuelo havia se casado com Percival; meu pai continuava uma pessoa terrível, obrigava

empregadas a terem relações com ele, assim como minha mãe, que estava enferma. Havia, além de Lilico, mais dois desencarnados que, por se sentirem prejudicados pelo meu genitor, esperavam ocasião para se vingar. Foi somente nessa época que compreendi o tanto que minha mãe sofrera, sofria, nesse casamento. Aprendi com Lilico muitas coisas. Uma delas foi usar da energia da natureza,

das pessoas, para me materializar, e passei a fazer isso com facilidade. Entendi que existem pessoas com mais energia, agora sei que são os sensitivos, os médiuns, e com alguns era mais fácil fazer esse processo, eram pessoas que não aprenderam a lidar com a mediunidade e que não tinham proteção de um bom espírito por não trabalhar com essa energia excedente. Vampirizava-as,

manipulava essas energias, me fazia visível e me divertia. Naquela época, sugava de minha irmã, cunhado e de um empregado, deixando-os enfraquecidos. Lilico planejou para eu dar um susto no meu pai. Teria de ficar num determinado local da casa que era perigoso, aparecer para ele e assustá-lo. Fiz isso. Ele de fato se assustou, caiu e desencarnou. A morte dele foi um alívio para todos

*ali. Não me senti criminosa, dei-lhe somente um susto, achei merecido. Agora já não sei. Não deveria tê-lo assustado. Os três obsessores desligaram o espírito de meu pai do seu corpo morto, despediram-se de mim e foram embora com ele, me disseram que iriam torturá-lo. Não soube mais deles. Não apareci para mais ninguém por um tempo. Não sabia o que fazer e fiquei na casa.*

*Minha mãe desencarnou. Vi somente seu corpo físico parar com suas funções. Seu espírito não ficou lá, agora sei que foi socorrida. Minha irmã se mudou com o marido, fecharam a casa. Fiquei ali sozinha. Senti que minha mãe queria que eu melhorasse e pedisse perdão. Não quis fazer isso. Julgava-me injustiçada e que nada dera certo para mim. O tempo foi passando, e eu continuei ali, vendo*

a casa ruir. E, quando as pessoas iam lá, se pudesse roubar energia de algum visitante, assustava-o. Até que resolveram fazer ali um hotel. Não queria que isso ocorresse e tratei de afastá-los. Assustei os dois empregados. Senti muito quando um deles caiu nas pedras. Concluí que não tive culpa, ele que se assustara. Assim que caiu, seu espírito se levantou e saiu correndo e gritando. Seu corpo físico morto

ficou caído. O outro empregado foi mais esperto, ele também se assustou, mas gostou da fama. Ontem, já incomodada pelo que fiz, arrependida por ter assustado o pobre homem naquele momento, pensei que ele, como os outros, iria correr; pedi aos socorristas aqui para o ajudarem. Eles foram ao seu lar, onde ele residia com a família, o encontraram, trouxeram para cá, orientaram e o levaram para um

socorro. Senti-me melhor e agradeci. Fui a causa de ele morrer, e isso está me incomodando. Vou pedir perdão a ele e espero que esse homem me desculpe. Como não deram certo os sustos que dei no casarão, resolvi fazer chantagem e fui à escola, porque lá encontrei ela — a médium apontou para Florsinda—, que, além de ter a energia que precisava, não tinha proteção. No começo pensei que

*daria certo, mas, infelizmente (agora me corrijo e digo “felizmente”), pediram ajuda e vocês vieram.*

— Por que, Carmélia, você ficou tanto tempo no casarão?  
— perguntou Cláudio.

Alice falou o que a desencarnada respondera:

— *Não tive para onde ir. Logo que compreendi que desencarnara, comecei a dar desculpas para*

*permanecer na casa do morro. Precisava vigiar meu pai, ver minha mãe, cuidar da casa. Depois me indagava: “Ir para onde? Fazer o quê?”. Não procurei. Se estava ruim, poderia ficar pior. Acostumei-me.*

— Não se lembrou de Deus?  
De orar?

— Como fazer isso? Eu era assassina. Como orar?

— Pois poderia — afirmou Cláudio.

— *Agora sei disso. Poderia, assim como também poderia ter sido tudo diferente.*

Carmélia fez mais uma pausa e chorou.

— *Sinto-me aliviada! Estou recebendo orações e não recriminações.*

— Carmélia, você ficou parada, e o tempo passou.

Poderia ter feito muitas coisas. Errou, agora entende que não pode mais errar. Irá conosco para aprender e passar a viver de forma diferente.

— *Vou, sim, e sou grata. Quero aprender a pedir perdão e a ter o propósito de me melhorar, tornar-me um ser melhor.*

— Boa noite, amiga! Vá em paz!

— *Obrigada!*

A sala ficou, por segundos, silenciosa. Alice continuou serena. Pedro elucidou:

— Que possamos tirar lições do que ouvimos nesta noite e nas outras. Devemos procurar sempre fazer o bem e evitar o mal porque o retorno vem.

Nadir levantou a mão e, com consentimento de Pedro, perguntou:

— Posso agradecer-lhes?

Sinto-me realmente grata pela ajuda que nos prestaram livrando a escola do enorme problema que estava nos preocupando. Queria agradecer também por ter aprendido tantas coisas nesses dias. Obrigada!

— De nada! — respondeu Pedro. — Estamos contentes por ter vindo, feito novos

amigos. Também estamos gratos. Em cada auxílio de que participamos, aprendemos muito. Você, Nadir, perguntou se podia agradecer. Sim, sempre que recebemos algo, favores, ajudas ou orientações, por educação devemos agradecer. Conforme compreendemos, esses agradecimentos são como bênçãos, pois desejamos ao benfeitor que ele receba o

retorno da boa ação. Quando isso ocorre, fica no agradecido muito dessa energia. E, ao receber o agradecimento, devemos ficar receptivos para receber esses benefícios. Quando aprendemos a ser gratos, estamos aprendendo a amar. Nós, o grupo e eu, aceitamos, sim, os agradecimentos e, às vezes, lembramos para aqueles que

recebem a importância de agradecer.

Nadir sorriu, compreendeu a explicação. Pedro continuou esclarecendo:

— Devemos pensar que o tempo é precioso, não podemos deixá-lo passar e não fazer nada. Ficar ocioso é desperdiçá-lo, e esse não volta mais. Às vezes deixamos para fazer o que nos compete para amanhã, e

esse amanhã não se torna hoje, não chega. Carmélia poderia, nesses anos, ter realizado tantas coisas em seu benefício e no próximo. Sempre temos oportunidades de fazer o bem em qualquer lugar que estejamos e mesmo em situações adversas. Vimos, no passeio que fizemos na Praia Brava, o Toninho, que tivemos o prazer de conhecer. Penso que

todos o conhecem. Compramos chaveiros e quadrinhos pintados por ele, assim como ganhamos outros de Guilherme. Toninho nasceu sem as pernas e braços e é mudo. Porém, não quis deixar o tempo passar e não fazer nada. A mãe dele o ensinou a se comunicar com os lábios, olhos e a usar a boca para fazer muitas coisas. Ele frequentou a escola, aprendeu a ler, e Nadir o

ensinou a escrever e a pintar segurando lápis e canetas com os dentes, boca. Vende seus trabalhos para os turistas e faz planos para vender muito mais. Acreditando em reencarnação, sei, com certeza, que existem motivos para ele ter reencarnado com deficiência, e não podemos esquecer que pode ser uma prova escolhida por ele,

como “quero provar a mim que serei útil mesmo com deficiência”. Isso pode ocorrer. Ou pode ser que, tendo um corpo sadio anteriormente, não lhe tenha dado valor, e esse período agora no físico esteja sendo para ele de grande aprendizado. Devemos tê-lo como exemplo, fazer o que podemos, e agora. Carmélia terá oportunidades, mas dependerá

somente dela acatar ou não os conselhos recebidos. Porém, esse tempo em que ficou ociosa passou e não volta, foi ela quem deixou de realizar. Que nós possamos aproveitar as oportunidades de aprender, construir no bem e progredir. E não devemos deixar para fazer desencarnados, porque a mudança de plano não nos muda, a vida é uma somente,

estar encarnado ou desencarnado são etapas. Podemos, erroneamente, pensar que é mais fácil realizar o que nos compete no plano espiritual, pois, assim que aprendemos a viver lá, não necessitamos mais dormir, nos alimentar, não sentimos mais o peso do físico nem suas dores, talvez seja mais fácil, mas é também de muita

responsabilidade. O período desencarnado não é mais importante do que o encarnado, ambos o são igualmente. Porém, o período mais importante é o presente, é o fazer diário, aproveitar as oportunidades que a vida nos apresenta. Podemos concluir, pelo que ouvimos aqui, que aqueles que não fizeram nada de bom quando no corpo físico e

que, em vez de servir quiseram ser servidos, continuam do mesmo modo no plano espiritual. São necessitados até quando resolvem se modificar. Vamos finalizar a reunião desta noite com a oração do Pai-Nosso, agradecendo a Deus por estarmos, neste momento, em condições de ajudar. Pai Nosso...

A reunião terminou, despediram-se e foram

descansar.

# Grupo de estudo

Guilherme acompanhou Valéria até seu apartamento.

— Penso — falou a professora — que não serei mais a mesma depois de ter assistido a essas reuniões.

Carmélia me impressionou, ficar esse tempo todo sem fazer nada, somente ali sozinha na casa...

— Às vezes — opinou Guilherme — não ficamos ociosos, porém não resolvemos nossos problemas, que passam a conviver conosco; o tempo vai passando, e eles vão ficando sem solução.

— Não vi o Toninho quando

passamos na Praia Brava —  
Valéria mudou de assunto.

— Naquele domingo ele  
tinha ido visitar uma de suas  
irmãs, que mora em outra  
cidade.

— Você também o ajudou?

— Somente o coloquei na  
cooperativa — respondeu  
Guilherme. — Fiz todos  
compreenderem que não o  
estamos exibindo. Mas que ele

está sendo um exemplo. Toninho gosta do que faz, de ver pessoas, receber visitas, mostrar seu trabalho, sorrir contente com elogios. A mãe dele o ajuda e sempre está por perto. Ele vende seus artesanatos, que não são obras de arte, mas lembranças bonitas feitas por alguém que se esforça para superar suas deficiências. Com o dinheiro que ganha,

compra material de pintura, faz seus gastos e ajuda pessoas pobres da cidade próxima. Faz planos para, quando houver mais turistas, ele pintar para as pessoas verem e fazer o que elas quiserem, ou seja, as pinturas que escolherem; quer também construir um orfanato para crianças com deficiências.

— Você acha que dará certo?

— Quem idealiza e se esforça

para concretizar seus sonhos consegue. Toninho já convenceu algumas pessoas a o ajudarem.

— Como, se ele não fala? —

Valéria ficou curiosa.

— Pode parecer estranho, mas muitas pessoas o entendem. Eu converso com ele. Falo, e o rapazinho concorda ou não. Não sei explicar, às vezes penso que é uma conversa de espírito, telepatia talvez.

Quando levei o grupo e os apresentei, pelo olhar de Toninho entendi que ele queria saber quem eram. Expliquei, o garoto sorriu, mexeu os olhos. Eu disse: “Você quer que eles o abençoem?”. Afirmou com a cabeça. Os cinco o rodearam e, com as mãos estendidas, oraram por ele, ou seja, lhe deram um passe. Toninho se

emocionou, me olhou. “Ele está agradecendo”, disse. Ele sorriu. Tenho a certeza de que, assim que turistas vierem e nosso artista vender mais suas pinturas, o orfanato sai. Sabe por quê? Não deixaremos o tempo passar sem (dele) se ocupar.

Guilherme sorriu e, como sempre, Valéria se deslumbrava com seu sorriso. Despediram-se

com um beijo.

No apartamento, a jovem professora sentou-se no sofá e ficou pensando.

“Tudo de fato é muito interessante! A história de Carmélia, a famosa Moça de Branco, como também de Toninho. Ambos passaram por situações complicadas, um tentou resolver suas dificuldades, aceitou auxílio e

está aproveitando as oportunidades surgidas. Quero conhecer o Toninho! Carmélia não tentou resolver seus problemas nem buscou por ajuda. Como nos diferenciamos diante das dificuldades! Tenho de encontrar solução para o que me perturba! Não quero ficar como Carmélia: o tempo passar, e eu nada fazer para solucioná-lo. Não tenho coragem!”, deu

um longo suspiro. “Os pais de Guilherme foram muito simpáticos. Receei que ele perguntasse o que achei deles. Ai, meu Deus! Se tivesse oportunidade de ficar a sós com alguém do grupo! Porém, se for conversar com um deles, todos saberão que tenho um problema. Que coisa! Prefiro ter um problema a me expor. Orgulho? Mas será que eles me

auxiliariam? Não falariam para mim algo que já sei? Sou eu mesma que tenho de resolver. No meu íntimo, sei o que fazer. Sou é covarde! Queria tanto namorar Guilherme!”

Ficou triste. Orou e foi se deitar. Como estava cansada, adormeceu. Levantou-se animada, se arrumou e foi para o encontro. Foram muitas pessoas.

— Minha filha — anunciou Adolfo, entusiasmado — comprou e me trouxe livros de Allan Kardec. Pedi a ela, que procurou em livrarias e veio hoje somente para me trazer. Aqui estão doze Evangelhos, oito *O livro dos espíritos* e seis *O livro dos médiuns*. Estou doando para o nosso grupo de estudo. No começo, dois ou três de nós

ficarão com um livro, penso que logo poderemos adquirir mais ou cada um ter o seu.

Adolfo apresentou a filha, que contou sua experiência de quando fora ao casarão, anos atrás, e vira a Moça de Branco. Ela se tornou espírita, estava bem e aprendendo a lidar com sua mediunidade.

O grupo chegou, todos conversavam animados.

— Por favor — pediu Pedro em voz alta —, vamos nos organizar. Sentemo-nos. Vamos orar pedindo a Jesus para nos orientar, para que possamos aprender para ensinar e melhor colocar em prática o que aprendemos. “Jesus, Mestre Amigo, pedimos para que seja nosso orientador nos estudos que faremos, dai-nos coragem para mudar o que precisamos e

ânimo para agir com acerto.  
Amém!”

Após ligeira pausa, Pedro continuou elucidando:

— Primeiro vamos decidir dia, hora e local em que vocês se reunirão para o estudo.

— Este ponto comercial me pertence — falou Adolfo —, não tem ninguém interessado em alugá-lo. Podemos nos reunir aqui.

— Ótimo, o local está definido! — exclamou Pedro.

Deram palpites e logo ficou decidido que as reuniões seriam nas segundas-feiras, às dezenove horas, e o estudo terminaria às vinte horas e trinta minutos.

— Costumamos — explicou Pedro — ter dias separados para o estudo de cada livro, porém penso que podemos fazer o

seguinte: os livros estão aqui, podem pegar e ler o que quiserem, inteiro ou pedaços. Mas, no estudo que farão, marcarão páginas para ler, em casa, e aqui um de vocês as lerá, e todos podem comentar. As dúvidas serão marcadas para resolver depois. Decidimos que, uma vez por mês, alguém do grupo virá aqui. Aceitamos o convite de Adolfo, que,

gentilmente, nos hospedará e arcará com as despesas de nossas viagens; viremos no sábado e retornaremos no domingo. Aí, juntos, tentaremos esclarecer as dúvidas que tiveram. Peguem os livros, agrupem-se. Primeiro vamos ler *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Vejam que, já na primeira página, deparamos

com um ensinamento maravilhoso. “Contendo a explicação dos ensinamentos morais do Cristo, sua concordância com o espiritismo e sua aplicação às diversas situações da vida. Fé inabalável é somente aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da humanidade.” Vocês poderão, depois, ler a introdução e as

notas históricas, nas quais estão explicações que facilitarão a leitura. Vamos ler um pedaço do primeiro capítulo.

Nadir, convidada, leu o texto indicado. Comentaram, foram feitas perguntas. Não tendo mais dúvidas, Pedro os convidou a fazer o mesmo com *O livro dos espíritos*. Viram que este livro era de perguntas e respostas. Comentaram

somente as três primeiras questões, pois eram de muita importância, que estavam na parte “Deus: Deus e o infinito”. A primeira pergunta: “O que é Deus?”. A resposta: “Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas”. Após, fizeram a mesma coisa com *O livro dos médiuns*. Foi Valéria quem leu, e que ensinamento precioso já na

primeira página! “Contém o ensino especial dos espíritos sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicação com o mundo invisível, o desenvolvimento da mediunidade, as dificuldades e os escolhos que se podem encontrar na prática do espiritismo.” Leu também o início do primeiro capítulo:

“Existem espíritos?”.

O estudo decorreu com interesse de todos.

— Senti — opinou Nadir — que os senhores são muito tolerantes com as religiões dos outros. Atenderam todos os que os procuraram e não indagaram se tinham uma crença ou se eram religiosos. Gostei de ver a tolerância de vocês.

— Tentamos compreender

tudo e todos — respondeu Pedro. — Às vezes penso que ser “tolerante” é “estou certo, você, errado, mas como sou bom, tolero seus erros, sou tolerante”. Porém isso é melhor do que a intolerância. Tento compreender que cada pessoa tem o direito de seguir o que acredita como tem também de seguir o caminho que escolheu.

Não devemos desprezar e criticar os que seguem outras seitas, religiões ou orientações que não sejam as nossas; não devemos esquecer que saímos de pontos diferentes e que somos todos irmãos. Todos os que caminham, com certeza, chegarão ao mesmo lugar. São muitas as trilhas que levam ao progresso, à compreensão da verdade, ao centro, ao Criador.

Os que vêm do norte, de uma crença, não são adversários dos que vêm do sul ou de outras regiões ou religiões. Assim também ocorre com aqueles que saem do oeste ou leste em direção a Deus. Podem parecer, no início da caminhada, estarem desunidos. Uns estão no começo de seu aprendizado, e outros já adquiriram conhecimentos e continuaram progredindo. A

jornada é longa, mas quem não para, mesmo que seja passo a passo, chega. Tanto mais o ser humano se aproxima de Deus, mais ele se aproxima de seu próximo. E todos se unem quando chegam ao final de sua jornada terrestre.

O tempo passou rápido, a reunião terminou. Adolfo convidou todos para almoçar em sua casa.

— Antes de terminar, vamos orar agradecendo — convidou Pedro. — Confirmo que, no final do mês e começo do outro, Cláudio e Silmara estarão aqui.

Alice fez uma linda oração, e o grupo se dispersou. Muitos agradeceram pelo convite e foram embora. Valéria ficou indecisa, porém Adolfo aproximou-se dela e de Guilherme e reforçou o convite.

O casal decidiu ir.

A casa de Adolfo era muito bonita, de muito bom gosto; foram recebidos por Nara, sua esposa. Todos ficaram à vontade na área nos fundos da casa. Conversaram, e o assunto acabou sendo sobre a Doutrina Espírita.

— Temos de ir embora — lembrou Silmara. — Não quero viajar à noite.

O grupo se despediu de Adolfo e de sua família, e os outros convidados os acompanharam até o hotel, onde pegaram seus pertences, acomodaram-se no carro e partiram.

— Foi muito agradável tê-los aqui conosco — disse Valéria.

Um grupinho resolveu ficar na praça, sentaram-se em

bancos e ficaram conversando. No horário que Valéria costumava telefonar para a avó, ela pediu licença e explicou:

— Telefono todos os domingos, a esta hora, para minha mãe e avó; vou ali ao orelhão e volto rápido.

Guilherme percebeu que ela queria ir sozinha. A jovem ligou, e a mãe atendeu.

— Oi, mamãe! Tudo bem?

Valéria havia decidido que se esforçaria para tratar bem sua mãe e notou que ela ficava contente. Depois de trocarem informações, Valéria falou:

— Mamãe, estarei de férias no começo do mês e preciso de dinheiro para viajar. Você pode me dar?

As últimas aulas que daria seriam no final do mês, mas ela decidira viajar depois do

encontro com Cláudio e Silmara. Decidiram que Margô mandaria dinheiro pela agência bancária da cidade vizinha. A mãe ofereceu mais do que Valéria pedira, mas ela recusou. Despediu-se da mãe e falou com a avó. Falar com Alba era diferente, a jovem professora amava muito sua avozinha.

— Vovó — contou —, neste final de semana conheci e

participei de encontros espíritas, foi maravilhoso. Nas férias lhe conto tudo.

— Neta querida, essas pessoas devem mesmo ter lhe feito bem. Você está tratando sua mãe com delicadeza. Margô se emocionou que até chorou. Por favor, meu bem, continue assim.

— Vou continuar, irei tratar melhor mamãe — Valéria

prometeu mais para si mesma.

Despediu-se e voltou para perto do grupo. Eram dez; a maioria, jovens.

Um homem com um garoto se aproximou deles.

— Por favor — disse o homem —, vim em busca de auxílio. Moro num sítio, perto da cidade, vim a pé e trouxe meu filho, porque fiquei com medo de deixá-lo com minha

esposa, que está perturbada. Falaram para mim que estavam na cidade pessoas que ajudam nessas manifestações demoníacas. Uma senhora que encontrei ali na esquina me informou que eles já foram embora e que vocês fizeram parte do grupo de socorro. Poderiam me ajudar?

Todos estavam atentos ao

que o homem falava. Guilherme pediu a ele:

— Conte-nos, senhor, o que acontece.

— É minha esposa! Ela está doente, mas sua enfermidade é estranha. Acredito que o demônio a atormenta. Quando m i n h a mulher está bem, trabalha, cuida da casa, de nós. De repente, ela se transforma, a voz até se modifica, fala coisas

absurdas, disse que vai matar alguém para ir para a prisão. Estamos com medo dela. É apavorante quando ela fica possuída pelo demônio. Minha sogra está ficando com meu filho para eu trabalhar, mas ela hoje foi visitar a outra filha, que mora em outra cidade, por isso vim com meu filho e o fiz caminhar. Será que perdi a viagem? Eles foram embora

mesmo? Só fiquei sabendo hoje que a cidade estava recebendo a visita de umas pessoas que ajudam quem sofre desse mal.

Guilherme agrupou a turma.

— Vamos ajudá-lo —  
determinou o agrônomo.

— Como? — perguntou uma jovem.

— Vamos colocá-los no meio de nós e pedir proteção a Deus, a Jesus, vamos pensar em

Cláudio, Pedro e pedir auxílio à equipe espiritual que trabalha com eles. — Guilherme, olhando para o homem, pediu: — Senhor, por favor, fique aqui com seu filho.

— Será que aqui é o lugar ideal para orar? — indagou Andreia.

— Penso — respondeu Guilherme — que a casa de Deus é o universo, e Ele está

presente em todos os lugares e dentro de nós. Com certeza o melhor lugar seria no centro espírita ou onde fizemos as reuniões, mas nenhum de nós tem a chave da sala. Vamos tentar ajudá-los aqui mesmo. Senhor, por favor, repita onde mora.

O homem falou. Valéria sentiu uma energia diferente, boa, todos sentiram.

— Sinto que os bons espíritos estão aqui conosco — falou Andreia.

— Vamos orar baixinho, cada um de nós faça sua oração pedindo para que essa família seja ajudada.

Oraram por cinco minutos, depois Guilherme falou:

— Senhor, no final do mês, no sábado à tarde e no domingo

pela manhã, duas pessoas do grupo que veio procurar estarão aqui; tente vir e traga sua esposa. Penso, senhor, que ela melhorará.

— Agradeço-lhes, virei com certeza e trarei minha esposa — afirmou o homem.

— Não é o demônio — Guilherme tentou esclarecê-lo —, é somente um desencarnado, um espírito que

já esteve encarnado, assim como nós, que morreu, cujo corpo físico faleceu; por algum motivo está atrapalhando.

— Penso que sei até quem seja — falou o homem. — Tive uma namorada que era obcecada por mim. Não suportando seus ciúmes, terminei o namoro. Foi um período difícil, pois ela me perseguiu. Aconteceu um acidente, e ela morreu

atropelada. Depois conheci  
minha atual esposa,  
namoramos, casamos, nos  
amamos, nasceu nosso filho e,  
de repente, minha mulher  
começou a ficar estranha, e eu  
sonhando com essa minha ex-  
namorada.

— Vamos orar por essa moça  
desencarnada e pedir a Deus que  
ela receba orientação — disse  
Guilherme.

— Agora voltarei para casa.

Agradeço-lhes.

— Vou levá-los — decidiu  
Guilherme. — Estou de  
caminhonete e os levo ao sítio.

— Agradeço e aceito — disse  
o homem. — Viemos  
caminhando e, quando meu  
filho se cansava, carregava-o no  
colo. Seria pedir muito se me  
esperasse um pouquinho? Já  
que terei carona, irei comprar

dois remédios; o dono da farmácia mora ao lado e me atenderá, também vou aproveitar para comprar alguns alimentos.

— Espero, pode ir comprar o que precisa — concordou Guilherme.

— Meu filho pode ficar com vocês? Ele está cansado.

O garoto de quatro anos ficou com eles; agradaram-no,

Andreia comprou sorvete para ele. Não demorou, o pai chegou, e Guilherme foi levá-los.

— Valéria — disse Guilherme —, de lá vou para casa. Podemos nos encontrar mais tarde? Passarei em sua casa às dezenove horas.

— Estarei esperando-o.

A turma se dispersou. Valéria foi para seu apartamento. No

horário marcado, desceu e, logo após, ele estacionou sua caminhonete e foram andando até a praça.

— Vamos, Valéria, sentar num banco? Aqui em Morro dos Ventos não há muitos lugares para ir, para namorar, normalmente se namora em casa. Mas não é bom ficarmos no seu apartamento.

— Conte o que aconteceu na

sua ida ao sítio, ao qual levou aquele homem e o filho — pediu a moça.

— Vamos ficar aqui um pouco, depois iremos lanchar no carrinho de lanche do Zezé. — Guilherme fez uma pausa e contou: — Levei-os e fomos conversando sobre agricultura. Quando chegamos, pedi para ver a enferma. Uma vizinha que ficou com ela deu a notícia de

que a moça melhorara. Penalizei-me ao entrar na casa; havia objetos quebrados, porque, em suas crises, ela quebra coisas, joga objetos nas pessoas. Ela é jovem, está magra e abatida, estava sentada numa cadeira e, ao ver o filho, abriu os braços, o menino pulou no seu colo e foi abraçado e beijado. Sorriu para o esposo e me cumprimentou. Nem sei por

que deixei o livro que me emprestaram, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, no meu bolso. Falei a ela que fora para ajudá-los, que deveriam orar mais e os convidei a orar comigo. Eles concordaram, abri o livro, fiz uma leitura e orei pedindo a Deus, a Jesus, proteção. Mentalmente, pensei no grupo e pedi, à equipe espiritual que trabalha com

eles, auxílio. Depois, intuitivamente, aproximei-me dela e orei com as mãos estendidas sobre sua cabeça. Penso que consegui dar energia a ela, que suspirou aliviada. Dei ao casal o livro que nem era meu. Comprarei outro para colocar no lugar. Despedi-me e vim embora.

— Agiu certo — concordou a moça. — Penso que pessoas que

sofrem assim como essa moça e muitos dos que vemos com certeza, ao desencarnarem, serão socorridas.

— Não sei se isso ocorre — disse Guilherme. — Penso que não é o sofrimento que faz com que a pessoa seja socorrida. Mas sim a atitude dela diante das dificuldades, das dores. Há pessoas que se tornam piores

com o padecimento, tanto que chegam até a pensar em suicídio, e alguns o cometem, como vimos com Jairo. Outros, estando infelizes, descontam no próximo, praticando maldades; uns se revoltam, criando em si energias de amargura e às vezes de ódio. Vimos que, para certas pessoas, o sofrimento nem as piora nem as melhora, continuam neutras. Para outros,

padecer faz compreender, e, ao aceitarem as dificuldades, tentam encontrar soluções que não somente os ajudarão, mas também a muitos. Mesmo sofrendo, são úteis, esquecem suas dores para enxugar lágrimas de irmãos. Acabam por ver seu sofrimento como um amigo, companheiro, que os auxilia a serem mais humildes, pensam que estão se

regenerando e, tendo oportunidade de fazer o bem na adversidade, o fazem e aproveitam para aprender. Com certeza serão socorridos, como também darão, com seu exemplo, oportunidade para que outros o sejam.

Ficou, o casal de namorados, calado por segundos. Foi Guilherme que voltou a falar, mudando de assunto:

— Valéria, temos pouco tempo para nos encontrar. Nós nos veremos no estudo amanhã; no restante da semana, você leciona à noite. Já que as aulas à noite terminam em horário que todos costumam, aqui, dormir. Como nos encontraremos? Quarta-feira, posso buscá-la na escola? Escolhi quarta porque é o dia em que fazem novena na igreja e tem movimento na

praça. É necessário mesmo dar aulas para dois grupos?

— Vou me organizar para formar uma turma somente — decidiu a professora. — Na terça e quarta-feira desta semana, vou comunicar que, na semana que vem, darei aulas somente para a turma mais atrasada e, após as férias, haverá uma turma somente.

— Sábado — falou o jovem

— iremos subir pela trilha no morro; combinamos de ir cedo e passaremos o dia na mata. Larissa virá com o namorado e quer muito ir. Você dará aula. Não pode sair mais cedo? Combinamos de ir às nove horas e trinta minutos. Queria que fosse conosco.

— Darei aula até as nove horas e vinte minutos, depois os

dispensarei. Posso também, logo após as férias, ficar somente com os alunos do último ano. Já pedi para dona Nadir aumentar minhas aulas no horário diurno. E, no sábado, para não deixar a turma que se formará prejudicada, no próximo semestre darei reforço somente a eles. Para os alunos do penúltimo ano, conseguirei colocar a matéria em dia no

horário normal. Assim, darei aula no sábado das sete horas e trinta minutos às nove ou nove e trinta minutos.

— Isso é bom! Quando a Larissa vem a Morro dos Ventos, agita a turma. Ela mandou recado para, no domingo, irmos à chácara, onde nós seremos os cozinheiros. Serão muito agradáveis esses passeios.

— No sábado, você pode me pegar na escola?

— Farei isso — concordou Guilherme.

Conversaram, planejando os passeios. Foram lanchar e depois ele a levou até a escada; foi embora, e Valéria foi descansar.

# 15

## Desentendimento no namoro

Como planejara, Valéria se organizou na escola para dar aulas somente para uma turma: duas vezes por semana, à noite; e, no sábado, pela manhã, para

os alunos que iriam se formar. Na segunda-feira à noite, o encontro para o estudo foi muito produtivo. Foram marcadas somente duas questões sobre as quais não chegaram a um acordo para indagarem ao grupo. Na quarta-feira, o casal de namorados se encontrou, ambos estavam gostando cada vez mais de estarem juntos. Os passeios no

final de semana foram deveras agradáveis, tanto para eles como para a turma, divertiram-se bastante. Passaram o sábado no morro, seguiram por trilhas, fizeram piquenique. Larissa era realmente animada, amava programas ao ar livre, e seu namorado também. Além dos quatro, foram mais seis jovens. A turma era composta de pessoas entusiasmadas,

educadas e amantes da natureza. Embora Valéria tenha se cansado, pois andaram muito, estava contente, gostou do passeio. Voltaram à noite. No domingo, reuniram-se pela manhã na chácara do pai de Larissa, o prefeito Soares. Como combinaram, foi somente a turma, que se divertiu cozinhando.

Valéria e Guilherme estavam

contentes e entenderam que eram prazerosos esses encontros, que eram afins e gostavam das mesmas coisas, até dos mesmos alimentos.

Saíram da chácara tarde, Guilherme a levou até seu apartamento, onde se despediram.

Na segunda-feira, o estudo foi agradável. Valéria havia lido o que iam comentar, achou até

que entendera tudo, mas, ouvindo outras opiniões e os comentários, percebeu que estudar em grupo era muito melhor, pois compreendiam muito mais.

Na quarta-feira, como não ia mais dar aulas, se encontraram mais cedo, foram lanchar e depois se sentaram num banco na praça.

— Nesse final de semana —

comentou o rapaz —, não temos programas com a turma. Larissa de fato nos agita. No outro, Cláudio e Silmara virão. Quero que aceite ir no domingo à minha casa. Busco você pela manhã e prometo que a trago à noite. Almoçaremos juntos, irá conhecer meus dois sobrinhos.

Valéria sentiu o corpo gelar. Guilherme dera como certo,

tinha planejado e estava contente por levá-la à sua casa.

“Não posso ir!”, pensou a moça e ficou nervosa. “Tenho que me desculpar.”

Como ela não respondeu, o moço perguntou:

— O que foi? Aconteceu alguma coisa?

— É que... — Valéria gaguejou.

Suspirou fundo e, sem olhá-

lo, resolveu falar, o que fez pronunciando rapidamente as palavras.

— É que — repetiu — prefiro não ir à sua casa no momento.

— Por quê? O que aconteceu?

— Guilherme se preocupou.

— Podemos deixar para mais tarde esses encontros — respondeu ela. — Penso que não é o momento para

envolvermos um com a família do outro. Devemos pensar melhor no que queremos para depois ter essas intimidades familiares.

Ficaram calados por segundos.

“Consegui falar”, pensou ela, “tomara que ele não se ofenda”.

A jovem percebeu que Guilherme também pensara em algo, e foi ele quem falou:

— Desculpe-me, errei ao pensar que estávamos namorando firme. Não comentei, pensei somente, e, pelo jeito, errei em minha conclusão. Interessei-me por você, julguei que você também se interessara. Realmente não podemos julgar como certo sem perguntar à outra parte envolvida. Fui presunçoso. Tudo bem — Guilherme se levantou.

— Tenho de ir, vou acompanhá-la até o seu apartamento. Amanhã levanto cedo, vou dormir.

Valéria não teve outro jeito senão levantar e o seguir. O moço não falou mais nada, não pegou na mão dela, foi andando. A jovem professora não conseguia pensar e não sabia o que fazer. Ao chegar, ele se despediu:

— Tchau!

— Quando nos veremos? —

Valéria conseguiu falar.

— A cidade é pequena, nos encontraremos por aí.

— Guilherme!

— Boa noite!

Virou e, andando rápido, se distanciou. A moça ficou olhando-o por uns segundos, depois subiu as escadas e, ao

entrar no apartamento, chorou.

“Guilherme se ofendeu! Será que agi certo? Prefiro isso a ver o desprezo em seus olhos. Como ficaremos agora?”

Chorou muito, estava muito triste, adormeceu, e seu sono foi agitado.

Levantou no horário de costume e foi dar aula. Não viu Guilherme na quinta nem na sexta-feira que não deu aula à

noite. No sábado, quando a aula terminou, ao sair da escola viu que ele estava parado em frente ao prédio, encostado na caminhonete. Valéria, andando rápido, foi encontrá-lo.

— Oi! — disse ela sorrindo.

— Olá! — falou Guilherme.

— Vim lhe dizer que não nos encontraremos este final de semana. Meus avós estão em casa e quero ficar com eles. Não

tenho de lhe dar satisfação, já que não estamos namorando, estamos somente nos encontrando. Bem, é isso. Tchau!

Entrou na caminhonete e saiu. A jovem mestra não sabia o que fazer. Não queria conversar com ninguém, por isso foi rapidamente para seu apartamento. À tarde, limpou-o, corrigiu provas, tentou se

distrair. Fez o mesmo no domingo. Sentiu muito a falta dele.

Segunda-feira foi esperançosa para o grupo de estudo. Sentou-se perto de Guilherme, e o estudo, além de ter sido agradável, foi como das outras vezes, proveitoso. Ao terminar, ele a acompanhou ao apartamento.

— Como estão seus avós? —

perguntou Valéria.

— Bem, são meus avós paternos, moram em outra cidade, mas perto. É uma festa quando vêm nos visitar. Vou levá-los à casa deles na quarta-feira, por isso não nos veremos. No sábado, venho à tarde para o encontro com Cláudio e Silmara.

Chegaram em frente à escada.

— Tchau!

O moço foi se virando para ir

embora. Valéria o puxou.

— Guilherme!

Beijou-o. Foi um longo beijo.

Ele se afastou, a olhou, virou e foi embora.

“Não sei o que pensar nem o que fazer”, pensou a jovem.

“Ele não me beijaria assim se não gostasse de mim. Eu o amo!”

Valéria sentiu um aperto no

peito e vontade de correr atrás dele e até de segurá-lo, dizer que o amava. Porém, sabia que, ao fazer isso, teria de contar a ele o que a afligia. Subiu as escadas devagar.

A última semana de aula transcorreu mais amena, as provas já tinham acabado. Muitos alunos faltaram. Na quinta-feira, encerrou. Valéria não viu Guilherme.

No sábado, Cláudio e Silmara chegaram, almoçaram e, como combinado, se hospedaram na casa de Adolfo. Às três horas, reuniram-se na sala. A jovem professora chegou antes do horário, ficou esperando. Guilherme chegou com o grupo, cumprimentaram-se com um “oi” e se sentaram perto. Depois de cumprimentos e troca de notícias, Silmara fez uma

linda oração, e a reunião de estudos começou.

Foram muitas pessoas, todas interessadas em compreender os ensinamentos de Jesus e de Kardec.

— Aqui estão os livros que trouxemos — falou Cláudio. — Livros de Allan Kardec e outros da literatura espírita; são romances, histórias bonitas e esclarecedoras. Por relatos assim, aprende-se muito não só

a Doutrina como também são lembrados os ensinamentos cristãos. Temos também livros de mensagens e de estudos. Vamos formar a primeira biblioteca, e essas obras devem ser emprestadas. Nadir, você pode ficar encarregada de nossa pequena biblioteca?

— Sim, será um prazer organizar — respondeu Nadir.

— Vamos então abrir o

Evangelho — pediu Cláudio.

A porta estava somente encostada e escutaram:

— Com licença, podemos entrar?

Era a família que procurara o grupo no outro domingo. O homem, a mulher e o filho. Guilherme se levantou, os recebeu, pediu que entrassem e explicou a Cláudio:

— No domingo, assim que

foram embora, este senhor veio com o filho procurar por ajuda. Oramos por eles e pedimos para a equipe de trabalhadores espirituais que nos ajudassem.

— Desde aquele domingo — contou o homem —, minha mulher não teve mais crises. Ela até engordou.

— Sentem-se aqui — convidou Cláudio. — Vamos dar

passes em vocês. Peço a todos que orem ajudando.

Os três se sentaram no local indicado, Cláudio e Silmara se aproximaram, oraram por eles e deram passes, transmitindo energias benéficas. Quando terminaram, a mulher falou:

— Agradeço-lhes, tenho me sentido melhor desde daquele domingo. Rogo ao senhor que continue me ajudando. Não

quero mais ter aquelas crises.

— Não só vim para pedir auxílio — disse o homem — como também para agradecer. Não tive mais pesadelos.

— Muito obrigado! — exclamou o garotinho. — Quero ter minha mãezinha sempre assim, sadia.

— A senhora continuará bem — afirmou Cláudio. — Leiam o Evangelho em seu lar, tentem

ter bons pensamentos e, se possível, venham quando souberem que estamos na cidade.

— Como vieram? — perguntou Guilherme.

— Viemos de carona. Voltaremos a pé — respondeu o homem.

— Se puderem esperar a aula terminar, levo vocês ao sítio — ofereceu-se o agrônomo.

— Sendo assim — falou o homem —, se você nos levar, queríamos assistir à palestra à noite. Podemos ficar até a noite na casa de uma prima de minha esposa.

— Ótimo! — concordou Guilherme. — Venham à noite e, após, os levo para casa.

A família saiu. Cláudio fechou a porta e explicou:

— Naquela semana, nos

trabalhos de orientação aos desencarnados, que também é chamado de “desobsessão”, foi doutrinado esse espírito que perseguia essa família. Aproveitando que todos estão curiosos e querendo entender como se dá essa perseguição, vou explicar a vocês. Essa desencarnada estava muito rancorosa, sentia ódio dessa senhora por ela estar com seu

antigo namorado. Ajudando-a a recordar do passado, soubemos que tudo começou na reencarnação anterior do trio, quando ela era casada com ele, que se apaixonou por essa senhora que estava sendo obsediada e se tornaram amantes, fazendo-a sofrer muito. Não perdoou, e a mágoa a acompanhou na reencarnação.

Traída anteriormente, nesta última encarnação sua alma temia nova traição, daí o ciúme que a atormentava e consequentemente atingia o namorado. Desencarnou e, quando fez essa mudança, estava magoada, sofrendo pelo amor não correspondido. Perturbou-se e, assim que conseguiu entender o que acontecera, procurou pelo

amado e o encontrou casado e com filho. Revoltou-se mais ainda quando reconheceu a antiga rival. Começou o processo de obsessão. Isto é, ela passou a ficar no lar deles destilando ódio, desejando que coisas ruins acontecessem. Quando ele dormia, seu espírito se afastava do corpo carnal e a via, às vezes discutiam e ela lhe dizia coisas terríveis e com

ódio; ele normalmente acordava assustado por causa do pesadelo. Aproximando-se da senhora, fazia-a ter crises nervosas e queria que, num desses acessos, ela matasse alguém e fosse presa. Penso que isso seria difícil porque essa senhora não tem instinto assassino, mas estava se perturbando tanto que talvez acabasse necessitando de uma

internação. Ela conseguiu prejudicá-los muito porque encontrou um lar onde não oravam, eles não seguem uma religião. Conversamos com esse espírito e a fizemos entender que necessitava cuidar de si mesma, perdoar e tentar ficar bem. Conseguimos, e ela foi para um Posto de Socorro. Espero que não volte. Porém, se o casal passar, como

prometeram, a orar, fazer o Evangelho no lar, ter bons pensamentos, vir aqui assistir às palestras e receber o passe, essa desencarnada, se voltar, encontrará o local modificado e não conseguirá mais agir como agia, perseguindo-os.

— O que é “obsessão”? — perguntou Andreia.

Cláudio folheou *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e logo

encontrou o que procurava. Leu:  
— Neste livro em que estudarão no decorrer do curso, no capítulo 28, item 81, temos: “A obsessão é a ação persistente que um espírito mal exerce sobre um indivíduo. Apresenta caracteres muito diversos, desde a simples influência moral, sem perceptíveis sinais exteriores, até a perturbação completa do

organismo e das faculdades mentais”. Logo após, temos: “A obsessão é quase sempre o resultado de uma vingança exercida por um espírito, e que muitas vezes tem sua origem nas relações que o obsediado manteve com ele em precedente existência”.

Cláudio fechou o livro e explicou:

— Obsessões podem ser

simples e outras mais acirradas. Dessa moça era mais grave e a estava prejudicando muito. O obsessor está num estado de desequilíbrio, de inferioridade tão grande, que prefere atormentar o outro em vez de cuidar de si. É: sofro, mas faço meu desafeto sofrer. É um sofredor que precisa de nossas preces, da terapia do amor e de esclarecimento. É visto como

um carrasco que impele seu ódio vingativo contra as ofensas que recebeu. O obsediado, no momento, é vítima de uma vingança, mas normalmente sabe que já foi o algoz. Às vezes, essas desavenças vêm de longe e se ligam por perturbações. Ambos são doentes que têm de ser tratados, perdoar e pedir perdão para se livrar de torturantes problemas.

“Obsessor” é uma palavra que vem do latim *obsessore*, “aquele que importuna”. É uma pessoa como nós. Vocês que continuarão a estudar, ler livros da Doutrina Espírita, verão que crianças podem ser obsediadas. A criança já foi adulta, tem experiência de outras existências e deve ter utilizado erroneamente seu livre-arbítrio. Podem existir

obsessões recíprocas: duas pessoas, numa simbiose, passam a viver em paixões avassaladoras, num egoísmo a dois. O termo “obsessão” é também definido por “ideia fixa” por alguma coisa, operando num estado mental doentio. Assim sendo, um encarnado pode obsediar outro encarnado, dominando o outro, e mascarar isso como ciúmes,

paixão, orgulho e até sentimento de rancor. O obsediado, nesses casos, pode até se sentir amado, protegido por um amor tirano, possessivo, que sufoca a liberdade do outro. E temos visto encarnados obsediarem desencarnados. Por uma teia de pensamentos desequilibrados, não os deixam ser amados, viver bem no além,

vinculando-se a eles obstinadamente.

Cláudio fez uma pausa e continuou a explicar:

— Estou me lembrando de uma história que se encaixa bem no assunto que estamos abordando. Uma pessoa se encontrou com um mendigo que estava cego, com feridas pelo corpo, uma pessoa muito necessitada. Não só lhe deu a

esmola como conversou com ele. “Não era para eu estar assim”, falou o mendigo. E como aquele que o auxiliou prestava atenção, contou: “Era jovem, sadio, uma pessoa comum, com problemas e alegrias. Fiz um favor a uma pessoa, e esta, agradecida, falou que, pelo favor recebido, ela me levaria a um local onde estava o livro da vida das pessoas

daquela região. Num estalar de dedos, me vi numa sala fechada, e, em cima de uma mesa, o tal livro. Ela me falou que eu tinha dez minutos para escrever o que queria no livro. Fiquei sozinho e procurei pelo meu nome, encontrei. Porém, pensei: ‘Por que não escrever algo na página do meu inimigo?’. Era um vizinho que me ofendera em público. Achei sua página e

escrevi rápido: ‘Vai morrer pobre e com feridas pelo corpo’. Entusiasmado com a possibilidade de castigar meus desafetos, escrevi em outro: ‘Ficará cego’. Lembrei-me de minha ex-namorada, que me trocou por outro: ‘Vai ficar sozinha, sem amigos ou familiares’. Noutra página: ‘Irá esmolar’. Aí o tempo venceu, fui tirado daquele lugar e me vi

na rua. Preocupado com os outros, não deu tempo de escrever o que queria para mim. Não era para eu ter uma vida diferente desta que tenho?”. O mendigo deu por encerrada a sua narrativa. Acredito que o obsessor age assim, é uma pessoa comum que, em vez de aproveitar as oportunidades e cuidar de si, não de forma egoísta, prefere cuidar

negativamente do outro: “Ele me fez isso, merece aquilo”. E acaba por sentir o que desejou para seus desafetos. Penso que, infelizmente, algumas vezes na vida agimos assim: gastamos energia de maneira indevida, ficando magoados com indelicadezas e até mesmo irados com ofensas, que podem ser graves. Se isso ocorrer, se

desculpamos, mesmo se não forem pedidas desculpas, se perdoarmos e cuidarmos de nós mesmos, aproveitando outras oportunidades, a vida muda, outros interesses aparecem. Obsessores perdem tempo e oportunidades. Essa desencarnada que orientamos poderia estar bem há tempos. E não podemos esquecer que agiu errado, que fez maldades que

terão reações, como vimos na história do mendigo. O que ele desejou a outros ou talvez tenha feito atos para que ocorressem esses males aos seus desafetos atraiu para si, porque tudo o que fazemos tem retorno, sejam as boas ações, sejam as imprudentes. Por duas vezes na minha vida, passei por situações parecidas. Uma vez, no meu trabalho, fui vítima de

uma injustiça e fiquei chateado, triste e revoltado. Fui para casa. Ao chegar ao meu lar, minha filha veio correndo me abraçar e me mostrou, contente, um trabalho que fizera na escola em que tirara uma boa nota. Tentei sorrir e, amargurado, não dei atenção. Logo após, meu pai telefonou para contar que melhorara e que o médico, na consulta, o achara sadio.

Também escutei por educação, sem me alegrar por ele ter sarado, havia meses que estava doente. Sentei-me na poltrona da sala. Minha filha se aproximou e falou: “Quando choramos, as lágrimas nos impedem de ver as cores”. “Como?”, perguntei. “Minha professora falou isso para João, que estava chorando por não querer ficar na escola.

Estávamos pintando cartolinas. É verdade. Os que não estavam chorando viam as cores mais bonitas. Se você chorar, não irá ver as cores”. Minha filhinha percebeu que eu estava com vontade de chorar; sentia-me, naquele momento, um coitado humilhado. Peguei o Evangelho, fiz uma leitura, me acalmei e decidi: “Vou ver as cores”. Chamei minha filha, pedi para

ver de novo seu trabalho, fiz perguntas, lhe dei os parabéns, a abracei e a beijei. Aliviado, entendi o que era ver as cores. Telefonei para meu pai. Fiz perguntas, alegrei-me por ele ter melhorado. “Filho”, disse ele, “achei, quando lhe telefonei, você triste. O que aconteceu?”. “É que fui injustiçado no trabalho, estava

aborrecido.” “Ainda bem que passou”, disse meu pai. “Porém, filho, pense bem: foi de fato injustiçado ou se melindrou à toa? Se recebeu uma injustiça, é melhor que cometê-la. Se você se melindrou, é bom pensar que não vale a pena.” Pensei e concluí que, de fato, fui alvo de uma repreensão imerecida. Decidi esquecer o episódio. E,

como não estava contente naquele emprego, procurei outro e deu certo. Outra vez foi no centro espírita, uma pessoa me chamou a atenção porque, na palestra que dei, falara algo indevido. Fiquei muito ofendido e decidi não ir mais. Quando cheguei em casa, fiz uma leitura do Evangelho e pensei no que acontecera. De fato, não seguira as regras que a casa espírita

determina para as palestras. Estas devem ser otimistas, não falar em política, não devem ser abordados assuntos depreciativos e tristes. Entendi que me melindrei por orgulho. Orei, me tranquilizei, decidi continuar ativo no centro espírita e fiz um propósito de seguir as normas da casa. Aliviado, agradei: “Obrigado por continuar vendo as cores”.

Percebem como é fácil deixarmos nossos afazeres para cuidar dos outros por nos melindrarmos? Poderia ao ter recebido aquela injustiça e ter gasto energias para me vingar e, com isso, deixado de lado o lar, meu pai e tantas outras coisas. Ainda bem que não fiz isso! Concluí que aquele mendigo, em vez de estudar e trabalhar, se tivesse se organizado, estaria

bem. Passou sua existência fazendo coisas para se vingar ou castigar seus desafetos, os anos de sua vida passaram e, quando ele percebeu que sua vida poderia ter sido diferente, já era tarde. Com certeza, se eu tivesse continuado vendo somente a cor escura da injustiça, teria perdido a ocasião de ver as cores que me rodeavam. Todos nós temos cores em nossa vida,

basta vê-las. Não devemos ser nós os obsessores e não devemos dar oportunidades para sermos obsediados. Vivamos em harmonia!

Ficaram por uns segundos calados absorvendo a lição recebida e foi Nilton, um moço que desde o começo esteve presente com sua esposa, que quebrou o silêncio e perguntou:

— Pode ocorrer o contrário?

Fatos serem evitados por boas ações?

— Sim, com certeza — respondeu Cláudio. — Sabemos de espíritos terem planejado ter doenças graves, passarem por deficiências e, encarnados, ajudando outras pessoas, somente passaram por um período doentes. Uma pessoa que faz trabalho voluntário

adoecer ou ficar deficiente a impedirá de fazê-lo. E, para que não pare o que faz, a doença se ameniza. Isso se dá também porque a boa ação anula a ruim, corta a reação negativa. Sei de uma pessoa que planejou desencarnar aos quarenta anos, mas, nessa época, estava fazendo um trabalho importante, útil, e foi permitido que ela vivesse muitos anos a

mais no corpo físico. E outros, infelizmente, por se embriagarem, se drogarem e até fumarem, podem abreviar seus dias terrenos.

— Tenho de agradecer — falou Nilton. — Faço um trabalho voluntário e, após escutá-los, irei intensificá-lo. Vou contar o porquê de ter de agradecer. Faço, com amigos, muitos passeios, fazemos

trilhas e acampamos. Com um passeio planejado e organizado, na véspera, minha esposa teve uma virose e não pôde ir; eu não quis ir sem ela. Chateei-me, porém não demonstrei. No domingo, fazendo um reparo em casa, feri meu dedo, um pequeno corte que sangrou muito. Minha mãe se preocupou, me levou para ser

atendido por um médico, que fez um curativo e pediu vários exames, que fiz na segunda-feira. Resultado: minhas plaquetas estavam baixíssimas. No passeio, meus amigos sofreram um acidente, nada grave, graças a Deus: o jipe capotou, e todos se feriram. Se tivesse ido e fosse ferido por um corte maior, teria desencarnado com hemorragia antes de

receber socorro. Uma virose da esposa, um acontecimento rotineiro, algo simples, fez com que não fosse ao passeio, e estou encarnado.

Nilton fez uma expressão engraçada, todos riram.

— Concordo — falou Cláudio —, você tem de agradecer. São muitas as coisas que acontecem conosco e que às vezes não entendemos no momento, mas

que vamos compreender depois, e esse “depois” pode ser até quando estivermos no plano espiritual. Meu filho queria trabalhar numa empresa, ficou triste por não ter passado na entrevista e achou injusto, porque outros sem o preparo e o conhecimento dele foram aprovados. Meses depois, conversando com um amigo que fora admitido, soube que essa

empresa não era séria, enganava pessoas, não procedia com honestidade. Entendemos que, de fato, não seria bom para meu filho trabalhar num local assim, e eu concluí que ele não passou porque perceberam que era honesto. Pensei: Será que ele, trabalhando lá, com o tempo não iria achar normal enganar? Isso teria sido ruim para ele, para seu crescimento

espiritual. Temos um companheiro que, quando ficou viúvo, nos contou que era casado havia cinco anos, com dois filhos pequenos, quando se apaixonou por outra mulher e combinaram fugir, ir embora e residir em outro lugar. A data marcada para irem foi se aproximando e ele não tinha coragem de contar à esposa, que era excelente pessoa. Faltando

dois dias para ir embora, teve uma cólica muito forte de rins, foi hospitalizado, sua urina estava com muito sangue. O médico, talvez intuído, falou que era grave, talvez um câncer em estágio avançado. A notícia se espalhou. No outro dia, ele recebeu um bilhete, um amigo foi lhe entregar. Era da moça com quem ia fugir. Ela

escrevera que era jovem para cuidar de um doente, que ia embora sozinha. Ele chorou, sofria pela doença e por ter sido abandonado. Logo depois, a esposa chegou, percebeu que estivera chorando e tentou animá-lo: “Querido, vamos confiar, sinto que você não está assim tão doente, mas, se estiver, irei cuidar de você, eu o amo. No nosso casamento,

ouvimos que deveríamos estar juntos também na doença. Talvez por causa das crianças, eu não esteja dando atenção para você. Não se aflija, estarei ao seu lado”. Choraram e se consolaram. O fato é que não era grave, somente pedras nos rins. Aliviados, foram para casa, ele entendeu que amava seu lar, seus filhos, era grato à esposa e voltou a amá-la. Viveram juntos

por cinquenta e três anos, até que ficou viúvo. Contou sua história bendizendo a cólica de rins. Com certeza, sua vida teria sido diferente se tivesse ido embora com a outra jovem, que era interesseira, não o amava e por quem sentiu somente uma paixão, que logo acabou.

Cláudio fez uma pausa para logo voltar a falar do assunto.

— Temos uma amiga,

trabalhadora do nosso centro espírita, que faz parte, há anos, da equipe desencarnada, chamada Eulália. Um dia, por meio de uma médium, nos contou a história de sua última encarnação. Era filha de camponeses pobres e morava com sua família perto de um convento feminino. Eulália queria ser freira, e o pai a levou para o convento assim que

entrou na adolescência. Como não tinha dinheiro nem estudo, foi fazer o serviço pesado. Ela não reclamava. Por anos carregou água, limpou o chão, trabalhou na horta, suas tarefas eram muitas, doze horas por dia, e ainda tinha de orar uma hora de manhã, outra à noite e assistir a missas. Dezesete anos se passaram, os pais dela desencarnaram, dois irmãos

foram embora dali. Ficou doente, na sua pele surgiram manchas vermelhas e bolhas amarelas. Pensaram ser lepra. Eulália tinha muita amizade com uma freira mais velha, que era cozinheira, e foi essa amiga que cuidou dela, porém seu estado de saúde piorou. A madre superior mandou consertar uma cabana fora dos muros do

convento, mas nas terras dele, para ela morar, pois ficaram com medo do contágio. Deram a ela as roupas e os cobertores que usava, também aves, e duas freiras ajudaram-na a fazer uma horta. Eulália ficou ali sozinha. O trabalho era bem menos. Cuidava da horta, das aves, buscava água na cisterna. Ela sarou, mas não quis voltar ao convento e não usou mais as

roupas de freira. Passou a ajudar as pessoas que moravam por ali, ensinou-as a ter mais higiene, fazia chás e orava por elas. Tornou-se conhecida como benzedeira, e todos da região a procuravam. Ela pensou que realmente tinha lepra e que, naquele momento, melhorara. A freira amiga lhe trazia toda semana alimentos, alguns permitidos, outros escondidos.

Eulália também acolhia animais machucados e os tratava. Anos se passaram. Um dia, aquelas manchas na pele voltaram, principalmente no rosto e nas mãos. Ardiam e coçavam. Pioraram muito e passaram a doer. Eulália fez compressas com ervas, mas piorou. “A lepra voltou”, pensou. À noite, tentou descansar; resignada, orou, como sempre, e não reclamou.

Escutou chamarem-na. Acendeu a lamparina e abriu a porta. Julgou que alguém a procurava pedindo ajuda; querendo e fazendo como sempre, atendeu pensando em ser útil, esqueceu-se até da dor que sentia. Eram quatro homens a cavalo; ao olhá-la, um deles exclamou: “É lepra! Ela é leprosa!”. Saíram a galope, não deixando ela explicar. Melhorou

no dia seguinte, e, uma semana depois, ficaram somente as marcas no rosto e nas mãos. Estando para completar cinquenta e quatro anos e sentindo que ia desencarnar, pediu para as mulheres que iam sempre lá em busca de auxílio que, se a encontrassem morta, a enterrassem ao lado da casa e repartissem tudo o que ela tinha entre elas. E isso ocorreu.

Eulália estava fraca, doente, não se queixava e fazia todo o seu trabalho. Desencarnou de madrugada, foi socorrida e logo estava bem no plano espiritual. As mulheres a acharam, enterraram seu corpo e pegaram tudo o que pensaram que lhes seria útil. Desencarnada, Eulália soube que não tivera lepra no

convento; por estafa, num ambiente grande e com seu quarto mofado, teve alergia. Na segunda vez, aqueles quatro homens planejaram roubá-la e estuprá-la, mas isso não ocorreu por eles pensarem que ela era leprosa. Ao saber, Eulália chorou emocionada e agradeceu muito pela alergia ter voltado e a impedido de receber uma violência tão maldosa.

“Ainda bem que não reclamei!”, exclamou Eulália. “Foram mil vezes preferíveis os ferimentos no rosto e nas mãos!” Penso que nada que esteja ruim não possa piorar. Porém, muitos acontecimentos são inevitáveis porque podem ser reação de ações indevidas. Eulália recordou-se de que, em sua existência anterior, havia sido freira e superiora naquele

mesmo convento; orgulhosa de seu poder, não impediu muitas freiras ali de trabalharem em exagero. Foi exigente.

Cláudio deu por encerrada sua narrativa, olhou o relógio.

— Nossos estudos da obra de Kardec ficarão para amanhã.

— Foi muito proveitoso o que escutamos — opinou Nadir.

Levantaram-se para ir embora; logo voltariam para a

palestra. Guilherme falou para Valéria:

— Vou para casa, desculpe-me por não acompanhá-la. Temos de voltar logo.

Valéria entristeceu-se, queria comentar o que ouvira na aula. Voltou para seu apartamento andando depressa.

# 16

## Entendendo-se com a mãe

Uma hora depois, Valéria voltou à sala onde estava o grupo com Adolfo. Logo, Guilherme chegou com os pais, a irmã e o cunhado. Ela se levantou para

cumprimentá-los.

— Oi, Valéria — disse a mãe de Guilherme. — Que pena que não pôde almoçar conosco no domingo passado.

— Venha, mamãe. Vamos nos sentar ali, senão corremos o risco de ficar em pé.

Guilherme, com delicadeza, os empurrou; Valéria voltou ao seu lugar à frente. A sala lotou, e foram somente duas pessoas

para conversar com Cláudio.  
Silmara leu algumas  
mensagens.

— Vamos começar — falou  
Cláudio. — Silmara agora lerá  
um texto de *O Evangelho Segundo  
o Espiritismo*.

Silmara abriu o livro onde  
estava um marcador e leu:

— Capítulo 17, “Sedes  
perfeitos”, “Parábola do  
semeador”. Lição tirada do

Evangelho de Mateus, capítulo 13, versículos de 1 a 9; depois, de 18 a 23.

Leu com sua voz harmoniosa os itens 5 e 6. A parábola nos conta que saiu o semeador a semear. As sementes caíram em diversos terrenos, como o pedregoso, ao longo do caminho, entre os espinhos e na boa terra, e frutificaram.

Silmara deu por encerrada a

leitura, e Cláudio explicou:

— Essa parábola do semeador, temos parecidas também nos evangelhos de Marcos e Lucas. Jesus lançou a semente dos ensinamentos de Deus indistintamente, em terrenos bons e outros não. Pela agronomia, Ele não deveria ter semeado no caminho, entre espinhos, nas pedras, mas somente na terra própria; como

o ensino das parábolas não é no sentido material, mas sim espiritual, o procedimento do semeador está correto. Os agrônomos encarnados não concordam, porém, a entendemos pela agronomia espiritual. Os lugares citados são comparados com as almas humanas, que são dotadas de livre-arbítrio. E, por misericórdia, podemos

modificar nossa receptividade de rocha e espinho para a da boa terra. E essa receptividade é maior ou menor. A semente dos ensinamentos de Jesus é sempre excelente, a diferença não ocorre pela semente, mas por conta do lugar, da alma humana. Esse ensinamento nos adverte da responsabilidade por estarmos ainda improdutivos, e

somos culpados por essa improdutividade. Pelo nosso livre-arbítrio, somos responsáveis por não produzir nada, pouco ou muito. O livre-arbítrio existe potencialmente em todos nós, seres humanos em pleno uso de nossas faculdades mentais, mas darmos frutos depende de nós. É necessário semear a verdade, o bem, seja qual for o resultado.

Esse ensinamento do Mestre Nazareno convida-nos a sermos bons sem nenhuma intenção de obter resultados. Basta-nos a consciência do dever cumprido de “fazer o bem sem olhar a quem” do que a do terreno em que semeamos. O importante é sermos a boa terra e frutificarmos o máximo possível.

Fizeram algumas perguntas,

e Cláudio respondeu, instruindo-os. Depois, Silmara fez uma linda oração de encerramento. As pessoas se levantaram, conversando. Valéria foi se despedir dos pais de Guilherme. Somente falou boa-noite porque Guilherme interferiu:

— Vou levar a família ao sítio. Tchau, Valéria, amanhã nos veremos no estudo.

Todos saíram; Valéria, andando rápido, foi para seu apartamento. Estava doendo muito a indiferença de Guilherme.

No outro dia, esperançosa, se arrumou e foi ao grupo de estudo. Guilherme se sentou ao seu lado. O estudo foi esclarecedor, leram as questões marcadas nos três livros e solucionaram as questões,

acabando com as dúvidas.

— Vamos encerrar com uma oração e marcar o próximo encontro. Pedro virá no final do mês, talvez venha com o filho dele.

Conversaram animados. Dessa vez, Adolfo não convidou ninguém para almoçar com eles, então se despediram; logo mais, Cláudio e Silmara iriam embora.

Guilherme aproximou-se de Valéria.

— Você vai para sua casa na terça-feira?

— Sim, irei— respondeu a jovem.

— Boa viagem e aproveite as férias. Vou almoçar em casa, iremos nos reunir; desta vez são meus avós maternos que estão lá. Tchau, nos veremos quando

as aulas começarem.

Virou e foi embora. Valéria ajudou Nadir a organizar a sala. Com tudo arrumado, saíram; foi almoçar na cantina e depois subiu para seu apartamento, estava triste.

“Guilherme se ofendeu mesmo com minha atitude. Talvez ele venha me ver mais tarde, à noitinha.”

Porém, esperou em vão.

Muitas vezes olhou pela janela, ficou atenta aos barulhos. Nada, ele não foi. Demorou a dormir. Na segunda-feira, pela manhã, arrumou sua mala, deixou o apartamento em ordem e depois foi à praia andar um pouco. Ver o mar a acalmou. Depois do almoço, foi à cidade vizinha; havia, entre as duas metrópoles, vários horários de ônibus. Foi ao banco e sacou o dinheiro que a

mãe mandara, que era mais que pedira. Fez algumas compras e adquiriu a passagem para o dia seguinte para sua cidade, voltando a Morro dos Ventos. Resolveu pagar antecipado o aluguel, a cantina e depois ficou no apartamento, esperançosa de que Guilherme viesse se despedir dela. Mas nada, ele não foi. Por muitos dos que participavam do estudo espírita

viajarem nas férias, o grupo resolveu parar para reiniciar no final do mês com a ida de Pedro.

“Com certeza não estamos mais namorando. Tudo culpa de minha mãe! Ai! Não devo pensar mais assim. Prometi a mim mesma. Não existe culpa. Eu que decidi. É melhor esquecê-lo!”

No outro dia, no horário marcado, foi para a cidade

vizinha e, de lá, para a localidade onde residiam sua mãe e avó. No ônibus, tentou se distrair, leu revistas e depois ficou pensando no que aprendera com o grupo espírita.

“Tenho de agradecer por esses conhecimentos e colocá-los em prática.”

Quando chegou, viu as duas a esperando. Desceu do ônibus e as abraçou, estavam saudosas.

Foram para a casa no carro da mãe, que Valéria não gostava antes nem de entrar. As duas falaram de como sentiram falta dela, e a garota contou da cidade, da escola. Embora tivessem se falado por telefone, contar pessoalmente era diferente.

— Como é gostoso estar no meu lar! — exclamou Valéria ao

entrar em casa.

A avó preparara para o jantar sua comida preferida, e as três, contentes, falando muito, jantaram. A mãe não foi trabalhar, e ficaram conversando até tarde.

— William — contou Alba —, um mês depois que se separaram, começou a namorar Helen, sua colega de escola. Só que ela agiu diferente. Com um

mês de namoro, foi à casa dele, a que mora com a esposa, e contou para a mulher dele. Escutou: “Boba é você que, sabendo que William é casado, o está namorando. Sei o que ele faz e concordo, temos uma relação aberta. Se você aceita ser amante, tudo bem, porque eu sou a esposa e continuarei sendo”. Helen voltou furiosa, e William terminou com ela.

— Não sei como pude me envolver com ele. William não presta! — exclamou Valéria.

Resolveram ir dormir.

“Como minha cama é gostosa! Que bom estar aqui. Precisei ficar longe uns meses para entender que gosto do meu lar, da minha cama, dos mimos da vovó.”

Cansada, dormiu. No outro dia, logo após o almoço, sua

mãe saiu, e Alba pediu para a neta se sentar ao seu lado.

— Querida, não quer me contar por que, embora esteja contente por estar aqui, algo a aflige?

— Oh, vovó! — exclamou a neta.

Valéria contou primeiro do fantasma da escola, das reuniões espíritas e depois de Guilherme.

— Minha neta! Não acredito que você fez isso. Por quê?

— Senti medo de Guilherme me desprezar.

— Aí resolveu desprezá-lo? Querida, você não pode agir assim. Sente-se inferior, tanto que namorou William que basta vê-lo para entender que não presta.

— A senhora tem razão! Pensava que era o que merecia!

— Valéria deu um longo suspiro.

— Enganou-se! Você é maravilhosa e merece sempre o melhor. Você agiu novamente errado. Devia ter contado a ele e deixado esse moço decidir, e não decidir por ele. Se Guilherme aceitar, vocês dois saberão como contar à família dele, e tenho certeza de que, ao

conhecê-la melhor, eles não somente a aceitarão como irão amá-la. O que não pode é se julgar inferior e que não é merecedora de coisas boas e de um homem maravilhoso ao seu lado.

— Vovó, e se ele contar para as pessoas de Morro dos Ventos? Já fui tantas vezes rejeitada, discriminada. Talvez seja dispensada da escola.

— O que não seria nada mau

— Alba sorriu. — Voltaria para cá, perto de nós. Porém, pense bem: Por que isso ocorreria? Por que será que você está sempre esperando por isso, pelo pior? Em vez de fugir, você devia ter contado a esse moço. Se, depois de ouvi-la, ele não a quisesse mais, é porque você errou em julgá-lo, ele não a merece. E se ele entender e não fizer

diferença? Não devemos nunca desistir de algo ou de alguém sem tentar.

— O que faço, vovó? —  
Valéria realmente queria ouvir a opinião de Alba.

— Guilherme deve estar pensando que você não o quer, que não gosta dele. Se não fizer nada que mude nele esses pensamentos, o perderá.

— Será que devo tentar? A

senhora pensa mesmo que devo?

— Sim, você deve fazer isso. É covardia desistir sem tentar — respondeu a avó.

— Vou pensar!

À tarde, Valéria foi se encontrar com umas amigas. Com muitas novidades, passaram horas conversando. No outro dia, saiu com a mãe e a avó para fazer compras.

— Não quero nada, mamãe, tenho muitas coisas. Vou comprar somente livros espíritas.

Entraram numa livraria; a jovem comprou romances da literatura espírita e a obra de Allan Kardec.

— Filha — disse Margô —, conheço um senhor espírita que tem me ajudado a resolver problemas com algumas moças,

e eu o ajudo na sua assistência social. É um senhor muito bondoso, agradável e sábio: chama-se Pedro.

Valéria sentiu um frio na barriga e pensou:

“Será que é o mesmo Pedro que foi nos ajudar em Morro dos Ventos? Se for, como o mundo é pequeno!”

— Que centro espírita esse

Pedro que conhece frequenta?  
— perguntou a moça.

— O mesmo que lhe dei o telefone — respondeu Margô.

— Você já falou de mim a ele? — indagou Valéria.

— Com certeza — respondeu a avó. — Margô fala de você sempre que tem oportunidade.

“Eles sabiam quem eu era”, pensou a garota. “Talvez tenha sido por isso que queriam que

eu ficasse perto deles. Queriam me ajudar, fazer entender que estava agindo errado com relação à minha mãe. Eu não quis vir embora com eles, perdi a carona. O que mais perderei? Guilherme?”

Voltaram para casa e, assim que chegaram, Valéria começou a ler um livro, um romance, e achou a história muito interessante. À noite, saiu com

as amigas. No outro dia, visitou alguns vizinhos. Esforçava-se para disfarçar, mas estava triste.

“Devo ter perdido mesmo o Guilherme. Vovó tem razão. Vou conversar com ele.”

À noite, ligou para a casa de Guilherme, a mãe dele atendeu, e Valéria desligou.

“Guilherme não gosta de atender o telefone, me disse que

é sempre a mãe dele que o faz. Vou tentar amanhã e, se for ela quem atender, peço para chamá-lo. Vou dizer que preciso conversar com ele. Posso pegar o ônibus e ir até lá. Pelo menos, depois dessa conversa, teria a resposta: “sim” ou “não”. Vovó tem razão, tenho complexo de inferioridade, e esse sentimento não tem fundamento. Posso muito bem voltar para cá,

procurar outro emprego, e não vou deixar ninguém me tratar mal, nem vou escolher pessoas que não prestam para me relacionar.”

No outro dia, na hora do almoço, Valéria telefonou para a casa de Guilherme. A mãe dele atendeu.

— Oi, sou Valéria. Como vai a senhora?

— Olá, Valéria. Estou bem,

obrigada. E você, como está?  
Sua avó está bem?

— Sim, encontrei todas bem,  
obrigada. A senhora pode  
chamar Guilherme para mim,  
por favor?

— Guilherme viajou. Não deu  
certeza de quando voltará.  
Quando chegar, direi que você  
ligou.

Conversaram mais um pouco,

despediram-se. Valéria chorou.

“Ele não quis atender. Não quis falar comigo.”

À tarde sua mãe ligou e conversou com Alba, que, ao desligar, falou a Valéria:

— Nunca sua mãe fez isso, convidar alguém para jantar aqui em casa. Pediu para caprichar no jantar porque trará um amigo.

— Será que é o senhor Pedro?

Do centro espírita? —  
perguntou a jovem. — Deve ser.  
Talvez tenham se encontrado, e  
mamãe disse que eu estava  
aqui.

— Vou para a cozinha e  
capricharei no jantar. Se você e  
Margô gostam desse senhor  
Pedro, também irei gostar.

Fizeram o jantar, Valéria se  
arrumou. Ficou esperando na  
sala e escutou a mãe

conversando animada com alguém que, ao responder, pareceu ter a voz de Guilherme.

“Estou pensando tanto nele que parece que o escuto.”

— Valéria — disse a mãe —, venha cumprimentar nosso convidado.

Ela se levantou do sofá e ficou paralisada: à sua frente, com sua mãe, estava Guilherme, que sorria.

Esforçou-se e não conseguiu falar. Lágrimas escorreram pela sua face.

A avó veio cumprimentar a visita.

— Boa noite — Guilherme a cumprimentou. — Sou Guilherme!

— O Guilherme da Valéria?  
— perguntou Alba.

— Espero ser dela, sim — riu o moço.

— Mamãe, vamos à cozinha

— Margô puxou Alba. — Penso que os dois têm de conversar.

Guilherme se sentou no sofá, puxou a jovem para se sentar ao seu lado e, carinhosamente, enxugou seu rosto.

— Não sou de desistir — falou ele. — Não gosto de saber as coisas pela metade. Ofendi-me com sua atitude; depois pensei muito no que

conversamos e concluí que você escondia algo e que talvez fosse sério, pelo menos para você. Fui à Prefeitura e peguei, na conta telefônica, o número que você usou para ligar para sua casa. Liguei, sua avó atendeu, e eu perguntei o endereço, dei a desculpa de que era de um supermercado e que queria mandar um folheto. Com o

endereço, resolvi vir aqui ver o que você escondia. Vim ontem para cá, hospedei-me aqui perto e perguntei de vocês pela vizinhança. Não precisei indagar muito, logo soube de tudo. Que alívio! Pensei que iria escutar um segredo tenebroso.

Valéria chorava de soluçar.

— Querida, por que não me contou? Sofri pensando que não gostava de mim.

Ela não conseguia falar.  
Beijaram-se, abraçaram-se  
forte.

— Fui então conhecer Margô  
— contou ele — na casa em que  
trabalha. Conteí a ela que a  
conheci e o que se passou entre  
nós. Sua mãe também sente  
culpa. Quis se justificar. Disse  
que não vinha cobrar nada,  
queria somente entender. Vi o  
que sua mãe faz. Pedi para vir

aqui com ela. Convidou-me para jantar.

— Pensei que não iria me querer quando soubesse.

— Concluiu erroneamente.

— E sua família? — perguntou Valéria.

— Meus pais não são preconceituosos. Eles a aceitarão pelo que você é. Bastarão alguns encontros a mais para eles a estimarem e aí,

com certeza, não se importarão. Você não acha que esse fato, de meus pais entenderem ou não, realmente importa, acha? Se você se aceitar, fará os outros a aceitarem.

Contentes, foram jantar. Depois, ficaram na sala conversando até tarde.

— Venha almoçar conosco amanhã — convidou Valéria.

— Venho e, após, iremos sair

— falou Guilherme.

Valéria dormiu feliz. No outro dia, o jovem agrônomo contou:

— Telefonei para mamãe, e ela me disse que você ligou e que era para telefonar para você. Disse a ela que nos encontramos e que estávamos bem. O que queria me dizer?

— Queria falar com você, contar tudo, estava disposta a ir

a Morro dos Ventos para conversarmos.

Depois do almoço, saíram. Pegaram um táxi e pararam em frente à boate de Margô.

— Nunca vim aqui. Não passava nem na frente — confessou Valéria.

— Pois está na hora de conhecer.

Desceram e bateram na porta.

Uma senhora abriu.

— Valéria! A menina Valéria da Margô?!

— Sim, sou eu — a jovem respondeu.

— Entre! Entre!

— Vá observando — pediu Guilherme. — Muitos empregados são idosos e de muito tempo. Margô os trata bem, cuida deles.

A mulher que abriu a porta

foi apresentando os funcionários.

— Esse é o garçom, essa trabalha na cozinha...

Todos sorriram para ela.

“Mamãe deve falar de mim para eles, que sentem me conhecer”, pensou.

Viu também três moças, concluindo que faziam programas; elas também foram simpáticas. À tarde, o

movimento era pouco.

“Ainda bem que não vejo nenhum cliente”, pensou Valéria.

Depois de conhecer todos os que ali estavam naquele momento e a parte da frente do prédio que consistia na entrada, um amplo salão, foram ao escritório, onde Margô estava trabalhando. Ela ficou surpresa com a visita.

— Trouxe-a — disse  
Guilherme — para que entenda  
de vez que tudo aqui faz parte  
de sua vida, Margô.

Margô não sabia o que falar,  
ficou olhando para os dois.

— Trouxe sua filha aqui —  
repetiu ele — para conhecer seu  
local de trabalho. Valéria, se  
você estivesse interessada, iria  
saber que sua mãe, pelo muito  
trabalho e boa administração, é

dona deste lugar, do prédio. Se eu tivesse mãe com sua profissão, Margô, assim que me tornasse adulto, teria desejado entendê-la. Valéria, meu bem, penso que está na hora de você compreender e aceitar sua mãe.

Valéria tremia; Margô estava branca com o susto, não esperava a filha ali, não sabia o que fazer; Guilherme parecia ser o único à vontade e

continuou a falar:

— Margô, não quero que se chateie comigo por ter trazido sua filha sem avisá-la, pensei que vindo de surpresa seria melhor. Posso conviver bem com você, saberei separar a mãe da empresária. Espero que sejamos amigos, além de sogra e genro.

As duas continuaram caladas.

— Vamos tomar um cafezinho? — perguntou ele.

Margô se levantou, chamou por uma pessoa e pediu café. Logo, uma senhora veio com uma bandeja e os serviu.

— Você, menina Valéria — disse a senhora —, é mais bonita do que nas fotos. Sua mãe se orgulha de você.

Valéria sorriu.

— Bem, já que não querem

conversar, vamos embora.

Tchau, Margô!

Puxou a namorada pela mão e foram saindo, cumprimentando as pessoas que ali estavam. Pegaram um táxi. Quando ele deu o endereço, Valéria se manifestou:

— O centro espírita do grupo? Vamos lá?

— Sim, o senhor Pedro nos espera.

O centro espírita estava aberto naquela hora; três vezes por semana, abriam à tarde, e trabalhadores da casa se revezavam no atendimento aos necessitados. Valéria se admirou: o local era grande e limpo. Pedro veio recebê-los, dando as boas-vindas. Depois, entusiasmado, mostrou a casa para os dois. Pedro amava aquele lugar; depois, os levou a

uma salinha reservada para conversarem.

— Alegro-me por vê-los aqui! — exclamou Pedro.

— Senhor, quero que diga a Valéria como conheceu Margô e o que sabe sobre ela — pediu Guilherme.

— Sua mãe é uma pessoa boa — afirmou Pedro.

— O senhor sabia que ela era

minha mãe? — perguntou a jovem.

— Sabíamos, todos do grupo. Margô fala muito de você, disse para nós que estava em Morro dos Ventos trabalhando, sabíamos seu nome e o que fazia. Assim que a vi, entendi seu conflito e que não queria que ninguém soubesse o que sua mãe faz. Preferimos orientá-la deixando-a perto de

nós para que compreendesse que todos temos problemas.

— Estou surpresa! Obrigada por não ter comentado nada — agradeceu Valéria.

— Vou contar o que Guilherme me pediu — Pedro estava, como sempre, tranquilo. — Margô nos ajuda muito. Ela tem enfrentado até pessoas perigosas. Que eu saiba, foram várias as vezes em que impediu

garotas de serem levadas para outros países como escravas sexuais. Com o nosso auxílio, tirou meninas das mãos de bandidos e traficantes de mulheres. Ajudamos as famílias dessas moças. Trabalham para Margô somente moças que assim o desejam, e ela não permite que sejam maltratadas. Ela impõe respeito, é uma mulher de coragem. Atitudes de

sua mãe já me fizeram pensar, tirei a lição dessa amizade de que não devo nunca agir com preconceito. Realmente, erra quem faz maldades. No mês passado, uma conhecida minha, que se gabava de ser religiosa, certinha, boa, merecedora do céu, rejeitou socorrer um ladrão que fora esfaqueado. Margô o socorreu sem hesitar, cuidou dele, depois o entregou para a

polícia. Isso porque os servidores do hospital estavam em greve. Logo que conheci Margô, pedi a ela que fizesse outra coisa. Ela me respondeu: “Quem cuidará das minhas meninas? Quem ajudará tantas garotas como eu faço?”. Ao visitá-la no seu local de trabalho, foi que entendi a preocupação de sua mãe. Faz dois meses que Margô soube

que um pai estava vendendo a filha de quatorze anos para um senhor rico. Margô pagou mais, comprou a mocinha e, com a nossa ajuda, essa menina ficou morando com uma senhora. Sua mãe a colocou na escola, a levou ao médico e ao dentista. Margô falou para essa garota: “Se você quiser ser honesta, terá o nosso apoio”. A garota respondeu que

queria ficar morando com a senhora e que ia ser obediente e boa. Quando fiquei a sós com Margô, perguntei: “O que é ser honesta para você?”. Recebi a resposta: “Não ser prostituta”. “Não, senhora”, afirmei. “Ser desonesto é ter a atitude desse pai e desse senhor que queria comprar essa menina.” “Por isso que não mudo de profissão”, respondeu Margô.

Então a compreendi e passei a admirá-la, porque há muito já a respeitava. Valéria — Pedro a olhou carinhosamente —, espero que não se envergonhe mais de sua mãe.

A jovem chorou, Guilherme a abraçou. Permaneceram calados por alguns segundos.

— Venham conhecer outros trabalhadores da casa. Logo mais teremos um trabalho de

atendimento — convidou Pedro.

Saíram da sala.

— Ora, que surpresa! O casalzinho de apaixonados de Morro dos Ventos! — Alice veio abraçá-los.

Foi uma visita agradável. Voltaram de táxi.

— Penso que você me deve uma explicação — falou Valéria.

— Faz dois dias que estou aqui — contou o moço. —

Cheguei e, de fato, fui, em primeiro lugar, ao endereço em que mora; observei-as da casa da esquina, não queria ainda que você me visse. Escutei pessoas pela vizinhança. Logo entendi o que você escondia. Fui ao centro espírita à noite e conversei, depois da palestra, com os senhores Pedro, Cláudio e com Silmara; eles sabiam de quem você era filha. Contaram

coisas sobre Margô. Porém, mesmo se escutasse fatos diferentes, saberia separar você de sua mãe. Fui conhecer Margô; quando falei quem era, ela não sabia o que fazer. Entendi que sua mãe sempre recebeu suas atitudes. Espero, querida, que aceite sua genitora e a você mesma.

Valéria voltou a chorar.

— Xi... Não conhecia esse seu

lado de chorona!

— Obrigada, Guilherme!

— Amanhã cedo irei embora.

— Já? — perguntou a jovem.

— Tenho de trabalhar. Vim de ônibus, e a viagem é de cinco horas. Tenho muito o que fazer nesta época do ano. Penso que não dá para voltar aqui nestas férias.

— Irei antes — decidiu a

moça. — Guilherme, queria tanto que seus pais me aceitassem.

— Aceitarem-na depende de você. Quanto ao que sua mãe faz, talvez eles demorem para entender. Vamos fazer o seguinte: irá frequentar nossa casa, conquistá-los. Não é difícil, você é educada e agradável. Aí eu conto, e verá que tudo ficará bem.

— Espero — desejou Valéria.

— Também espero, querida, que você nunca mais se sinta inferiorizada.

Chegaram a casa, Alba os esperava para jantar. À noite, Guilherme se despediu, iria embora no outro dia bem cedo.

Valéria não foi dormir, resolveu esperar pela mãe. Margô se assustou por vê-la acordada sentada no sofá.

— Mamãe!

Valéria se levantou e a abraçou, um abraço apertado. Ambas choraram. Por momentos não conseguiram falar. Uma enxugou o rosto da outra.

— Penso, filha, que devia ter contado a você, e há tempos, minha versão da história.

— Eu nunca quis ouvi-la — Valéria falou baixinho. — Agora

é diferente. Se quiser contar, a escutarei.

— Muitas vezes — falou Margô — planejei contar a você e até inventar desculpas para me justificar. Ainda bem que não o fiz, mentira só piora a situação. O fato é que não tenho justificativas.

— Conte assim mesmo — pediu a jovem.

— Não fui boa filha, desde

pequena dei trabalho e preocupações. Quando criança, queria ter, era consumista, queria roupas, brinquedos etc. Na adolescência, enturmei-me, por afinidade, com pessoas como eu; minhas amigas eram revoltadas, e eu continuei querendo mais. Papai e mamãe faziam sacrifícios, mas somente conseguiam me dar algumas coisas, não conseguiam atender

todas as minhas exigências. Minha primeira relação sexual foi com um garoto do grupo. Duas amigas começaram a fazer programas, achei interessante e passei também a fazer. Não achei ruim e até gostei, porque o dinheiro vinha fácil. Fomos nós três, minhas amigas e eu, trabalhar na casa que dirijo atualmente. Lá, era diferente

naquela época, éramos tratadas indevidamente. Fiquei grávida e fui expulsa do lugar. Vim para casa e tive você. Quis me vingar e voltei. O dono, um senhor idoso, interessou-se por mim. Tornamo-nos amantes; assim, fiz com que mandasse embora sua gerente, que era uma pessoa má. Comprei a preço baixo a casa desse senhor, que era solteiro, e cuidei dele

quando ficou doente. Porém, não me vinguei de ninguém. Quando passei a cuidar de tudo, ajudei as garotas; o resto foi o que o senhor Pedro lhe contou. Quando você ficou maiorzinha e começou a ser discriminada, pensei em largar tudo, mas vinha em minha mente: Quem ajudará essas moças? Depois, já tinha sido, e, infelizmente, para muitas pessoas, quem foi está

marcada. Se não era mais, tinha sido, e você iria continuar sendo a filha de uma prostituta. Com tudo isso, alegrei-me por ajudar financeiramente meus pais. Dei a eles o conforto que mereciam, não deixei lhes faltar nada. Isso não justifica, mas tentei compensá-los por ter lhes dado tantos aborrecimentos.

— E meu pai? — Valéria quis saber.

— Infelizmente, não sei quem é.

— Não tem importância. Tive vovô, tenho vovó e você.

— Obrigada, filha!

— Penso que devo me desculpar.

— Não, por favor! — Margô colocou a mão nos lábios da filha.

— Sendo assim, sinto-me desculpada. Mamãe, ainda

preferiria que você fosse como vovó, porém prometo: nunca mais deixarei ninguém a tratar mal e não me sentirei mais inferiorizada ao ser discriminada. Nunca mesmo!

— Vamos esquecer isso?

— Não quero esquecer — falou Valéria —, quero aceitá-la e amá-la. De fato, não mudamos o passado, mas podemos fazer, no presente, um

futuro melhor. E o nosso futuro  
será amor, nós nos amaremos.

Foram dormir em paz.

# Cinco anos depois

Valéria aproveitou as férias, foi ao centro espírita e levou a avó. Lá, conversou muito, assistiu a palestras e participou de estudos. Comprou outros livros. Visitou novamente o local de

trabalho da mãe, foi com ela à tarde, conheceu toda a casa, entendeu que aquele lugar era diferente do que pensara na sua imaginação de garota mimada. Aceitou o dinheiro que sua mãe lhe deu. Encontrou-se com amigas e, dessa vez, foi diferente: sentiu-se igual a elas.

Voltou para Morro dos Ventos antes de as férias acabarem, e ficou decidido que as duas, mãe

e avó, iriam visitá-la.

Guilherme a esperou na cidade vizinha. Ela chegou numa quinta-feira e, no final da semana, foram acampar com Larissa e o grupo de amigos.

No outro final de semana, Pedro e dois amigos foram para a reunião. O grupo de estudo estava se desenvolvendo a contento. Valéria levou todos os seus livros, até os que não havia

ainda lido, para a biblioteca do grupo. Passaram a ler, comentar e entenderam que se aprende muito com histórias.

As aulas começaram. Todos os alunos voltaram animados com a certeza de que o espírito de Carmélia, a Moça de Branco, não iria mais assustar ninguém. Valéria compreendeu que gostava demais de ensinar.

Foi passar o dia, o domingo,

com os pais do namorado; conheceu seus avós e sobrinhos, esforçou-se para não se sentir inferior, e ele a ajudou. Fez amizades com os familiares do jovem. Passou a frequentar o lar dele nos sábados e domingos que não tinham passeios. Almoçavam e conversavam muito. A família de Guilherme, como os amigos, eram pessoas alegres.

Numa quarta-feira à noite, quando os dois estavam sentados num banco na praça, Guilherme falou:

— Conteí a eles.

— Contou o que e a quem? —

Valéria não entendeu.

— De sua mãe aos meus pais.

— E aí?

— Escutaram calados — respondeu o moço. — Depois, mamãe comentou que sentia

que você escondia algo, que gosta de você e que o que realmente quer é que sejamos felizes.

— E agora? — quis Valéria saber.

— Tudo ficará bem.

A jovem ficou apreensiva e, no domingo em que foi visitá-los, foi tratada como sempre; enquanto ajudava a sogra a lavar

a louça, olhou-a e falou emocionada:

— Obrigada!

As duas se abraçaram, e Valéria chorou.

Foi aceita, e ninguém mais comentou o assunto.

Margô e Alba foram visitá-la, Valéria as acomodou no seu pequeno apartamento. O casal de namorados as levou para passear, apresentou-as a todos.

Foram muito bons esses passeios, e essas visitas passaram a ser constantes.

Os moradores da cidade descobriram o que Margô fazia. Fofocaram. Comentavam com Valéria, que, amadurecida, escutava e respondia:

— É isso mesmo, minha mãe é dona de um bordel. Ela é uma pessoa maravilhosa, e eu a amo! Não me importo com o que ela

faz. Você se importa?

As respostas eram mais ou menos assim. Depois de umas cinco vezes, ninguém mais ousou comentar com ela, e logo outros assuntos passaram a ser alvo de fofocas. Depois desses comentários, quando Alba e Margô foram visitá-la, Valéria fez questão de sair com elas, abraçá-las em público.

“Ai se alguém ofender minha

mãe”, pensou ela determinada, “receberá resposta adequada”.

Mas ninguém o fez, e os pais de Guilherme as trataram bem.

Guilherme e Valéria compreenderam que de fato se amavam e decidiram se casar, planejaram fazer uma cerimônia simples. Convidaram os parentes de Guilherme, que eram muitos; os amigos de Morro dos Ventos; e ele fez

questão de convidar alguns amigos da cidade em que estudou. A noiva tinha somente a avó e a mãe de familiares; não convidou amigos, mas fez questão de que estivesse presente o grupo espírita que tanto os ajudou. Casaram-se no cartório; depois foram ao centro espírita, onde os amigos se reuniram para orar por eles. Valéria estava linda com o

vestido de noiva e, no cartório, entrou de mãos dadas, de um lado com a avó e do outro, com Margô. As duas estavam emocionadas, radiantes de alegria. Os pais do noivo fizeram uma festa, e a cerimônia não foi tão simples assim.

O importante é que o casal estava realmente feliz.

Cinco anos se passaram...

Morro dos Ventos estava modificada. O Grande Hotel do morro era um sucesso. Outros três foram construídos: um na Praia Brava, e os outros dois na cidade. O comércio era movimentado, e a escola estava com todas as suas salas ocupadas. Funcionava lá também o curso médio. Valéria continuava lecionando, havia

outros professores de inglês. Guilherme se tornou um empresário de sucesso, continuava trabalhando também como agrônomo. Infelizmente Toninho não construiu seu sonhado orfanato, mas ajudou na construção de uma creche, mas não viu funcionando, pois ele desencarnou antes da inauguração. A creche recebeu o nome dele. O que Toninho legou

mesmo a todos da região foi seu exemplo de vida.

Valéria e Guilherme tiveram um casal de filhos. Moravam na cidade, numa casa bonita; ao lado, construíram uma menor para Alba, que estava ficando muito com a neta. Margô vinha com frequência visitá-los.

O dia era, tanto para o casal como para o grupo, especial. O centro espírita estava fazendo

cinco anos. iam receber os amigos que vieram ajudá-los na época das dificuldades.

Valéria conversava com a avó.

— Minha neta — contou Alba —, conhecer, aprender e entender o espiritismo me fez muito bem. Estou me lembrando de que, no ano passado, nesta época, estive muito doente e junto tive uma

gripe forte; pensei que ia morrer e até senti que seria bom se isso acontecesse. Entendi, concluí, que muitas pessoas desejam morrer para se livrar de situações difíceis, dolorosas; esquecem-se de que tudo passa, e as dores também. Fiquei depois chateada por ter desejado morrer, porém entendi que não devemos nos preocupar com esses pensamentos, mas

também não devemos alimentar essas ideias. Tenho a certeza de que não irei procurar a morte, porque, com certeza, ela me encontrará um dia. Não tenho medo da desencarnação depois que compreendi que a vida é uma: ora estamos lá, ora cá. Escutei uma palestra na semana passada, no centro espírita, foi uma senhora quem deu. Ela abordou o tema “Peçam, e lhes

será dado; busquem, e encontrarão; batam, e a porta lhes será aberta”.<sup>1</sup> Ela disse que muitas pessoas não entendem por que devemos pedir para receber. Deus não sabe do que necessitamos? Deus é o doador, somos os receptores e, para recebermos, temos de estar receptivos. Recebemos conforme nossa receptividade, que é variável, e devemos

alargá-la e não estreitá-la. A insistência em procurar, pedir e bater é para que se alargue a capacidade receptiva, dar abertura ao doador. Então essa insistência não é lembrar a Deus das nossas necessidades, mas estabelecer em nós condições de receber. Aí tenho pedido, pensando estar receptiva.

— O que pede, vovó? —  
Valéria, curiosa, quis saber.

— Para ter paciência na doença e não mais pensar ou querer desencarnar. Se a vida continua, quero fazer essa mudança em estado espiritual de equilíbrio, e isso inclui estar onde se necessita. Se ainda estou encarnada é porque devo viver no plano físico, e bem. Peço também para entender, assimilar e colocar em prática o que estou aprendendo na

Doutrina Espírita. Foi uma dádiva conhecer o espiritismo!

— Concordo com a senhora, vovó!

Margô chegou; como sempre, trouxe presentes para os netos. Dessa vez informou:

— Filha, estou deixando cada vez mais Marcinho cuidar dos meus negócios. Comprei um apartamento para cada um dos

netos. Você é minha herdeira, mas receberá somente o dinheiro que tenho guardado num banco e o prédio da casa noturna. Irei ainda lá, mas diminuirei minhas idas, quero ter certeza de que Marcinho cumprirá minhas ordens.

— Isso é bom, mamãe! Poderá se mudar para cá!

— Não tenho planos de morar aqui. Gosto do agito de

cidade grande. Depois, sogra não é para ficar perto.

Foram todos à reunião festiva no centro espírita. Fazia três anos que tinham construído o espaço em que se reuniam; era confortável, simples e bonito. O salão grande lotou rapidamente.

Silmara, Cláudio, Alice, Sílvio e outros companheiros foram para prestigiá-los. Pedro havia desencarnado.

Cláudio fez uma esclarecedora palestra; Silmara, a oração. Guilherme pediu para agradecer.

O agrônomo agradeceu primeiro a Deus, depois a Jesus, Maria, aos bons espíritos e não se esqueceu de Pedro, que agora fazia parte da equipe espiritual. Rogou a Deus que permitisse que continuassem recebendo ajuda e esclarecimentos e que

isso fosse compartilhado com todos que ali, naquele simples local, vinham em busca de consolo e orientação. Fez um resumo do histórico daquele centro espírita:

— Tudo começou — contou Guilherme — com a construção do hotel do morro, quando um fantasma, uma desencarnada que lá ficava e não queria ser despejada, foi à escola assustar.

Aí muitas coisas aconteceram. Então, agradeço também a Carmélia, a famosa Moça de Branco, porque foi para nos livrarmos dela que tantos benefícios recebemos. Somos realmente gratos a esse espírito e a esse acontecimento, que parecia, naquele momento, ser muito prejudicial.

Guilherme deu por encerrada sua pequena explanação, olhou

para a esposa e sorriu. Valéria, que continuava encantada com seu sorriso, sorriu também. Estavam deveras contentes.

FIM

1. Nota do autor espiritual (N. A. E.):  
Mateus 6:9-13.
2. N. A. E.: Guilherme vestiu com seus  
pensamentos o texto de O  
*Evangelho Segundo o Espiritismo*,  
capítulo 15, item 10.

1. KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Capítulo 28, item 9. Distrito Federal: Federação Espírita Brasileira, 2015.9
2. KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Capítulo 14, item 159. Distrito Federal: Federação Espírita Brasileira, 2003.
3. DENIS, Léon. *No invisível: Espiritismo e mediunidade*. Capítulo 16. Distrito Federal: Federação Espírita Brasileira, 2005.

4. IMBASSAHY, Carlos. *A mediunidade e a lei*. Distrito Federal: Federação Espírita Brasileira, 2002.

1. N. A. E.: Certamente, quando escutamos algo, o gravamos com nosso próprio vocabulário. Aqui transcrevo copiando algumas partes da obra citada.

1. N. A. E.: Cândida se refere a Mateus 25:31-46.

1. N. A. E.: Normalmente não é dito o nome do desencarnado que recebe auxílio, socorro. Esse fato é raro. Aqui, nesta história, ocorreu porque um dos motivos de o grupo estar ali foi para uma ajuda especial, evitar que esse espírito continuasse assustando crianças e jovens na escola. Normalmente são tratados por “companheiro(a)”, “amigo(a)”, “irmã(o)”, “você” ou “senhor(a)”.



1. N. A. E.: Mateus 7:7-11.

LEIA TAMBÉM O  
ROMANCE BEST-SELLER



Uba vivia tranquilamente numa

aldeia na África com a esposa e duas filhas quando ela foi invadida por mercenários em busca de escravos. Uba viu sua esposa ser morta. Começou ali uma vida de privações e humilhações. Sem entender, foi preso junto a outros homens e, num navio, foi levado para longe. Veio para o Brasil, foi comprado como uma mercadoria e levado para a senzala. Passou a ser chamado de João, e tudo mudou. Aos poucos, foi entendendo o

que era ser escravo. Foi no cativeiro que seu espírito aprendeu muitas coisas e mudou sua relação com o trabalho. Esta obra, em forma de romance, conta como era ser escravo nas terras brasileiras.

# O autor

**Antônio Carlos**, em 2016, completou 84 anos no plano espiritual. Na sua última encarnação, foi médico, porém, ao desencarnar, entendeu que tinha de reparar erros passados por meio da Literatura, pois ele e sua companheira de trabalho, Vera, haviam, no passado, feito uso das letras para agir imprudentemente. Prepararam-se. Ela reencarnou, ele

ficou desencarnado, e, no tempo previsto, começaram a trabalhar.

Antônio Carlos é gentil, bondoso e, com seu talento, consegue transformar em histórias os relatos que escuta.

## **A médium**

**Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho**

nasceu em São Sebastião do Paraíso, Minas Gerais. É casada, mãe de três

filhos, avó e atualmente reside em São Carlos, São Paulo.

Estudou e estuda com empenho a Doutrina Espírita, por meio da qual fez diversos cursos e treinou por nove anos para fazer sua primeira obra literária.

Já escreveu 65 livros, a maioria em parceria com o espírito Antônio Carlos. É com perseverança que faz e refaz seus escritos, dedicando muitas horas por dia à psicografia, atividade

que realiza com amor. Transcreve com carinho o pensamento do autor. Perguntada sobre por que se dedica a este trabalho, responde: “Faço porque amo, porque tem de ser feito”.

 PlanetaLivrosBR

 planetadelivrosbrasil

 seloacademia

 planetadelivros.com.br

Numa pequena cidade litorânea, todos estavam entusiasmados com a expectativa de progresso: um grande hotel seria construído em cima do morro, local privilegiado. Porém, com uma desencarnada que há anos ali estava e assombrava, quem se arriscava a ir lá? Não querendo a construção, ela foi assustar crianças, jovens e professores na escola local. Para

se livrar dessa situação complicada, alguns moradores pediram ajuda a um grupo de estudiosos espíritas, que foi auxiliá-los.

Com a leitura, nos depararemos não só com a incrível história de Carmélia, a Moça de Branco, que aterrorizava a todos em Morro dos Ventos, como também seremos levados à

reflexão do porquê, após terem o corpo físico morto, certas pessoas continuam em lugares que viveram encarnadas, assombrando o local.

**Antônio Carlos, novamente e talentosamente, nos traz uma emocionante história de amor entre dois jovens e dramas sofridos por pessoas que procuraram por orientação. No**

**desenrolar dos  
acontecimentos, esclarece e  
ensina não somente os  
envolvidos na história, mas  
todos os que lerem esta obra.**



VERA LÚCIA  
MARINZECK  
DE CARVALHO

MEU PÉ  
*de*  
JABUTICABA

*pelos olhos*

ANTONIO CARLOS

||| Academia

De nossa  
série  
de best-seller  
**Violetas  
na janela**



# Meu pé de jabuticaba

de Carvalho, Vera Lúcia Marinzeck

9788542216295

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Júlio recebe de herança a propriedade Toca do Tatu, uma fazenda e uma casa,

mas o local tem fama de assombrado. O moço se instala na casa e muitas coisas acontecem. De fato, ele divide a moradia com cinco desencarnados que têm, cada um, sua história de vida. Ossadas são encontradas bem em frente à sua árvore... Júlio e a namorada decidem procurar ajuda e encontram orientações num centro espírita. O livro, embora tenha momentos engraçados, trata de algo sério, que ocorre com muitos

desencarnados que não aceitam a mudança de planos e continuam vivendo iludidos, sem conseguir abandonar o local onde viveram encarnados. Quantas lições podemos tirar desta singela e agradável leitura! A dupla Antonio Carlos e Vera Lúcia nos brinda com mais uma joia literária.

[Compre agora e leia](#)

WILLIAM H. MCRAVEN

NÚMERO 1 DO NEW YORK TIMES  
MAIS DE 4 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS NO MUNDO

**ARRUME**

★ ★ A SUA ★ ★

**CAMA**

PEQUENAS ATITUDES QUE  
PODEM MUDAR A SUA VIDA  
...E TALVEZ DO MUNDO

|| Academia



# Arrume a sua cama

H. Mcraven, William

9788542211702

81 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Deveria ser lido por todos os líderes...  
Um livro para inspirar seus filhos e seus  
netos a serem o que eles querem ser."

THE WALL STREET JOURNAL"Excepcional, interessante e direto ao ponto." REVISTA FORBES"Repleto de histórias pessoais cativantes e inspiradoras. McRaven ensina nos dez capítulos deste livro como superar fracassos, aguentar as críticas e ajudar os outros." THE WASHINGTON POSTQuando foi convidado para proferir o discurso da aula inaugural dos alunos de graduação da Universidade do Texas, o almirante William McRaven pensou em

compartilhar suas lições sobre liderança. Afinal, em 37 anos de carreira na Marinha norte-americana, ele exerceu o comando em vários níveis – inclusive tendo sido o responsável pela missão que capturou Osama Bin Laden. O que ele não imaginava é que o discurso fosse parar nas redes sociais, viralizar e ter mais de 10 milhões de visualizações! Impressionado com o impacto e com o apelo universal, McRaven transformou a palestra em livro onde

resume as 10 lições que aprendeu no treinamento das forças especiais. Assim como o vídeo, o livro virou um best-seller – está em primeiro lugar na lista do jornal The New York Times desde que foi lançado.

[Compre agora e leia](#)

MONJA  
COEN

E NILO CRUZ



ZEN PARA  
DISTRÁÍDOS

---

Princípios para viver melhor no mundo moderno

)) Academia



# Zen para distraídos

Coen, Monja

9788542212600

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Viver nos grandes centros urbanos é um convite diário à distração. Manter o foco em tarefas simples, por mais fácil que

pareça, se torna impossível com o excesso de informações e afazeres diários. Zen para distraídos aplica conceitos do budismo para melhorar o nosso bem-estar. A partir de práticas de meditação, de conceitos básicos do zen e outras técnicas milenares será possível manter o foco, desenvolver tarefas simples com muito mais concentração, ser mais assertivo, atingir objetivos e muito mais.

[Compre agora e leia](#)

**TIAGO  
BRUNET**

**DESCUBRA  
O SEU  
DESTINO**

**AS CHAVES QUE  
ABREM AS PORTAS  
PARA O SEU FUTURO**



)) Academia



# Descubra o seu destino

Brunet, Tiago

9788542214147

192 páginas

[Compre agora e leia](#)

O novo best-seller do autor revelação de 2017 Onde você deseja estar daqui a 10

anos? Quem você precisa perdoar hoje para viver, em 10 anos, a resposta da pergunta acima? O que te impede de recomeçar essa semana, mesmo diante da crise? Seu estilo de vida atual é coerente com seus planos futuros? Ser responsável por seu destino é a maior dádiva que alguém pode receber, porém também pode ser o seu principal problema. Tiago Brunet, a partir de sua experiência como coaching, apresenta

neste livro ferramentas para que você atinja seus objetivos de uma vez por todas. Não importa o tamanho da sua meta. A ideia é que seja possível atingí-la. Sem atalhos, sem confusões, mas com foco, objetividade e motivação. O primeiro passo é descobrir onde você está. O próximo, é correr para o alvo. Antes de descobrir o que está por vir e desvendar o seu destino, você precisa refletir sobre como chegou até aqui, sobre como se

tornou quem você é hoje! Sem saber a localização atual fica impossível projetar o futuro. TIAGO BRUNET

[Compre agora e leia](#)

MONJA  
COEN

APRENDA A  
VIVER  
O AGORA

Conceitos de zen-budismo e atenção plena  
para praticar em até 10 minutos

))(Academia



# Aprenda a viver o agora

Coen, Monja

9788542216196

192 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quanto ao passado nada se pode fazer. O futuro é uma surpresa. O agora é mutável,

é palpável, é real. Assuma o controle de sua vida ao entender que só pode ser dono do presente. Neste livro, Monja Coen demonstrará que é possível estar presente por completo em qualquer atividade. O agora é o único momento real que existe. O passado não pode ser refeito, o futuro nós ainda não sabemos como será. Porém, o presente é real, só depende de nós. Atualmente, as distrações diárias são infinitas. Por isso, o simples

fato de estar 100% focado no agora é uma das capacidades mais importantes. Neste livro, a partir de conceitos do zen-budismo e do mindfulness (atenção plena), Coen Roshi ensinará como é possível estar presente no aqui e agora com técnicas rápidas e práticas que podem ser aplicadas no dia a dia. Seja no trânsito, no trabalho, no carro ou até mesmo em uma entrevista de emprego, com essas técnicas, qualquer um poderá

se transformar no principal agente para construir sua história. Além disso, o livro traz um guia de meditação e invocações budistas para momentos de decisão.

[Compre agora e leia](#)